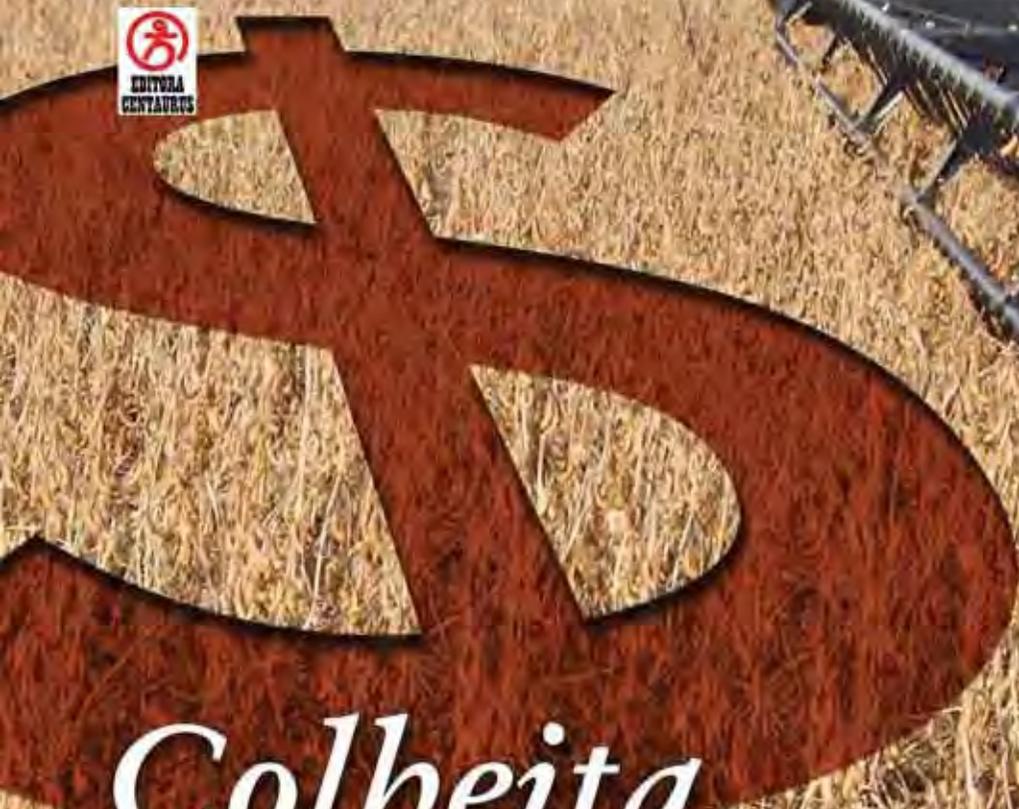


O BRASIL AGRÍCOLA

MARÇO/2011 - Nº 747 - ANO 67 - R\$ 11,90 - www.agranja.com

agranja

desde
1945



Colheita

PROMISSORA

Demanda interna e externa por alimentos aquecida, entrada de fundos e estoques mundiais em baixa levaram as commodities às alturas. O futuro mostra-se próspero para o campo brasileiro

Quantas vezes você sonhou com uma tecnologia dessas na sua lavoura?

Chegou a sua hora.
9470 STS John Deere.



Sistema STS



- Sistema de rotor STS
- Motor PowerTech™ John Deere 238 cv
- Sistema de limpeza - qualidade máxima do grão
- Peneira autonivelante John Deere
- Plataformas em 3 tamanhos: 20, 22 e 25 pés
- Tecnologia alinhada à facilidade de operação
- Opcionais AMS
- Finame. Consulte seu concessionário.



JOHN DEERE



Série 70. A família de colheitadeiras mais completa do Brasil.

www.JohnDeere.com.br



18 REPORTAGEM DE CAPA

O agronegócio brasileiro vivencia momento precioso e promissor

28 ABERTURA DA COLHEITA DO ARROZ

Os produtores querem mais apoio

30 SHOW RURAL COOPAVEL

O otimismo em cada estande



Divulgação

36 MECANIZAÇÃO

Rodados duplos, porque são vantajosos

40 TOMATE

Esta cultura tem muito espaço para crescer



Escolha do Leitor



Arquivo IAV

SEÇÕES

4 O SEGREDO DE QUEM FAZ

Eduardo Daher, diretor-executivo da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef)

- | | | | |
|----|-----------------------|----|--|
| 8 | Vitrine | 60 | Agribusiness |
| 10 | Primeira Mão | 64 | Novidades no Mercado |
| 12 | Aqui Está a Solução | 68 | Biodiesel |
| 14 | Cartas, Fax, E-mails | 70 | Escolha seu Trator e sua Colheitadeira |
| 16 | Na Hora H | 75 | Agroguia |
| 54 | Agricultura Familiar | 82 | Eduardo Almeida Reis |
| 56 | Notícias da Argentina | | |
| 57 | Plantio Direto | | |

Fitossanidade em destaque



44 MILHO
As doenças que rondam a safrinha

48 MILHO II
As invasoras que ameaçam a produção

51 GIRO FMC
Dia de campo com aventura

52 GENTE EM AÇÃO

A DEFESA DA PI

Denise Saueressig
denise@agranja.com

Na hora de ajudar o agricultor a proteger a lavoura do ataque de pragas, doenças e ervas daninhas entra em campo o trabalho das indústrias representadas pela Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef). São 15 associadas que respondem por mais de 600 marcas comerciais e que empregam cerca de 10 mil pessoas no país. Para falar sobre as perspectivas e desafios desse setor, **A Granja** ouviu o economista **Eduardo Daher**, diretor-executivo da Andef. Na opinião do dirigente, que também já foi diretor-executivo da Associação Nacional para Difusão de Adubos (Anda), o Brasil precisa continuar avançando em produtividade e resolver importantes entraves se realmente quiser o título de “celeiro do mundo”.



Gisele Gomes/Andef

PRODUTIVIDADE

A Granja — Estamos num momento que sinaliza uma renda interessante para o produtor de grãos. De que maneira essa expectativa pode impactar o mercado de defensivos, uma vez que a tendência é de aumento no uso de tecnologia nas lavouras?

Eduardo Daher — Os preços das commodities estão em níveis semelhantes aos de 2008. E não são apenas os grãos no mercado internacional que alcançam patamares altos. Em São Paulo, por exemplo, o excesso de chuvas fez subir os valores de produtos como as hortaliças. De certa forma, isso é preocupante, porque brota no mercado internacional uma série de visões catastróficas sobre os alimentos, enquanto a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) diz que há 1 bilhão de famintos no mundo. De qualquer maneira, acreditamos que a renda agrícola da safra 2010, a ser colhida até meados de 2011, será extremamente positiva para a maioria das culturas, e as relações de troca com as empresas de defensivos estão muito favoráveis ao produtor. Os preços dos defensivos caíram, sobretudo, em função do glifosato. Se a soja é 42% do mercado, o glifosato representa, dentro da soja, cerca de 40% do consumo. A entrada dos genéricos refletiu sobre a concorrência no mercado do glifosato. Esse também é um momento em que o produtor rural faz a conta e determina a relação custo-benefício do seu investimento. Se ele sabe que a lavoura terá uma remuneração mais interessante, é natural que vá aplicar mais tecnologia nessa área. Por tudo isso, acreditamos num mercado crescente em 2011, apesar da insegurança relacionada a alguns aspectos da economia.

A Granja — Quais são as razões para a insegurança?

Daher — Podemos lembrar que em 2008, tudo vinha bem, até que a crise americana fez o mundo cair num buraco. Então, 2010 foi um ano de recuperação. No mercado de defensivos, ainda não temos os resultados finais, mas seguramente as vendas ficarão acima dos US\$ 7,1 bilhões, segundo o Sindag (*Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola*). Em dólar, esse valor representa um crescimento entre 8% e 9%, mas em real não houve esse

crescimento devido à defasagem cambial. Para 2011, a expectativa é positiva sim, mas com muito cuidado devido a alguns fatores. Uma dessas dúvidas é saber como o PIB vai evoluir. Nesse contexto, o Governo precisa decidir o que faz com os juros. Se continuamos a combater a inflação com acréscimo de juros, como foi na reunião do Copom (*Comitê de Política Monetária*) de janeiro, continuamos a atrair moeda internacional, e a consequência é que o câmbio derrete. Então, não sabemos o que acontecerá com o PIB e com o câmbio. Mas o câmbio é apenas consequência, porque a causa são os juros. Também não sabemos o que acontecerá com a China, o maior cliente do mundo e com quem os países mantêm uma relação de amor e ódio. Será que a China vai continuar com uma moeda mentirosa? Ocorre que há uma pressão internacional para que o país valorize sua moeda em relação ao dólar e, dessa forma, torne mais baratos os produtos no seu ingresso na China. Isso tende a tornar ainda mais atrativos os preços das commodities brasileiras no mercado chinês. Por esses motivos, temos dúvidas também a respeito da safra a ser plantada neste ano e colhida em 2012, pois projeta-se um ligeiro arrefecimento da economia brasileira, com redução do PIB. Portanto, seria prematuro fazer qualquer projeção sobre o agronegócio e os mercados de insumos para a safra 2011/2012. Lembremos que as commodities são fortemente influenciadas, claro, pelo clima e pelos mercados. E aí também não sabemos se a recuperação da economia norte-americana, iniciada em 2010, vai se confirmar neste e no próximo ano.

A Granja — Como o senhor avalia o avanço da biotecnologia? Há menor uso de defensivos em áreas com transgênicos, mas também há a identificação de invasoras resistentes nas lavouras. Esse é considerado um grande desafio para a indústria?

Daher — A biotecnologia é fundamental para o avanço da produtividade e da sustentabilidade. Se eu conseguir produzir mais grãos com menos químicos e com menos agressão ao homem e ao meio ambiente, será sempre melhor. A identificação de plantas resistentes é sim, um desafio para

as pesquisas e, principalmente, um desafio para o Governo, que precisa agilizar o processo para a aprovação e registro de novas moléculas. Estamos perdendo a corrida porque o processo burocrático brasileiro nos obriga a passar por três órgãos regulatórios. Nos Estados Unidos, os fabricantes passam por um órgão, que é o EPA (*Agência de Proteção Ambiental*), e já obtêm a resposta. No Brasil, passamos pelo Ministério da Agricultura, pelo Ibama e pela Anvisa. Nesse sentido, o Governo brasileiro está prestando um desserviço à velocidade do agronegócio brasileiro.

A Granja — E quais são os problemas nesse processo de registro?

Daher — A legislação brasileira determina que a avaliação das solicitações de registro deve ser concluída em 120 dias, mas a média de espera superou os 38 meses. O grave problema é que existem no Brasil, atualmente, cerca de 20 ingredientes ativos novos aguardando a liberação do registro — alguns deles, protocolados desde 2003. Muitos destes produtos já estão registrados em diversos países, cuja legislação e prioridade a questões toxicológicas e ambientais são tão exigentes quanto aquelas verificadas no Brasil. O grau de exigência do marco regulatório brasileiro é um dos mais rigorosos do mundo ocidental. Não estou dizendo que deva haver descuido, mas se o Brasil pretende ser o celeiro do mundo, precisamos desentravar esse processo. O país adota diferentes classificações para os defensivos. Um órgão usa a ótica agrônômica, outro, a ótica ambiental e o outro, a ótica toxicológica. O resultado é que não chegamos a lugar nenhum. O principal é a sociedade entender que sempre é preciso tomar cuidado. Tem que ler a bula antes, assim como um remédio. O que faz o veneno é a dose. É tão simples, mas muitas vezes não é percebido dessa forma. Uma vez perguntei para uma senhora que estava nos atacando se ela já havia levado o seu filho no médico. Perguntei se ela foi à farmácia e se deu o remédio na dose certa, e ela disse que sim. E eu falei que eu tenho uma filha chamada soja e que eu faço a mesma coisa com ela. E ela me questionou: Como assim? E eu expliquei que chamei um agrônomo; ele viu que a mi-

O país precisa agilizar o processo para a aprovação e registro de novas moléculas

nha soja estava com começo de fungo; ele me fez uma receita agrônômica; eu fui até o revendedor e comprei o produto; o agrônomo me ajudou a aplicar o produto; e agora minha filha está sadia. Então, porque o meu é veneno e o seu é remédio? Eu passei 20 anos comercializando fertilizante e dizia que era comida para planta. Hoje, trabalho com o remédio. É uma questão de peso ideológico e político. É muito mais dramático falar que a comida está envenenada. Mas, se por uma brincadeira o mercado de defensivos paras-se no Brasil, a safra quebrava. A FAO estima que, sem o controle dos defensivos, 40% da produção estaria perdida devido às ervas daninhas, doenças e pragas.

A Granja — Como o Brasil conseguiu diminuir o volume de defensivos utilizados por área?

Daher — Isso ocorreu pela evolução tecnológica das indústrias e pela pressão da sociedade mundial, porque as moléculas usadas aqui são as mesmas usadas em diferentes partes do mundo. O que buscamos são moléculas mais eficientes. Nos anos 60, o Brasil usava 2,1 quilos de herbicida e 1,1 quilo de inseticida por hectare. Hoje, o uso médio de herbicida caiu para 242 gramas e o de inseticidas para 69 gramas por hectare. O Sindag estima que, no período entre 2008 e 2012, os novos investimentos das indústrias em pesquisa somarão US\$ 313,6 milhões. Uma nova molécula demora dez anos para chegar ao mercado.

A Granja — Ao mesmo tempo, no volume total, o Brasil está entre os maiores consumidores mundiais de defensivos, certo?

Daher — Em 2008 fomos o maior mercado, superando os Estados Unidos. Eles têm uma produtividade maior do que a nossa, mas eles não fazem duas safras. A diferença principal é o inverno rigoroso do Hemisfério Norte. Em algumas regiões do Brasil, por exemplo, temos o milho safrinha. O Brasil tem uma dádiva tropical que nos alavanca para ser um grande mercado. Em áreas irrigadas em São Paulo, é possível fazer cinco

safras de feijão a cada dois anos. Temos mais áreas plantadas durante o ano pelo clima tropical, mas também significa que temos uma maior incidência de pragas, doenças e ervas daninhas. Essa é a relevância do mercado brasileiro. No entanto, o mercado brasileiro usa defensivos por hectare em volumes muito inferiores à média internacional. No arroz do Rio Grande do Sul, por exemplo, usamos um décimo do que é usado no arroz do Japão. Usamos um terço da França, metade do americano e, em alguns casos, metade do canadense. Aqui há um potencial enorme para o mercado de tecnologia, seja em sementes, defensivos, calcário ou fertilizantes. Ainda não somos, mas seremos em breve líderes no consumo de insumos. O Brasil é o terceiro maior importador de adubos e deve passar os Estados Unidos em breve. O que nós temos aqui são alguns constrangimentos que os outros não têm, como a logística, por exemplo. E aí, não é só o problema dos transportes, mas da armazenagem. É a capacidade que o Brasil não tem. No Canadá, a capacidade de armazenagem na propriedade chega a 85%. Nos Estados Unidos e na Argentina, esses índices chegam a 60% e 50%, respectivamente. O Brasil chegou a 17%. Outros problemas são o crédito rural e a falta de seguro. Enquanto os outros países têm subsídios, no Brasil, em média, um terço é crédito oficial, um terço é bancado por *tradings* e um terço é capital próprio. No Rio Grande do Sul teve uma seca em dezembro de 2004 e até hoje não há solução para os problemas econômicos dessa época porque não havia seguro para a produção. Custa muito mais caro para a economia tentar resolver isso do que pagar um seguro. A vocação “terra, homem, capital e tecnologia” é muito forte no Brasil, mas temos muito a resolver. Pelo lado do setor produtivo, precisamos continuar dando saltos de produtividade. É preciso avançar na biotecnologia com respeito ao homem e ao meio ambiente, e de forma viável economicamente, porque não adianta inventar o melhor produto e ele ser caríssimo e inacessível ao produtor.

A Granja — Como estão as ações de combate aos produtos contrabandeados?

Daher — O volume de defensivos apreendidos no Brasil entre janeiro e outubro de 2010 chegou a quase 24 toneladas, mas isso é pouco perto do que é comercializado. O Sindag contabilizava que 8% dos produtos tinham uma origem pouco crível, mas a Anvisa fala em 16%. Qualquer um desses números é assustador. Significa que esse produto não passa pelo marco regulatório brasileiro e pode ser muito mais tóxico e muito

mais contaminante. O problema é que é muito difícil para o país controlar esse comércio ilegal, que é tão nocivo quanto o contrabando de drogas. Outro problema é que a embalagem desse produto ilegal não será recolhida adequadamente e alguém ou vai enterrar, ou vai jogar num rio, ou vai queimar.

A Granja — E qual é a importância do recolhimento de embalagens no Brasil?

Daher — Há algum tempo, encontrei por aqui deputados do Canadá que vieram copiar o exemplo do Inpev (*Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias*). O Brasil é referência mundial, porque 95% das embalagens comercializadas são recolhidas. O sistema funciona por lei e é eficiente devido à responsabilidade compartilhada e à logística reversa. Da mesma forma que são vendidos os defensivos, são recolhidas as embalagens. O Inpev montou um sistema de recolhimento e uma estrutura de processamento que realmente funcionam, e o Brasil é exemplo, recolhendo mais do que recolhem juntos Estados Unidos, Canadá e Alemanha.

A Granja — No campo, o que tem sido feito para conscientizar o produtor quanto à aplicação segura?

Daher — O Brasil tem um problema na extensão rural. Nos anos 90, o Governo Collor extinguiu a Embrater e os produtores ficaram desassistidos. Agora, se a indústria não fizer o treinamento, será culpada pela opinião pública se ocorrer um problema de mau uso do produto. Tudo é uma questão de educação. Tentamos levar todo o grau de conhecimento e uso correto até o produtor. Ao longo de todo o ano, as indústrias mobilizam centenas de equipes de *stewardship* e técnicos de campo. Os números do Prêmio Mérito Fitossanitário entregues pela Andef no ano passado mostram que foram capacitadas 1,4 milhão de pessoas em 2009. Nos últimos cinco anos, as ações da indústria, dos canais de distribuição e do Inpev atingiram 4,5 milhões de pessoas ligadas ao campo. ☒

O Brasil é referência mundial porque recolhe 95% das embalagens comercializadas

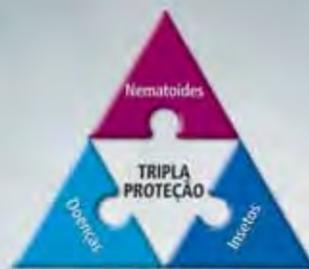
OS NEMATÓIDES ESTÃO ENTRE NÓS.

A Syngenta revela o problema e já traz a solução completa.

Não é ficção: como os nematóides são microscópicos e atacam as raízes, não são identificados facilmente, mas fazem um grande estrago na plantação. Sugam os nutrientes da planta, favorecendo o ataque de doenças e diminuindo a produtividade.

A Syngenta traz Avicta Completo, o primeiro tratamento profissional de sementes que contém em um só produto o nematicida Avicta (Abamectina), o mais eficiente do mercado, o inseticida Cruiser e o fungicida Maxim XL.

Para mais informações, acesse www.avictacompleto.com.br.



“Eles estão por toda parte.”



 **Avicta® Completo**

syngenta.

Restrição de uso no Estado do Paraná. Consulte a bula do produto.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



Fundador
Hugo Hoffmann



MATRIZ
Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO
Praça da República, 473 – 10º andar
CEP 01045-001 – São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Homepage: www.agranja.com

DIREÇÃO-EXECUTIVA
Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO
Editor
Leandro Mariani Mittmann
Reportagem
Denise Saueressig
Editoração
Jair Marmet e Gustavo Meneghetti
Foto de Capa
Leandro Mariani Mittmann
Revisão
Eduardo Elisalde Toledo
Estagiário
Flávia Drago

ASSINATURAS
Gerente de Operações
Amália Severino Bueno
Gerente de RH
Fabrício dos Santos
Circulação
Patrícia Giovanna Liotti Rodrigues

COMERCIALIZAÇÃO
São Paulo – Juliana Camargos
Porto Alegre – Maria Cristina Centeno (gerente RS/SC)
Agroguia – Kátia Torres

REPRESENTANTES
Minas Gerais – José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222
Conj. 105 – Luxemburgo – CEP 30380-530
Belo Horizonte/MG – Fone/Fax: (31) 3297-8194 – Fone: (31) 3344-9100
Celular: (31) 9993-0066
E-mail: josemarianeves@uol.com.br
Brasília – Armazém de Comunicação, Publicidade e Representações Ltda.
SCS – Quadra 1 – Bloco K – Ed. Denasa
13º andar – Sala 1.301 – CEP 70398-900
Brasília/DF – Fone/Fax: (61) 3321-3440
Celular: (61) 9618-1134
E-mail: armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio Editorial: Chacra (Argentina)

A Granja é uma publicação da Editora Centaurus, registrada no DCDP sob nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade, Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1.526 – Menino Deus
CEP 90150-004 – Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
Exemplar atrasado: R\$ 13,00

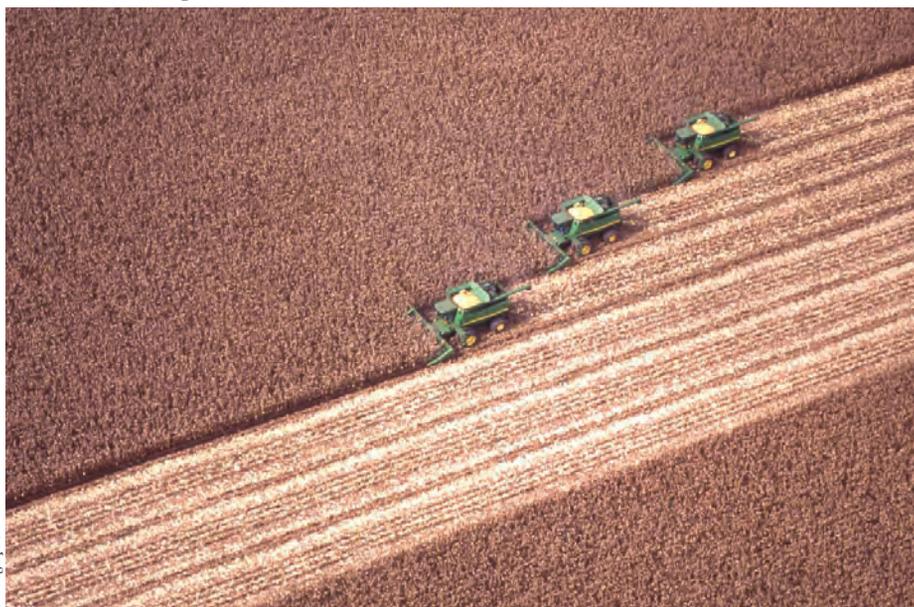
A COLHEITA DOS SONHOS E DA RENTABILIDADE

Uma conspiração de fatores externos e internos – de origens climática, sócio-econômica e especificamente agrícola – encaminham o agronegócio brasileiro a vivenciar uma safra histórica. E o melhor: desta vez, também o produtor vai usufruir partes desta glória – leia-se, rentabilidade. Afinal, é comum a mídia propagar as riquezas e os feitos da agricultura brasileira, com suas cifras bilionárias, mas muitas vezes o principal responsável por esses números reluzentes esteve, na realidade, no prejuízo ou no máximo “comemorando” um zero a zero. A reportagem de capa desta edição traduz o momento otimista e próspero do campo. O algodão mais que dobrou sua cotação internacional e a soja chega a proporcionar ao agricultor rentabilidade de 89%! O consumo interno e externo de commodities aquecido por causa da mobilidade social (do Brasil à China), as quebras de safra em alguns países da Europa em consequência de secas e os estoques mundiais encolhidos de maneira rara explicam o momento.

E a megafeira Show Rural Coopavel, em fevereiro na pujante Cascavel/PR, retratou a realidade animadora. Es-tivemos lá e um resumo do que ocorreu está nesta edição, numa reportagem especial sobre a feira, assim como nas seções Gente em Ação e Novidades do Mercado. Aliás, você vai notar uma pequena e significativa alteração na composição das seções d’**A Granja**: Novidades do Mercado e Flash se fundiram a partir desta edição. A denominação segue Novidades do Mercado, e no espaço serão divulgadas todas as mais relevantes informações de empresas ligadas ao agronegócio. E a seção aumentou seu espaço. É muito mais informação sobre o que a iniciativa privada faz pelo agronegócio brasileiro.

O que não mudou foi a qualidade das demais abordagens da revista. Desde O Segredo de Quem Faz, desta vez com Eduardo Daher, presidente da Associação Nacional de Defesa Vegetal (Andef), aos providenciais artigos do espaço Fitossanidade em Destaque.

Boa leitura! Boa colheita!



VOLVO VM

NO CAMPO OU NA CIDADE
SUA ECONOMIA NÃO PARA
NEM PARA ABASTECER



Cinto de segurança salva vidas

VOLVO TRUCKS. DRIVING PROGRESS

www.volvo.com.br





SAFRA DAS SAFRAS

E a safra nacional de grãos e fibras 2010/2011 deverá atingir o recorde de 153 milhões de toneladas, aumento de 2,6% (ou 3,8 milhões de toneladas) sobre 2009/10 – de 149,2 milhões de toneladas. Já a área de cultivo foi ampliada 3,1%, para 48,8 milhões de hectares. Houve crescimento de área para o feijão (+8,4%), a soja (+2,8%), o arroz (+2,5%) e o milho safrinha (+3,2%). Parte da explicação para a megaprodução é que os efeitos do fenômeno climático La Niña foram menos intensos do que se previu.

VAI FALTAR PORTO

E a administração do Porto de Paranaguá/PR já avisou do risco de congestionamento de caminhões no auge da colheita. A previsão é que haverá pressão por escoamento maior do que o sistema de embarque possa atender. Ainda que o diretor de desenvolvimento empresarial do porto, Lourenço Fregonese, garanta que o porto está melhor preparado para atender a demanda. “Somente a dragagem nos dois berços deve elevar de 15% a 20% a carga dos navios, que até 2010 deixavam o porto com somente 70% de sua capacidade, em média”, argumenta.

“Sentimos muita falta de sintonia no setor irrigante, dessa forma acabamos espalhando as energias. A decisão da criação da Secretaria Nacional de Irrigação vai ao encontro de um pleito nosso, para que haja um órgão dentro do Governo Federal que tenha representatividade e peso suficiente para negociar alguns entraves ao nosso crescimento”, avaliou Marcelo Borges Lopes, presidente da Câmara Setorial de Equipamentos de Irrigação da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), sobre a criação, pela Presidente Dilma, da nova secretaria. Um dos objetivos da Senir é ampliar a área irrigada do país, bem aquém das potencialidades da agricultura brasileira.

Oeste baiano

O algodão no Oeste da Bahia tem se mostrado tão rentável, mas tão rentável, que alguns produtores não titubearam: simplesmente dessecaram lavouras iniciais de soja para abrir mais espaço para a herbácea, plantada mais tarde. “Um hectare de algodão está valendo quatro de soja”, comenta o engenheiro agrônomo André Simon, que atua na região. Mas vale o registro: a soja também está com cotações fabulosas. A safra de algodão na região deverá ser ampliada em 100 mil hectares, para 360 mil hectares.



Algodão sem limites

O algodão é, entre as culturas mais importantes, a que mais terá ampliação de área na safra nacional 2010/11, conforme o mais recente levantamento da Conab. A safra algodoeira vai ocupar 1,304 milhão de hectares (a maior dos últimos dez anos), ou 469 mil hectares a mais que na safra anterior – 56% de expansão. A Conab justifica o boom: “Recorde histórico da alta de preços provocado pela forte redução dos estoques mundiais, ocasionados pela elevada demanda – principalmente da indústria têxtil – proveniente da Ásia.” As cotações internacionais explodiram em um ano: incremento de mais de 130%.





Sarkozy no alvo

“Na verdade, as commodities apanharam durante décadas e décadas. As causas para essa elevação (de preços) estão muito bem detectadas. Se tem alguma coisa a ser feita nesse campo, é estimular o aumento da produção, não inibir”, sugeriu o ministro da Fazenda, Guido Mantega, sobre a proposta esdrúxula do presidente francês, Nicolas Sarkozy, de controle de preços das commodities visto os aumentos nos últimos meses – e o conseqüente recrudescimento da fome nas regiões mais pobres do mundo.

“Enquanto os preços estiveram achatados nenhum presidente francês ou outra autoridade europeia ou americana propôs uma garantia de preço aos produtores dos países em desenvolvimento. Agora que temos o protagonismo produtivo eles querem destruir nossa agricultura a pretexto de manter a deles artificialmente, com subsídios”, emendou Wagner Rossi, ministro da Agricultura.

Soja vai trazer US\$ 22 bi

O aperto no quadro mundial de oferta e demanda deverá favorecer as exportações brasileiras do complexo soja – grão, óleo e farelo, segundo a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove). A previsão de receita com as vendas internacionais deverá se constituir no recorde US\$ 21,827 bilhões. Os preços internacionais estão altos devido à forte demanda internacional, sobretudo da China, e a previsão de estoques baixos nos Estados Unidos, além da redução da safra argentina (terceira maior exportadora) em consequência do clima.



Geneticamente verde amarelo

No ano passado, o Brasil plantou 25,4 milhões de hectares de transgênicos, aumento de 19% (ou 4 milhões de hectares) em relação ao ano anterior (de 21,4 milhões). Assim, o país se consolida na segunda posição como o segundo no ranking mundial de países que adotam as culturas geneticamente modificadas. De 148 milhões de hectares de lavouras GM no planeta em 2010, os Estados Unidos foram responsáveis por 66,8 milhões, e a Argentina por 22,9 milhões.

Terras nas nuvens

A reboque das cotações nas alturas, o valor das terras agrícolas no país dispararam. No fim do ano passado, o preço médio bateu recordes e consolidou-se como a sua maior valorização anual desde 2008. É o que indica levantamento da Informa Economics/FNP (ex-AgraFNP). Nas regiões Sudeste, Nordeste e Norte, o preço dobrou em alguns locais entre janeiro e dezembro. Já no Sul, houve altas de até 92,3%, como em áreas de pastagens de Cerro Azul/PR. E, em Aripuanã/MT, a cotação do hectare de mata de difícil acesso (para reserva florestal) subiu 105,6% – de R\$ 170 para R\$ 350 por hectare.

As terras mais valiosas estão realmente no Sul e Sudeste em razão da melhor infraestrutura logística. Nas várzeas para arroz em Rio do Sul/SC o hectare fechou 2010 valendo R\$ 43 mil, alta de 23% em 12 meses. Na sequência, estão Ribeirão Preto e Sertãozinho (regiões de cana no estado de São Paulo), com hectare cotado a R\$ 24 mil, alta de 20% em um ano. Na média do país, o preço de um hectare atingiu no último bimestre de 2010 R\$ 5.017, incremento de 9,1% em relação a janeiro de 2010, quase o dobro do registrado em 2009 (5%).

COMO REDUZIR OS PROBLEMAS COM A ESTIAGEM

Existem medidas que os agricultores familiares podem adotar nas propriedades para diminuir os efeitos da estiagem sobre a produção?

Vicente Branco Aguiar

Canguçu/RS

R- Sim, Vicente. Na sua região, que é a Metade Sul do Rio Grande do Sul, os produtores rurais vêm enfrentando uma série de prejuízos devido à escassez de chuva. Essa ocorrência serve de alerta para a necessidade da adoção de medidas preventivas capazes de minimizar os impactos do clima sobre a agricultura e a pecuária. O diretor técnico da Emater/RS, Alencar Rugeri, frisa que a estiagem atinge o Rio Grande do Sul de forma sistemática e, justamente por isso, os técnicos desenvolvem um trabalho contínuo de apoio técnico incentivando ações capazes de reduzir suas conseqüências. “Não há uma solução única, mas um conjunto de atitudes que devem ser tomadas continuamente e de forma planejada, inclusive em anos de condições climáticas normais, para dar segurança à produção”, alerta Rugeri. Entre as primeiras medidas a serem adotadas estão a diversificação das atividades e a estruturação do solo. Com a diversificação das culturas o produtor pode reduzir os impactos não apenas do clima, mas também de outro fator externo que pode incidir sobre seu negócio: a oscilação de preços. Outras medidas fundamentais que devem ser tomadas continuamente, segundo Rugeri, são o respeito ao zoneamento agrícola e a adoção de técnicas como plantio direto, com curvas de nível, rotação de culturas, e a produção de palha, tudo isso para garantir um solo estruturado com matéria orgânica. “Todas estas ações garantem que haja uma maior infiltração e um armazenamento de água no solo para não haver prejuízos durante estiagens curtas”, explica Edemar Streck, engenheiro agrônomo da Emater. De acordo com ele, a partir deste manejo adequado do solo, o produtor pode partir para o passo seguinte: o armazenamento de água. Na forma de cisternas, poços artesianos e açudes, as reservas de água são utilizadas em períodos mais longos de seca para suprir as necessidades de consumo da família e dos animais, além de garantir a irrigação das culturas e pastagens. Com o planejamento e a execução de obras de captação e armazenagem, o produtor está preparado para armazenar água nos meses de excedente e utilizá-la durante os períodos de estiagem.



PLANTIO DA MANDIOCA

Sempre ouvi dizer que devemos plantar a rama de mandioca na horizontal. Mas eu prefiro plantar na vertical, pois assim a planta gera mais raízes. Qual é a melhor maneira?

Irineu Mariani

Linha Progresso, Riqueza/SC

R- Prezado senhor Irineu, segundo o pesquisador Mauto Diniz, da Embrapa Mandioca e Fruticultura, sediada em Cruz das Almas/BA, os plantios com a maniva inclinada e na vertical possibilitam sim, maiores rendimentos de raízes. Mas a maneira recomendada é na horizontal, porque facilita a colheita das raízes, que têm a tendência de acompanhar a posição das manivas. Na horizontal, fica perto da superfície, facilita o arranquio. Quando a maniva

é colocada na vertical, há variedades de mandioca cujas raízes são compridas e podem aprofundar até meio metro. Assim não saem só puxando. É preciso cavar um buraco para tirar cada uma. Enquanto no caso daquelas manivas que foram plantadas na horizontal dá para se arrancar uma tonelada por dia de raízes, quando colocadas na vertical, só é possível arrancar 300, 400 quilos. Ou seja, é preciso dois dias e meio para arrancar a mesma quantidade.



Léo Cunha



PRODUÇÃO DE BORRACHA NATURAL

Tenho curiosidade em saber qual o cenário da produção de borracha natural pelo Brasil. Esse é um mercado importante e interessante economicamente?

Nelson da Silva Borba

Rio Verde/GO

R- Caro Nelson, a produção interna do Brasil atende apenas 30% da demanda, que é sustentada principalmente pela indústria automobilística. Para incentivar a produção de borracha natural, o governo ampliou o crédito disponível e facilitou as condições de financiamento para a safra atual (2010/2011). Segundo números do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), as projeções do consumo do produto mostram que vale a pena investir em novos seringais. Até 2030, estima-se que a demanda nacional vai alcançar um milhão de toneladas. Atualmente, a produção interna é de 130 mil toneladas. Uma das novidades para esta safra é o Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC), que dispõe de linha de crédito de R\$ 2 bilhões. O programa permite, por exemplo, que o recurso seja direcionado ao plantio e à manutenção de florestas comerciais. O dinheiro pode ser utilizado

também na adoção do sistema de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta. Os juros são de 5,5% ao ano. A borracha natural também faz parte da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM) desde 2005. Hoje, o preço mínimo fixado para o produto é de R\$ 1,53/kg de coágulo (borracha bruta). Cerca de 80% da borracha natural consumida no mercado doméstico destina-se à indústria de pneumáticos. A produção interna está concentrada em São Paulo (55%), Mato Grosso (14%) e Bahia (13%). As exportações de borracha natural, em 2010, somaram US\$ 29,5 milhões, com 7,4 mil toneladas. As importações totalizaram US\$ 790,46 milhões (260,8 mil toneladas) em 2010. Foi o maior valor e o maior volume de borracha natural importada pelo Brasil, superando 2008. O principal fornecedor de borracha natural para o Brasil é a Indonésia (45% do total).

O BRASIL AGRÍCOLA

a granja

À sua disposição

ASSINATURAS Call Center

Ligue grátis
0800-5410526
Grande Porto Alegre
Fone/Fax: (51) 3232-2288
Segunda a sexta, das 8h30 às 19h30
Sábado, das 9h às 14h

INTERNET www.agranja.com

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca de forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

NEWSLETTER

Cadastre-se e receba toda a semana: 0800.541.0526 ou no site: www.agranja.com

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:
mail@agranja.com

Fax:
(51) 3233-1822

Cartas:
Av. Getúlio Vargas, 1.526
Porto Alegre/RS
CEP 90150-004

As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor. Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE UM AMIGO COM UMA ASSINATURA

Ligue grátis
0800.5410526

Grande Porto Alegre (51) 3232-2288
amalia@agranja.com
ou www.agranja.com

PARA ANUNCIAR LIGUE

(11) 3331-0488
mailsp@agranja.com
(51) 3233-1822
mail@agranja.com



FÉ NO MILHO

Nos mesmos dias em que eu lia a reportagem d' *A Granja* (Edição de fevereiro) sobre o bom momento do milho, vi no noticiário que talvez no Nordeste o pessoal importe milho da Argentina, já que somando preço interno e mais custos de transporte, é mais barato trazer dos *hermanos*. Isso é lamentável, um tapa na cara do nosso produtor de milho. Quando o preço está ruim, ele perde. Quando preço está bom, é trazido milho de fora do país. O Governo teria que fazer alguma coisa, como melhorar o sistema de transporte ou sei lá o que mais. Não dá para o milho argentino chegar para o pecuarista baiano mais barato que o milho do Mato Grosso do Sul.

Gilberto Gutierrez
Uberlândia/MG

FÉ NO MILHO II

Planto milho há mais de 25 anos. Realmente, é uma cultura não muito confiável. Já deixei de ganhar muito dinheiro porque na hora da colheita o preço estava lá embaixo. Mas neste ano estou extremamente otimista. Não acredito que o preço de hoje – que está muito bom, diga-se de passagem, vá desabar. Os mercados de carne estão bastante aquecidos, um bom indício de consumo. Boa sorte para nós.

Juanito Belvedere
Assis Chateaubriand/PR



PARCEIRA DO AGRONEGÓCIO

A Entringer parabeniza a Revista *A Granja* pela grande conquista de comemorar 66 anos. Uma data como esta consagra seu empreendedorismo e ilustra com louvor seu esforço em fazer o melhor para o agronegócio. Estamos em um momento em que o sucesso dos nossos produtores será determinado por sua capacidade de profissionalizar-se e tornar-se entidades modernas de representação no agronegócio, fortalecendo assim sua inserção nas redes nacionais e internacionais. Nesse contexto, é de extrema valia que tenhamos acesso a uma revista de credibilidade e de força no âmbito do agronegócio como a revista *A Granja*. A Entringer agradece sua participação na edição especial de aniversário d' *A Granja* e salienta seus votos de sucesso! Parabéns a toda equipe!

**José Roberto Entringer, diretor-presidente, e
Carolina Entringer Gava, diretora-executiva da Entringer**

EM DEFESA DO PRODUTOR

Gostei da entrevista da senadora gaúcha Ana Amélia Lemos (edição de janeiro). Achei suas posições bem claras e bem inteligentes. Que bom saber que teremos lá dentro do Senado alguém como ela, que agora se junta à senadora Kátia Abreu, outra batalhadora pelo produtor rural. Espero que o “sistema” deixe a senadora Ana Amélia trabalhar pela agricultura brasileira.

Nemézio Trajano
Jataí/GO



Leonardo M. Mittmann e Cristiano Santanna

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

COLOCAMOS O TRATOR MAIS MODERNO DO BRASIL A SERVIÇO DO PRODUTOR. E ISSÓ É SÓ O COMEÇO.

**SÉRIE MF7000 DYNA-6, COM TROCA DE MARCHAS AUTOMÁTICA.
COMECE A PRODUIR MAIS, MUITO MAIS.**



MASSEY FERGUSON Trabalhando com você.



transmissão
automática
Dyna-6



controle remoto
de 162l/min
com bomba de
pistão variável

150cv | 170cv
190cv | 215cv

4 modelos

CONCORRA A UMA VIAGEM PARA A FRANÇA. ACESSE WWW.MASSEY50ANOS.COM.BR E PARTICIPE.



COMO OBTER RESULTADOS MANEJANDO O REFLORESTAMENTO

Tive a oportunidade de passar por governos em diversas fases de estímulo ao reflorestamento. Ora por incentivos fiscais, como o do famoso Artigo 18, ora por pressão do mercado, face às demandas das siderúrgicas e de outras indústrias dependentes de matéria prima florestal. Mas só agora, quando deixei definitivamente governos, venho me deparar com uma nova tecnologia, altamente favorável ao desenvolvimento florestal. O que muito me alegrou.

A Embrapa desenvolveu uma nova tecnologia que eu a chamo de “Tupiniquim”, tamanha a sua versatilidade e que, se adotada em todo o país – o que, aliás, já vem acontecendo progressivamente –, indiscutivelmente mudará a face do nosso agronegócio, posso garantir.

Quero em primeiro lugar já ir alertando que ela não será facilmente copiada, pois é exclusiva para regiões tropicais do globo e os nossos principais concorrentes da agricultura temperada não as têm. Trata-se de desenvolver em uma mesma área, num mesmo ano, duas ou mais culturas ao mesmo tempo, em benefício de ambas. Vou explicar. Tudo começou com o famoso plantio direto que, aliás, não é invenção nossa. Ele já surgiu há diversos anos, até mesmo nas regiões temperadas do globo. Chegou aqui no Brasil há mais de 30 anos, pelo Sul, no Rio Grande do Sul e Paraná, nossas regiões temperadas e subtropicais.

O plantio direto se credenciou como uma prática altamente conservacionista, e alguns colegas nossos, agrônomos pioneiros e depois a própria Embrapa, tentaram trazê-lo para as regiões tropicais, o nosso cerrado, o que não seria fácil. Aí começaram a verificar que além da palha morta, poderíamos usar uma cobertura viva, compatível com a cultura em questão. Começaram a pesqui-

sar e verificaram que a maioria de nossas pastagens, especialmente as *brachiarias*, eram compatíveis com as principais culturas que se desenvolviam nos cerrados brasileiros: o arroz, o feijão, a soja, o milho, o sorgo, o algodão, o girassol e até com algumas árvores, entre elas o eucalipto, que mais se sobressaiu.

Na pesquisa, verificaram que era absolutamente viável cultivar o arroz, o feijão, a soja, o milho, o sorgo, etc., em cima de uma pastagem viva, sem destruí-la, apenas controlando ou inibindo o seu crescimento com a aplicação de

Alguns especialistas tiveram a ideia de colocar o eucalipto com espaçamento entre linhas maior que o usualmente cultivado, e no meio das linhas realizaram com o mesmo êxito a integração lavoura e pecuária

uma leve dose de um secante químico que nenhum mal maior faria à pastagem ou ao meio ambiente, para facilitar o desenvolvimento da cultura anual desejada, até que ela se encorpasse o suficiente para completar o seu ciclo. Após 60 ou mais dias, a pastagem iria começar a se reabilitar. Mas pela falta de luz, em função da cobertura da planta anual que fora protegida, fica estiolada até que se complete definitivamente o ciclo da cultura anual, quando então se faz a colheita rápida da planta escolhida. Abre-se, assim, o espaço ideal para o crescimento de uma nova pastagem fortalecida com os resíduos de fertilizantes usados na cultura principal e os seus restos culturais.

Esta é também uma excelente forma de recuperar as nossas áreas degradadas.

O mais impressionante disto tudo é que alguns engenhosos companheiros começaram a colocar no meio desta prática a presença de árvores com espaçamento maiores que os comumente usados e estas se integraram no sistema com produtividades maiores que as esperadas. Foi aí que alguns especialistas em reflorestamento tiveram a ideia de colocar o eucalipto com espaçamento entre linhas maior que o usualmente cultivado e no meio das linhas realizaram com o mesmo êxito a integração lavoura e pecuária. No fim do ciclo, ti-

veram um rendimento da floresta muitas vezes maior que o esperado. Vejam o caso da Votorantin, em Vazante/MG, onde foi feita a integração lavoura e pecuária, junto com o eucalipto com o espaçamento de nove metros entre as linhas e de dois metros nas linhas. Conseguem ao final de um ciclo de dez anos um rendimento de mais de 350 estérios de madeira por hectare. E

neste período já tiraram também várias toneladas de culturas anuais e muitas arrobas de boi. Perguntem a eles se tem outra solução mais rentável?

O que me espanta é que o Brasil na última Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas se comprometeu a colocar recursos suficientes para implantar no país uma Agricultura de Baixo Carbono (ABC). E desde o ano passado vem cumprindo a promessa, colocando nos bancos oficiais e nos particulares, via BNDES, substanciais recursos para o ABC, mas nem o executivo nem os bancos tomam qualquer medida para implementar o programa! O dinheiro está parado e os agricultores brasileiros esperando. Até quando? ☒

Engenheiro agrônomo, produtor, ex-ministro da Agricultura



NA HORA DE ARMAZENAR, O MUNDO TODO
FALA A LÍNGUA DO PRODUTOR BRASILEIRO.



SOJA - SOYBEAN - SOYA - فول الصويا



ARROZ - RICE - ARROZ - الأرز



TRIGO - WHEAT - TRIGO - القمح



MILHO - MAIZE - MAIZ - الذرة

KEPLER WEBER - KEPLER WEBER - KEPLER WEBER - KEPLER WEBER



ARMAZENAGEM TRADUZIDA PARA O MUNDO.

A cada dia que passa, mais países aprovam os silos Kepler Weber. Europa, Ásia e África já armazenam seus grãos da mesma maneira que os produtores brasileiros, transformando o que era liderança no Brasil em referência mundial no mercado. Mais que um reconhecimento de qualidade, uma afirmação de que evoluir ao lado do homem do campo é o melhor caminho. Afinal, tudo que a Kepler Weber faz é para atender o produtor mais exigente do mundo: você.

KEPLERWEBER
EVOLUÇÃO É NOSSA MARCA.

SAFRA HISTÓ

Após os altos e baixos da década passada, os próximos dez anos prometem os mesmos solavancos peculiares à atividade agropecuária. Mas a arrancada nesta safra 2010/11 mostra-se até agora de maneira gloriosa aos produtores brasileiros, em que se destaca a rentabilidade em quase todas as culturas – com destaque para o boom do algodão

Glauco Meneghen

Superlativa é pouco para conceituar a safra atual, que neste momento está sendo colhida pelo país. Parece exagero? Não para quem passou a ver os produtores amargando penúria com problemas climáticos, falta de crédito, preços internacionais baixos e armazéns cheios. Agora, as commodities agrícolas atingem cotações recordes, o consumo mundial está aquecido e os estoques de passagem estão muito abaixo da normalidade. Embora os que estão no campo e vivem da indústria sem telhado devam comemorar e aproveitar o momento, é preciso pensar no aspecto cíclico da agricultura. Portanto, se preparar para o tempo de vacas magras, e também para o risco que a escalada inflacionária dos alimentos

oferece para a segurança alimentar.

O Brasil está prestes a colher 153 milhões de toneladas de grãos e fibras, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) apurou no seu quinto levantamento de safra, divulgado em fevereiro. Se confirmada, a produção será um recorde – aumento de 2,6% –, o que representa acréscimo de 3,8 milhões de toneladas na comparação com a safra passada. Já a área de cultivo deve aumentar 3,1%, para 48,8 milhões de hectares.

As cadeias das carnes também terão o que comemorar em 2011. De acordo com o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda, na sigla em inglês), o Brasil poderá retomar o posto de maior fornecedor mun-

dial em carne bovina. O Usda projeta crescimento de 2,1% no comércio mundial, com destaque para expansão de 8,1% de aumento nas vendas externas brasileiras. Os embarques brasileiros devem somar algo como 2 milhões de toneladas em equivalente carcaça, conforme o Fórum Nacional Permanente de Pecuária de Corte da Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Atualmente, o país conta com mais de 200 milhões de cabeças, o que garante a produção de 10 milhões de toneladas de carne/ano.

Mais, o Brasil deverá ter excelente desempenho interno e externo sem problemas de abastecimento, embora a inflação campeie e assuste os consumidores. De acordo com o coordena-

RICA À VISTA



nador de Planejamento Estratégico do Ministério da Agricultura, José Garcia Gasques, o Valor Bruto da Produção (VBP) – a renda porteira para dentro – deverá alcançar R\$ 184,2 bilhões, aumento real de 4,55% em relação ao ano passado. Gasques explica que a projeção foi realizada com base nos preços de novembro de 2010, quando na média estavam abaixo dos registrados em fevereiro de 2011. Por isso, o desempenho do VBP tende a ser ainda melhor, o que permite que ele projete um ano de rentabilidade positiva.

Deu branco — Embora praticamente todas as commodities vão oferecer bom retorno aos produtores, com exceção do arroz, que tem contado com intervenções do Governo ao longo do ano, já se pode apontar que o maior destaque de 2011 será a cultura de algodão. O preço internacional da libra-peso é o maior em 140 anos, nada mais nada menos do que o período de existência do acompanhamento das cotações.

Até o final de fevereiro o contrato de compra e venda de maior valor havia sido transacionado a US\$ 1,70 na Bolsa de Nova York. Até então, a expectativa era que os produtores brasileiros comercializassem numa média de US\$ 1,10, o que é excelente tendo em vista um custo projetado de 65 centavos de dólar a libra/peso. E o mais significativo: os produtores conseguiram captar o movimento de alta de preços a tempo para decidir por representativa ampliação de plantio. E o momento não passou despercebido pelos analistas que acompanham de perto os números da agropecuária. Graças ao preço do algodão, Gasques informa que o VBP de Mato Grosso ultrapassou o do estado do São Paulo, o que é uma raridade, já que as cadeias da cana, laranja e outras normalmente asseguram larga vantagem aos paulistas.

A área 56,1% maior em relação à safra anterior poderá levar a uma produção de 1,9 milhão de toneladas de pluma, ou 756 mil toneladas a mais. “O clima ainda nos mantém em alerta. Prevemos que a safra supere o recorde visto em 2008, com 1,6 milhão de toneladas. Inicialmente, ela já superou até as nossas expectativas e, se



Praticamente todas as culturas vão propiciar um bom retorno ao produtor na safra 2010/2011, com raras exceções como a do arroz

Leandro M. Mirmann

o clima ajudar, podemos chegar a 2 milhões de toneladas nessa safra” projeta Sérgio de Marco, presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Algodão (Abrapa). Outra marca que deverá ser batida é a das exportações, estimadas em mais de 700 mil toneladas em 2011. Com isso, o Brasil poderá vir a ser o terceiro maior exportador mundial, atrás apenas dos Estados Unidos e Índia.

Para se ter ideia da vantagem que leva a herbácea sobre as demais culturas no momento, alguns produtores de Mato Grosso chegaram a arrancar pés de soja para implantá-la. “Os produtores fizeram as contas e, ainda com o gasto para fazer a reconversão, ficava mais vantajoso”, revela o analista da Safras & Mercado, Miguel Biegai.

Causas — Tudo começou com a quebra de safra no ano passado na Índia e Paquistão, que estão no rol dos maiores produtores e exportadores agrícolas e sofreram com o clima adverso. Uma safra planetária potencial de 120 milhões de fardos acabou reduzida a 116 milhões de fardos. Em consequência, a relação estoque/consumo que foi de 43,70% na safra 2009/10, deverá encolher para 36% em 2010/11. O Uzbequistão, o terceiro maior exportador, com 800 mil toneladas, deverá colher menos tam-

bém por problemas climáticos.

“No algodão, esse percentual é extremamente ajustado, tendo em vista que a cadeia é mais longa comparativamente a outras culturas, como a soja e o milho”, explica Biegai, da Safras. Para o mercado ficar tranquilo, indica o especialista, a relação deve oscilar entre 45% e 50%. Quem lidera essa impressionante retomada são os cotonicultores de Mato Grosso, que deverão produzir 1,1 milhão de toneladas de pluma. “Esta safra representará a maior produção e a maior exportação da história da cotonicultura do estado”, comemora o diretor executivo da Associação Matogrossense dos Produtores de Algodão (Ampa), Décio Tocantins.

O estado deverá exportar algo

O Brasil poderá ter 153 milhões de toneladas de grãos e fibras em 2010/11, produção que seria recorde com acréscimo de 3,8 milhões de toneladas ante a safra passada



Mais

caminhos abertos para a
produtividade no plantio.

Furadan®

- Efeito fitotônico
- Proteção e uniformidade no estabelecimento do canavial
- Amplia a formação do sistema radicular
- Melhor germinação e vigor da cana
- Eficiência comprovada no controle de pragas

FURADAN. SINAL VERDE PARA A PRODUTIVIDADE.



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



nematoides.com.br
fmcagricola.com.br

FMC

Fazendo Mais pelo Campo

como 500 mil toneladas de algodão em pluma. Para Tocantins, o grande desafio será o escoamento desta superprodução, em que o algodão deverá competir espaço com a soja nos caminhões rumo aos portos de Parana-guá/PR e Santos/SP. Cem por cento do algodão de Mato Grosso é exportado por rodovia, o que encarece o custo. Nos cálculos de Tocantins, para cada libra-peso o desembolso com o transporte é de 12 centavos de dólar. “Depois vem os custos portuários”, completa o executivo.

Soja: rentabilidade histórica — A alta extraordinária do petróleo bem que tentou estragar a festa dos produtores de soja brasileiros, mas as coisas estavam definidas no campo quando o barril do tipo Brent, comercializado na Europa, ultrapassou a casa dos 100 dólares. Explica-se: durante as tensões políticas na Líbia, um dos principais fornecedores dos países da União Europeia, os fundos de investimento migraram para os contratos de petróleo, o que fez cair os preços das commodities agrícolas. Nas contas da consultoria AGRural, em 31 de janeiro, 51% da produção brasileira da oleaginosa estava vendida, contra 30% em 2010.

Em Mato Grosso, que vai concentrar a maior produção do grão na safra 2010/11, volume recorde de 20 milhões de toneladas, o percentual era de 71%. Os preços também representavam a cereja no bolo da festa da soja brasileira. Segundo a analista de mercado da AGRural Daniele Siqueira, os preços da soja no momento são os melhores desde 2008, quando as cotações foram igualmente impressionantes. E, o melhor, com um investimento na produção menor em relação

ao ano passado.

De acordo com levantamento da AGRural, e tomando como referência a região de Passo Fundo/RS, um custo operacional de R\$ 955/ha e o preço da saca de R\$ 45 vão assegurar uma rentabilidade de 89%, o que em moeda corrente significa R\$ 845 por hectare. Os resultados auferidos pelos produtores gaúchos serão bem superiores aos de seus pares de Mato Grosso, onde, apesar do efeito positivo da economia de escala, garantida por propriedades muito maiores, o investimento será superior e as cotações menores. Em Sorriso, região do médio norte de Mato Grosso, na média os produtores precisaram desembolsar R\$ 1.246 por hectare. Com uma projeção de preço médio de R\$ 34 na safra 2010/11, a rentabilidade ficaria em 45%, ou R\$ 556. Ainda que o resultado não seja tão vistoso como o verificado na Região Sul, onde tradicionalmente os sojicultores vendem a produção de forma escalonada ao longo do ano, os agricultores daquela região obterão retorno de mais do que o dobro em relação a 2010. Um feito e tanto para quem comeu o pão que o diabo amassou na década passada.

Rentabilidade dobrou — Os produtores de Mato Grosso têm o que comemorar. Afinal, a rentabilidade média na safra 2010/2011 está projetada para ser mais que o dobro da verificada no ciclo anterior. No entanto, o início da definição do plantio começou morna. “Em julho de 2010, o preço da soja não era tão bom como agora”, assinala o presidente da Associação dos Produtores de Soja do Estado de Mato Grosso (Aprosoja), Glauber Silveira. Conforme ele, só foi possível fazer uma boa média de ganhos porque o plantio ocorreu mais tarde em Mato Grosso, em função de atraso de

O Valor Bruto da Produção de 2011 – a renda porteira para dentro – deverá alcançar R\$ 184,2 bilhões, aumento real de 4,55% em relação a 2010

chuvas, daí que muitos empresários conseguiram fechar contratos mais remuneradores.

Normalmente a atividade de semeadura em Mato Grosso começa em setembro – prática que se tornou popular para reduzir custos de combate à ferrugem e realizar a safrinha de milho ou algodão – e no ano passado foi iniciada em outubro. O ganho de produção esperado para este ano é explicado por dois fatores: o período de plantio, que vai acontecer no tempo ideal, e o incremento de tecnologia, além de ligeiro aumento de área. Segundo Silveira, a soja avançou sobre terras de pecuária. “Os pecuaristas estão tendo muito problema com cigarrinha de pastagem, a ponto de inviabilizar o seu plantio”, explica o presidente da Aprosoja.

No estado, calcula-se que exista 9 milhões de hectares de pastagem degradada sobre os quais, teoricamente, a oleaginosa poderia ocupar. O problema é o custo de implantação, que pode chegar a 33 sacas de soja por hectare. Silveira projeta que, caso as cotações sejam interessantes e o mercado demandante, até 2020 o Mato Grosso poderia dobrar a produção de soja sem desmatamento adicional. Além do mercado, no entanto, um grande obstáculo continua sendo a logística, cada vez mais estrangulada.

Para se ter ideia, a produção de milho, que não passava de 2 milhões de toneladas até alguns anos, foi de quase 8 milhões na safra passada. Os velhos gargalos de logística persistem, e diminuem os ganhos no primeiro elo da cadeia. Silveira explica que um dos vilões é o valor do frete, que custa US\$ 160 a tonelada e US\$ 300 a mais por hectare na comparação com o

O algodão é a grande vedete da safra: o preço internacional é o melhor em 140 anos, e a área com a herbácea no Brasil cresceu 56%



Leonardo M. Mithmann

Paraná. O detalhe é que os produtores paranaenses desembolsam pouco mais de US\$ 30 para levar a soja entre suas propriedades e os portos de exportação.

Com as botinas no chão — A safra 2010/11 também guarda bons resultados para os produtores de soja e milho. De acordo com o último levantamento da consultoria Céleres, a previsão da produção para a safra de milho é de 53,5 milhões de toneladas e, no caso da soja, deverá atingir 69,8 milhões de toneladas. “As estimativas para a produção deste ano são um pouco inferiores comparadas às do ano passado. Apesar disso, os bons preços atuais trazem ânimo aos produtores, pois é uma possibilidade de geração de capital”, acredita o presidente da Associação Brasileira de Sementes e Mudanças (Abasem), Narciso Barison Neto. O aumento dos preços, a geração de renda e o investimento em tecnologias garantem sempre um ciclo

positivo, acredita Barison.

Nesta safra, os custos de produção estão entre 8% e 10% menores, reflexo do câmbio. A valorização do real frente ao dólar reduz o preço final dos insumos que o Brasil precisa importar para plantar a safra. “Os números mostram que, além do aumento da área, o nível tecnológico da safra 2010/11 deve ser bom”, afirma a superintendente técnica da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Rosemeire Santos.

Mesmo que os preços estejam favoráveis e que provavelmente não haja quebra na produção de grãos por fatores climáticos, Rosemeire aconselha os produtores a serem cautelosos em seus investimentos, principalmen-

te em bens de capital, tais como máquinas, implementos agrícolas e armazéns. “É uma questão de microeconomia, ou seja, compete ao produtor decidir, mas com os preços em recuperação, a tendência natural é que os custos de produção subam”, adverte a economista.



Rosimeire, da CNA: “Os números mostram que, além do aumento da área, o nível tecnológico da safra 2010/11 deve ser bom”

Montagem Divulgação sobre Leandro M. Mittmann

“Mais uma alternativa a sua medida”



METALFOR



Araucária



NOVA

Futura

2200 AB



COMPROMISSO COM SUA RENTABILIDADE

METALFOR DO BRASIL - Italfloor Ind. e Com. Maq. Agric. Ltda. Rua Anna Scremin, 300 - Distrito Industrial - CEP 84.043-465 - Ponta Grossa - PR - Brasil - Tel/Fax: (42) 3228-3100 - www.metalfor.com.br - metalfor@metalfor.com.br

Passo Fundo/RS	03/04	04/05	05/06	6/07	07/08	08/09	09/10	10/11*
Custo operacional de produção (R\$/ha)	792,00	652,63	724,06	805,30	907,68	1.200	1.050	955,00
Produtividade estimada (sc/ha)	39,0	39,4	32,3	38,5	41,7	37,5	46,5	42,00
Custo por saca (R\$)	20,31	69,43	22,45	20,92	21,77	32,00	22,58	22,74
Preço projetado (R\$/sc)	32,00	29,61	25,69	31,00	40,00	46,00	38,00	43,00
Rentabilidade (R\$)	11,69	-39,82	3,24	10,08	18,23	14,00	15,42	20,26
% de rentabilidade	58%	-57%	14%	48%	84%	44%	68%	89%
R\$/ha	456	-374	104	388	760	525	717	851
Sorriso/MT	03/04	04/05	05/06	06/07	07/08	08/09	09/10	10/11*
Custo operacional de produção (R\$/ha)	1.095	1.138	1.088	976	1.112,30	1.587	1.330	1.246,10
Produtividade estimada (sc/ha)	47,0	51,0	46,0	50,9	53,7	52,8	53,0	53,0
Custo por saca (R\$)	23,30	22,31	23,65	19,17	20,71	30,06	25,09	23,51
Preço projetado (R\$/sc)*	33,30	21,00	17,80	21,00	26,00	39,00	29,00	34,00
Rentabilidade (R\$)	10,00	-1,31	-5,85	1,83	5,29	8,94	3,91	10,49
% de rentabilidade	43%	-6%	-25%	10%	26%	30%	16%	45%
R\$/ha	470	-67	-269	93	284	472	207	556

*Preliminar para 2010/11 Fonte: AGRural

Ela também recomenda que os agricultores aproveitem para amortizar as dívidas contraídas e não pagas no último ciclo de expansão da agricultura brasileira, que começou no início da

década passada e perdurou até a desvalorização cambial, quando da entrada de Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência, em 2003. Por fim, há uma preocupação com os cortes em inves-

timentos em três áreas estratégicas para a agropecuária nacional e que são conhecidos gargalos: infraestrutura, pesquisa e seguro rural.

Insegurança alimentar — O desajuste entre oferta e demanda de produtos agropecuários tem provocado efeitos negativos em níveis planetários, tais como a inflação, e acerta em cheio o orçamento de famílias pobres. De acordo com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), os alimentos representam cerca de 10% das despesas típicas das famílias em economias avançadas, mas até um terço em nações mais pobres da União Europeia, como a Romênia, e muito mais em países emergentes, incluindo o Egito.

O aumento do consumo de alimentos, em especial nas economias dos países em desenvolvimento, vem acontecendo num ritmo inversamente proporcional à capacidade de produ-

AÇÚCAR SALVA A SAFRA

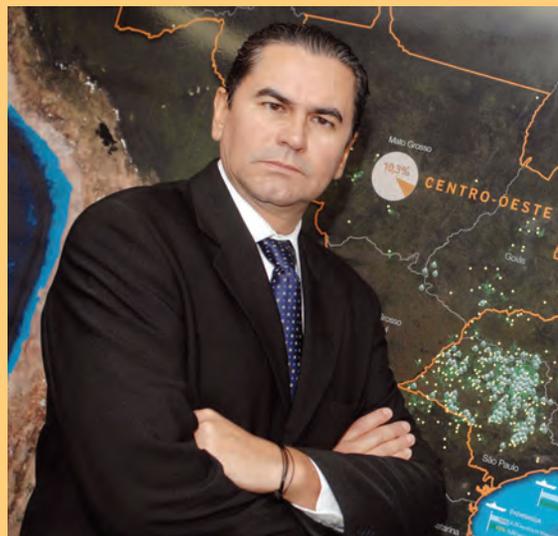
Não fosse a alta no preço do açúcar no mercado internacional, o ciclo de investimento observado na cadeia da cana-de-açúcar no Brasil poderia ser comprometido. A afirmação é de Sérgio Prado, representante da União da Indústria de Cana de Açúcar (Unica). De acordo com Prado, as indústrias, que vinham em fase de investimento e grande alavancagem, passaram por dificuldades financeiras após a crise

mundial de 2009. Os bons preços do açúcar no mercado internacional, mais o promissor mercado dos carros flex, vão possibilitar a retomada dos investimentos. Em 2002, a safra foi de 320 milhões de toneladas, ao passo que em 2010/11 a produção deverá atingir 617 milhões de toneladas. “Em alguns anos, dobramos a produção que levou 500 anos para ser atingida”, constata o representante da Unica. Tudo à custa da demanda representada pelo carro flex.

Para a próxima safra, os analistas estão trabalhando com manutenção de volume produzido ou até recuo, em função de uma crise de crédito que atinge o setor e do fenômeno climático La Niña, que acertou em cheio o estado de São Paulo, responsável por mais de 50% da produção nacional. “Muitas empresas estão alavancadas nos bancos”, justifica Prado, o que, segundo ele, comprometeu a renovação dos canaviais nos últimos dois anos. Nessa cultura,

a cada cinco ou seis anos ocorre o plantio de mudas. Do contrário, o potencial produtivo cai a níveis antieconômicos.

Além disso, a safra deverá começar mais tarde neste ano. A falta de chuvas no estado, entre abril e setembro de 2010, fez com que a cana colhida nos três primeiros meses da safra não voltasse a crescer. Por isso, a produtividade deve cair entre 4% e 5% em relação à safra 2010/11. A consultoria Datagro prevê que o volume processado de cana na safra 2011/12 representará a primeira queda em 11 anos. Já a moagem no Brasil deve ser de 611 milhões de toneladas na próxima safra, contra 617 milhões em 2010/11. Pelo bom preço internacional do açúcar, o etanol poderá perder terreno. Segundo a Datagro, 52% da moagem vai para o etanol, sendo que na safra anterior o percentual foi de 54%. Segundo o mesmo relatório, a produção brasileira de açúcar crescerá 4,5%, para 39,5 milhões de toneladas. Já a produção total de álcool deve cair 4%, para 26,1 bilhões de litros.



Divulgação

Segundo a AGRural, na região de Passo Fundo/RS, a um custo operacional de R\$ 955/ha e o preço da saca de R\$ 45 vão assegurar uma rentabilidade de 89%

ção agropecuária mundial. Estudos da Superintendência Técnica CNA mostram que, apesar de os estoques mundiais de grãos estarem mais altos do que há cinco anos, o volume vem caindo desde 2009. A partir desse período, o consumo superou a produção agropecuária e os países foram obrigados a recorrer à “poupança” de alimentos para suprir as demandas locais.

Para Roberto Rodrigues, coordenador do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas, três fatores estão por trás desse desajuste. O primeiro deles é o aumento da demanda mundial por alimentos, decorrente do ganho de renda em países pobres. Em segundo lugar, houve quebra de produção em diferentes países na safra passada, especialmente na Rússia, que é o maior exportador de trigo. Por último, a atuação pesada de fundos de investimento sobre as commodities em geral agrega instabilidade ao mercado físico, potencializando quebras de safra, por exemplo.

Rodrigues concorda que há um problema real de inflação de alimentos, mas considera que há exagero nos discursos e nas propostas. “Estão fazendo terrorismo”, critica o ex-ministro da Agricultura. Ele exemplifica o caso do fundador do Worldwatch Institute, Lester Brown, que há pouco manifestou-se publicamente: “Caso as safras de grãos não forem boas no

futuro próximo, veremos novos aumentos de preços que levarão o mundo ao território não mapeado da relação entre preço de alimentos e instabilidade política.” Brown foi mais longe, afirmando que o mundo está hoje a uma safra ruim do caos nos mercados mundiais de grãos.

Na avaliação de Rodrigues, como os preços subiram no mundo todo, e sendo a economia globalizada, os produtores brasileiros também receberam o impacto positivo disso, mas eles não são os causadores do aumento de preços. Pelo contrário, lembra: “Talvez sejamos testemunhas de um novo recorde, caso a safra de 153 milhões de toneladas se confirme”. O experiente líder agropecuário teme que recaia sobre os agricultores a pecha de gananciosos. “No Brasil estamos importando problemas, uma vez que nós não temos falta de abastecimento.”

Embora as manifestações populares e a sanha por mudança sejam louváveis em países do norte da África,



TECNOLOGIAS PARA NUTRIÇÃO E COLHEITA

BIOGAIN FLORADA é o único fertilizante organomineral à base de algas marinhas, cálcio e boro, específico para induzir fortemente a floração e aumentar a fixação de flores e frutos, garantindo maior produtividade.



FUSO CLEAN Nova Fórmula e FUSO CLEAN 2000 continuam a ser as mais modernas e econômicas tecnologias em produto limpador de fuso de colheitadeiras de algodão, comprovados pelo uso nos grandes plantadores de algodão, há mais de 10 anos.



FUSO CLEAN
Limpo e Lubrifico



Tecnologias para Sementes e Plantas Ltda.
CNPJ 92.209.295/0002-00 Fone: (51) 3341.3225
www.rigrantec.com.br

O ANO DO CAFÉ

A depender dos prognósticos, muita gente vai ter que tomar aquele café ralinho durante 2011, o famoso “chafé”. Tudo por conta da estreita relação entre oferta e demanda do produto que costuma ser apreciado pelos brasileiros e o preço alto. De acordo com a Organização Internacional do Café (OIC), a produção mundial de café deverá totalizar 134,8 milhões de sacas de 60 quilos, o que representa aumento de 9,5% em relação ao ano anterior.

O grupo intergovernamental elevou sua projeção anterior em 200 mil toneladas, graças ao acréscimo de 14,6% de aumento na produção de arábica, que deverá totalizar 84 milhões de sacas e um acréscimo de 2,1% na produção mundial de grãos robusta. Mesmo que essa revisão se confirme, a relação estoque consumo será bastante apertada, tendo em vista o expressivo aumento da demanda mundial pelo grão, que deverá exceder 131 milhões de sacas em 2010. Não à toa, 2011 será um ano de preços firmes.

Segundo relatório da organização, condições climáticas desfavoráveis em importantes regiões produtoras contribuem para elevar as incertezas. No início de fevereiro de 2011, os contratos futuros do arábica na Bolsa de Nova York atingiram os níveis mais altos em 13 anos. O movimento aconteceu após notícias sobre problemas climáticos na Colômbia correrem o mundo. Os mercados ainda encontram suporte nos temores de que a safra do maior produtor de café, o Brasil, cairá em 2011/12, devido ao ciclo de bianualidade da cultura, que entra em fase de baixa produção no ano que vem.

A OIC estimou a produção brasileira entre 41,9 milhões de sacas e 44,7 milhões, incluindo 31 milhões a 33,2 milhões de sacas de arábica – o que se configura num recorde para um ciclo de baixa. O analista do mercado de café da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), Jorge Queiroz, lembra que já em 2010 os preços do café já cumpriam fase de notável ascendência. “No ano passado, as cotações do café na Bolsa de Nova York subiram quase 70%. A performance foi muito boa, considerando a estagnação de preços de anos anteriores.”

Basicamente os produtores de café se beneficiam dos mesmos fatores que inflam as cotações de outras commodities: escassez, crescimento do consumo em países emergentes e especulação de fundos. “Há pouco o Federal Reserve (FED), o banco central norte-americano, efetuou a compra de títulos da dívida soberana no valor de US\$ 600 bilhões, de bancos que operam nos Estados Unidos”, informa. Como resultado, esse excesso de liquidez está fluindo para outras praças e, inclusive, para fundos de investimento.

não poderiam vir em pior hora. Como é regra básica do capitalismo pós-moderno, a especulação levou o preço do petróleo às alturas, sendo cotado a mais de US\$ 100 ao final de fevereiro. Há riscos de aumento de inflação, uma vez que o petróleo é item fundamental em todos os segmentos da economia. “Desde a crise financeira, os fundos, que já atuavam nesse mercado, começaram a comprar contratos (agrícolas) com muito mais avidez. A falta de opção e a liquidez das commodities atraiu esse tipo de investidores”, diz o analista da consultoria Intertrading, Carlos Alexandre Gallas. Hoje, os fundos são responsáveis por 60% a 80% do volume financeiro movimentado pela compra e venda de contratos nas bolsas de Chicago e Nova York.

É justamente a especulação sobre as commodities, e principalmente as agrícolas, que preocupa lideranças da Europa. Nicolas Sarkozy, presidente da França e do G20, encampa uma cruzada contra os movimentos especulativos nos mercados de commodities. Ele é secundado pelo comissário encarregado de regulação de mercados da União Europeia, Michel Barnier, que advoga maior rigidez na regulação dos mercados de derivativos agrícolas. A reação tem fundamento. Em meados de fevereiro, as turbulências políticas em países árabes do Oriente Médio e do Norte da África, a disputa trabalhista nos portos da Argentina e as adversidades climáticas nos EUA detonaram um processo de alta das cotações de soja, milho e trigo na Bolsa de Chicago. Foram as maiores cotações em 30 meses.

Gigante com pé de barro — Até mesmo os Estados Unidos, que apenas de milho produzem mais de 300 milhões de toneladas/ano, vêm enfrentando problemas com estoques em baixa. Para se ter ideia, às vésperas de um novo plantio, o estoque de passagem de milho é de ralos 5%, quando historicamente gira entre 15% e 20%. Uma das principais fontes de consumo é o programa de biocombustíveis dos Estados Unidos, que passou a exigir volumes cada vez maiores do cereal. Em outubro de 2010, a Agência de Proteção Ambiental (EPA) aprovou



Divulgação

O Mato Grosso estima produzir 1,1 milhão de toneladas de pluma de algodão, safra que representará a maior produção e a maior exportação da história da cotonicultura do estado



a mistura de maiores concentrações de etanol na gasolina para carros e pequenos caminhões fabricados a partir de 2007, permitindo que ele responda em até 15% do produto vendido nos postos. Até então, o percentual aprovado era de 10%. “Os testes mostraram que o E15 (mistura com 15% de etanol e 85% de gasolina) não preju-

dica o equipamento de controle de emissões nesses tipos de veículos”, explica Lisa Jackson, da EPA.

A mudança é popular em áreas rurais do país, mas enfrenta dura oposição da indústria automobilística, dos ambientalistas, empresas de alimentos, entre outros. Um dos argumentos contrários é que o uso do milho para produzir etanol está encarecendo a alimentação animal e prejudicando a terra. Os ambientalistas afirmam que o balanço de carbono do etanol produzido nos Estados Unidos é negativo, fruto do desequilíbrio entre a expansão de área necessária para atingir a demanda do combustível pelo cereal e o saldo do sequestro de carbono do uso de combustíveis limpos.

Para se ter ideia, em 2005 eram processados 1,5 bilhão de *bushels*, sendo que agora o programa de combustíveis limpos demanda 4,9 bilhões

de *bushels* para gerar etanol. Em 2009/10, a produção norte-americana de milho foi de 12,5 bilhões de *bushels*, ou 332 milhões de toneladas. Para a safra 2010/2011 são esperados 12,4 bilhões de *bushels*.

No Brasil, a reação de mercado veio no ano passado. Cultura historicamente marcada por grande oscilação de preços, no início de 2010 os contratos de milho eram transacionados abaixo de R\$ 20 na BM&F - com base de preço de Campinas/SP. Para proteger o produtor, o Governo vendeu o equivalente a 9 milhões de toneladas em contratos de PEP. “Houve exportações, o que promoveu o efeito de paridade de exportação”, informa Gallas, da Intertrading. Em meados de fevereiro, o preço FOB da saca de 60 kg no porto de Paranaguá era de R\$ 28. Na mesma BM&F, os contratos para abril já eram transacionados por um valor acima de R\$ 30. A situação de preços deverá animar os produtores a aumentar a área de safrinha. ☒

A Jan apresenta a tecnologia em movimento na dinâmica de máquinas da

EXPODIRETO COTRIJAL
Feira Internacional



AGUARDAMOS A SUA VISITA

DE 14 A 18 DE MARÇO

EM NÃO-ME-TOQUE / RS / BRASIL



Implementos Agrícolas Jan S/A
Av. Dr. Waldomiro Graeff, 557 | Não-Me-Toque / RS / Brasil
Fone: (54) 3332 6500 | www.jan.com.br

MERCOSUL NO ALVO DOS

Em evento comemorativo ao início “oficial” da colheita do arroz no Rio Grande do Sul, produtores reivindicaram mais apoio do Governo Federal. E igualdade diante do Mercado Comum do Sul

Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com
Texto e fotos

Reivindicação foi a palavra de ordem nos três dias da tradicional Abertura Oficial da Colheita do Arroz, evento que teve a 21ª edição no final de fevereiro, em Camaquã, no Rio Grande do Sul, estado que produz 60% da safra nacional. Na verdade, as reclamações começaram bem antes do evento – que tem um caráter comemorativo, de júbilo – e devem prosseguir. Mas o Governo Federal já deu sinais de estar sensibilizado, e liberou, ainda antes do evento, recursos para mecanismos facilitadores da comercialização. Porém, isso não impediu que produtores acom-

panhassem os principais momentos da Abertura, sobretudo os discursos de autoridades, usando nariz de palhaço.

O nó da questão são as significativas diferenças entre três indicadores: custo de produção (estimado em R\$ 29 à saca de 50 quilos), preço mínimo (R\$ 25/saca) e cotação real de mercado (R\$ 21, R\$ 22/saca). E o vilão tem nome – e endereço: Mercosul, mais precisamente arroz argentino, uruguaio e paraguaio. Estima-se que 1 milhão de toneladas sejam importadas anualmente destas três procedências a condições facilitadas, visto acordos comerciais firmados pelo

Brasil anos atrás. Este volume causa uma avalanche no mercado interno, uma vez que a safra gaúcha deverá ser de 8 milhões de toneladas, enquanto o Brasil se prepara para colher 12,8 milhões de toneladas, ou 10% a mais que em 2009/2010. E os estoques e preços internacionais estão estabilizados – ao contrário de outras commodities internacionais, que vivenciam cotações históricas.

Nos países vizinhos, que fazem fronteira com o estado, o custo de produção é bem mais baixo em razão da carga tributária incidente sobre insumos e maquinários comercializados por aqui.

“Nós não podemos ir lá e comprar os insumos”, resume José Carlos Gross, presidente da Associação dos Arrozeiros de Camaquã, que cultiva 250 hectares no município. Segundo informa-

ções dele, a diferença dos custos para os vizinhos é de 50% nos insumos e 30% nas máquinas. “Isso tira a nossa competitividade”, adverte. “Estamos facilitando a importação e dificultando a exportação”, explica, referindo-se ao câmbio danoso.

Marco Aurélio Tavares, vice-presidente de Mercado da Federação das Associações de Arrozeiros do Rio Grande do Sul (Federarroz), resume o estrago da importação *hermana*: “É uma concorrência altamente predatória do Mercosul”. E depois de alguns superávits na balança comercial do cereal, o Brasil amarga R\$ 200 milhões em saldo anual negativo. Neste início de safra, os valores pagos ao produtor estão 23% infe-

“Estamos facilitando a importação e dificultando a exportação”, reclama José Carlos Gross, presidente da Associação dos Arrozeiros de Camaquã/RS



OTIMISMO EM EXP

A 23ª edição do Show Rural Coopavel, realizada no mês passado em Cascavel/PR, teve a comercialização estimada em 50% superior à feira de 2010. Houve empresas que chegaram a comercializar quatro meses de produção

*Leandro Mariani Mittmann
Texto e fotos
leandro@agranja.com*

A primeira grande feira agrícola do ano transpirou exatamente o momento do agronegócio brasileiro: otimismo, expectativa positiva para ganhos com todas as commodities, interesse do produtor em lançar mão de tecnologias, negócios em quinta marcha e muito mais. O 23º Show Rural Coopavel, promovido pela Coopavel Cooperativa Agroindustrial, no início de fevereiro, em Cascavel/PR, reuniu quase 190 mil visitantes interessados no que algu-

mas das principais empresas e instituições públicas e privadas do país tinham a disponibilizar em novos ou consagrados produtos ou serviços neste início de ano. “O objetivo principal, de informar os produtores rurais sobre as novas tecnologias de produção agrícola e pecuária disponíveis no mercado, bem como mostrar novas alternativas de produção em consórcio com o meio ambiente, foi amplamente atingido”, destacou Rogério Rizzardi, coordenador da feira.

De acordo com Dilvo Grolli, diretor-presidente da Coopavel e coordenador geral do evento, não foi possível fazer um levantamento preciso sobre o valor comercializado na feira, visto que durante o evento são fechados apenas em média 20% dos negócios que começam ali e se concretizam durante o ano. Mas, conforme ele, levantamento informal feito junto aos expositores apurou que houve aumento de 50% nas vendas em relação à feira passada. Inclusive algumas marcas chegaram a comercializar a produção de quatro meses de sua capacidade industrial. “Superamos todas as expectativas, principalmente em relação às tecnologias apresentadas. Este foi o maior evento já realizado no Paraná e podemos considerá-lo consolidado como encontro de inovação tecnológica”, enfatizou Grolli.

Realmente, foram centenas de eventos interessantes nos cinco dias da feira. De palestras a apresentação de produtos (alguns inéditos no mercado). Afinal, foram 370 expositores, de pequenas empresas, algumas estreantes na feira, a instituições gigantescas como Embrapa, Emater e Instituto Agrônômico do Paraná (Iapar). E cerca de 4,8 mil parcelas experimen-



OSIÇÃO E À VENDA



Produtor Jaime Gatto e pesquisador Ademir Zimmer, da Embrapa Gado de Corte: integração lavoura-pecuária só tem vantagens

tais e demonstrativas que precisaram ser implantadas no parque com muita antecedência, espaços onde o visitante viu de perto os efeitos práticos de tal técnica ou produto. A seguir, alguns exemplos do que esteve exposto no Show Rural Coopavel 2011 – e tem mais nas seções Novidades do Mercado e Gente em Ação. A edição de 2012 será de 6 a 10 de fevereiro.

Integração lavoura-pecuária — A integração lavoura-pecuária tem recebido espaços generosos no Show Rural. O Iapar e a Coopavel montaram uma estação experimental permanente no parque para mostrar – e convencer – o visitante dos ganhos da parceria boi + lavoura. Já a unidade da Embrapa Gado de Corte expôs diversas espécies de forragens, que igualmente podem ser utilizadas como adubos verdes. “Qual forrageira para tal situação, a implantação e o manejo, como proceder para a integração e as vantagens”, descreveu o pesquisador Ademir Zimmer o que o es-

paço reservou aos interessados. Conforme ele, estudo da Embrapa indica que a integração propicia ampliação de 600 a 800 quilos de soja por hectare. “E (a lavoura) aguenta de três a quatro semanas a mais a estiagem”, revela outro resultado do estudo. “A integração não tem desvantagem nenhuma”. O espaço da integração conduzido por Zimmer atraiu muitos interessados. “Quem não entra com a segunda cober-

tura de inverno, não consegue com a buva”, justificou o produtor Jaime Gatto, adepto da parceria, que, em Toledo/PR, cultiva 360 hectares de soja no verão e milho na segunda safra, mais 3.200 cabeças de gado em cria, recria e engorda. “A buva não vem”, assegurou Gatto. Segundo ele, a *braquiária rusiensis* que ele utiliza nas suas lavouras gera a imprescindível matéria orgânica. “Com o capim consigo manter a matéria orgânica no solo”, explica. Gatto revelou que a partir da consorciação, ampliou a produtividade em 3 a 5 sacas de soja por hectare. “Há ganhos para o pecuarista e para o solo”, argumentou. “O colono tem que trabalhar a sua terra, oferecer algo em troca pra sua terra”.

Dedicação ao solo — A preservação do solo foi uma das temáticas principais apresentadas pelo Iapar. Desde preservação de terraços em sistema de plantio direto na palha, ao aproveitamento racional de resíduos de suínos e aves na lavoura. Mais do que livrar-se de um poluente natural ao meio ambiente quando não bem manejado, o agricultor pode diminuir em muito ou mesmo prescindir a



Graziela Barbosa e Ademir Calegari, pesquisadores do Iapar, apresentaram as técnicas e tecnologias de preservação do solo

utilização da adubação mineral, explicou a pesquisadora Graziela Barbosa. Segundo ela, o uso dos dejetos diminui o custo com a adubação, adiciona matéria orgânica, melhora a infiltração de água, aumenta o volume de nutrientes no solo e descarta os resíduos de maneira ambientalmente correta.

Mas mais do que despejar os dejetos no solo, é preciso atenção a uma série de cuidados. “O solo tem um suporte para o resíduo”, explicou Graziela. “O dejetos de suíno é poluente”, advertiu. “Qual é a dose mais adequada para o solo e para a cultura”, descreveu a pesquisadora o que deve ser levado em consideração. Por isso, o Iapar está desenvolvendo uma série de experiências e testes com diferentes solos (conforme declividade, profundidade, etc.), culturas, origens dos dejetos, diferentes estágios dos animais que geraram estes resíduos e muitas outras variantes para chegar a um programa de computador que indique o volume a ser aplicado numa determinada área. Esta tabela possivelmente esteja disponível na próxima edição da feira.

Já o pesquisador Ademir Calegari mostrou aos visitantes as múltiplas alternativas de cobertura de solo, amparado nas pequenas parcelas cultivadas no parque. Entre as diversas espécies, destaca-se para a *crotalaria ochroleuca*, apro-

priada para enfrentar o que Calegari classifica como o “bicho papão” dos nematóides, o da espécie *Pratylenchus brachyurus*, que ataca espécies de grãos e fibras no Cerrado. “Não deixa o nematóide se reproduzir”, explicou o efeito do plantio desta espécie de crotalaria. Também foram exibidos o guandu anão variedade Iapar 43, a secária itálica (também conhecida como capim moha e painço português), o trigo mourisco e outros. “Queremos que o produtor fuja da monocultura. Aumente a biodiversidade”, justificou.

Lançamentos — A Embrapa e suas dezenas de unidades aproveitam o Show Rural para lançar suas novidades. Entre estas, duas variedades de soja. A BRS 317, convencional, tem alta produtividade, resistente a doenças e é indicada para áre-

Divania, da Embrapa Soja: duas novas cultivares de soja para as lavouras que vão de Santa Catarina ao sul do Mato Grosso do Sul



Enio, José Dante e Helder Locks: nova plantadeira, adquirida na feira, é “mais moderna, e tem sulcadores e desarme automático”



as de Santa Catarina ao sul do Mato Grosso do Sul. Mas só estará disponível ao produtor na safra 2011/12. “O produtor de sementes já está multiplicando esta cultivar”, explicou Divania de Lima, pesquisadora da Embrapa Soja, sediada em Londrina/PR. Já a BRS 316 RR é recomendada para a mesma região, uma vez que tem tolerância ao nematóide de galha, muito presente entre SC e sul do MS. A empresa ainda lançou as variedades de feijão BRS Estilo (carioca) e BRS Esplendor (preto).

Outro lançamento da Embrapa foi o inoculante para milho e trigo (neste segundo caso é o primeiro do Brasil). O AzoTotal, criado em parceria com a empresa Total Biotecnologia, já está registrado no Ministério da Agricultura e aprovado pela Reunião da Comissão Sul-brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale para a safra 2011. O produto possui a bactéria *Azospirillum brasilense*, que fixa às raízes o nitrogênio do ar e produz um hormônio que acentua o au-

“Com a Marcher,
baixamos nossos custos
de armazenagem
para R\$1,00/saca.”



Marcher e silo-bolsa: a solução em armazenagem que vai aumentar sua lucratividade.

Agora você não depende mais de silos fixos para armazenar a sua produção. Com os implementos Marcher e o sistema de silo-bolsa, você conta com uma tecnologia de armazenagem inovadora, muito mais moderna, prática e econômica. Além de baixo custo inicial, você tem a facilidade de guardar a produção na sua propriedade por um período prolongado, podendo escolher o momento mais favorável para venda. O resultado é a certeza de lucratividade e crescimento.

Acesse o nosso site e utilize o nosso simulador de economia para calcular os seus custos.



INGRAIN50
GRAOS UMIDOS



INGRAIN50
FORRAGEM



INGRAIN100



INGRAIN150



INGRAIN200
ENERGY



OUTGRAIN210



MARCHER
BRASIL

Inovação para armazenar
com mais economia.

mento do sistema radicular, absorvem assim mais nutrientes e água. “Promove todo o crescimento das plantas”, traduziu a pesquisadora Mariangela Hungria, da Embrapa Soja. O trabalho começou há dois anos, teve a estreia para trigo no ano passado e terá o primeiro plantio comercial no milho na próxima safrinha. Segundo ela, a partir do uso do inoculante é possível obter a mesma produtividade com redução de 50% na aplicação de adubos nitrogenados.

Às compras — Um evento do porte do Show Rural Coopavel é a oportunidade única para o interessado em adquirir uma máquina ou equipamento escolher o que é o mais indicado para ele. Afinal, são muitas as alternativas, postadas lado a lado – com diferentes preços, condições de pagamento, recursos técnicos e assim por diante. Os irmãos José Dante e Enio Locks (e o seu filho Helder Victor, estudante de agronomia), de Nova Aurora/PR, estavam satisfeitos ao lado da plantadeira nova, de nove linhas, recém adquirida. Afinal, a de uso até então já tinha 11 anos. “É bem mais moderna. Tem sulcadores e desarme automático. Bate numa pedra e volta. O tratorista não precisa trocar o pino que

Rosa comprou um utilitário para ajudar no seu deslocamento e nos serviços no sítio de 70 hectares

quebra”, descreve Enio, visivelmente satisfeito, as características da compra.

Os irmãos Locks se utilizaram do financiamento facilitado Programa de Sustentação do Investimento (PSI), com juros de 5,5% ao ano, linha de crédito com previsão de término em 31 de março – mas que deverá ser prorrogada pelo Governo. “99% das vendas é pelo PSI”, intervém o vendedor. Os Locks cultivam juntos 180 hectares de soja, 120 de milho e 60 de trigo. Mais do que utilizar-se do crédito, eles aproveitaram o bom momento da agricultura. “Até agora o clima foi ótimo. E o preço está bom”, destaca Enio, referindo-se à



“NÓS VAMOS TER UM ÓTIMO ANO”

Comprar é bom, mas apenas apreciar as inúmeras atrações da feira não deixa de ser um programa muito interessante. Antônio Rosa de Alencar (foto), de Ubitatã/PR, visita o Show Rural há 12 edições para “buscar conhecimentos em geral”. Nesta, encantou-se com as novidades da agricultura de precisão, tecnologia que utiliza há dois anos. “A agricultura de precisão produz 15% a mais. Ela se paga”, justificou Alencar, que cultiva com o filho 180 hectares de soja. Nesta safra eles deverão obter a produtividade de 60 sacas da oleaginosa por hectare. “O preço está ótimo. Para quem produzir este montante (60 sacas/hectare) está ótimo. Nós vamos ter um ótimo ano, está chovendo bastante”, descreveu o momento.



cotação de R\$ 46 à saca da sua região. “O que preocupa é o milho safrinha, que já teve o preço da semente majorado”, emendou José Dante. A feira estava na metade, e eles ainda cogitavam comprar um trator de 130cv, visto que o atual de 103 já tem oito anos de trabalho.

A feira das grandes aquisições também pode ser das pequenas, mas igualmente de grande relevância na propriedade. Rosa Maria Roecker, 68 anos, viúva há seis meses, comprou um utilitário para, segundo ela, “ter mais conforto no sítio”. Além de facilitar o deslocamento, a caçamba basculante será de enorme valia para o transporte de pequenas cargas. A propriedade dela possui 70 hectares, onde ela cultiva soja, milho e trigo. “Venho à feira todo o ano há sete anos”, revelou. Os vendedores mostravam-se orgulhosos ao apresentá-la como pioneira da marca na região de Nova Aurora, há 70 quilômetros de Cascavel.

Consultoria Agrícola ao alcance de todos

 **CMA Series4**
Agrícola *Consultoria*

Conheça a **consultoria especializada** de SAFRAS & Mercado com informações confiáveis sobre o agronegócio, nacional e internacional.

O serviço conta com reuniões de planejamento, teleconferências, eventos e palestras, atendendo de forma personalizada as necessidades de cada empresa.

Para demonstração gratuita: infocma@cma.com.br (51) 3224.7039

 **safras**
&mercado
www.safras.com.br

 **CMA**
www.cma.com.br

OS USOS E VANTAGEN

A utilização de rodados duplos em tratores pode propiciar uma série de incrementos no processo de tração dos tratores, além de economia de combustível

Ulisses Giacomini Frantz, José Fernando Schlosser, Gustavo Heller Nietiedt e Alexandre Russini, do Núcleo de Ensaios de Máquinas Agrícolas da Universidade Federal de Santa Maria/RS

Devido aos altos custos de formação e implantação da lavoura, torna-se cada vez mais necessário gerenciar adequadamente a atividade agrícola visando maximizar o lucro, ou até mesmo, em anos atípicos, minimizar prováveis prejuízos. Essa série de operações está intimamente relacionada com a necessidade de se realizar o preparo de solo, a sementeira, os tratamentos cul-

turais, etc. Na maioria das vezes o trator agrícola é utilizado para que sejam realizadas tais tarefas, o que demonstra a importância desta máquina na condução deste sistema produtivo. Pelos altos custos na produção de grãos e pelos riscos de adversidades climáticas, torna-se necessário executar as operações com alta eficiência, demandando equipamentos com grande largura e consequentemen-

te alta força de tração, o que exige, em contrapartida, que os tratores desempenhem sua função de elemento de tração com excelente rendimento.

Superfície de contato — Uma das alternativas para que se melhore o desempenho em tração é o aumento da superfície de contato do pneu com o solo, o que possibilita o aumento de peso do trator. Para isso, uma solução bastante



IS DO RODADO **DUPLO**

viável é o uso de rodados duplos, que melhoram consideravelmente a interação roda-solo.

Um dos maiores problemas do trator durante sua utilização nas operações agrícolas é a dificuldade de se trabalhar nas mais diversas condições de umidade e tipos de solo, afetando a sua capacidade de tração, consumo de combustível e patinamento. O que se tem observado na prática é que, com o aumento da superfície de contato entre o pneu do trator agrícola e o solo, há a possibilidade de reduções dos índices de patinamento, aumento na disponibilidade de força de tração e diminuição do consumo de combustível por área, uma vez que operações agrícolas são dependentes da disponibilidade de tempo para realização de determinada quantidade de trabalho.

Mas é necessário entender que o ganho de eficiência só ocorrerá se o aumento da área de contato for acompanhado de um aumento do peso sobre o rodado, mantendo-se ou aumentando-se a pressão do rodado sobre o solo, caso contrário, a diminuição da pressão entre o rodado e o solo apenas favorecerá a flutuação, prejudicando a tração.

Tração — O trator sendo utilizado como meio de tração possui alguns problemas técnicos e funcionais, sendo que a tração só se torna possível devido à aderência dos órgãos de propulsão ao solo, assim como, pelas características de reação e físico-mecânicas do terreno. A tração pode ser definida como uma força proveniente da interação existente entre um dispositivo de autopropulsão e uma superfície qualquer de contato, como a roda e o solo. Neste contexto a tração

dos tratores depende fundamentalmente das características dos rodados e do solo agrícola.

A aderência do rodado também influencia a capacidade de tração, e são as garras dos pneus que se encarregam de incrementá-la. Quando a garra penetra completamente no solo e não ocorre a limitação da superfície de contato roda-solo, é onde se consegue a maior eficiência (Gee-Clough, 1977). Em alguns casos quando se tem a mesma carga total em um trator tanto para a configuração com rodado simples quanto para rodado duplo, por exemplo, poderá não ocorrer grandes incrementos no desempenho do trator na configuração com rodado duplo, uma vez que se aumenta a área de contato. Mas dependendo do tipo e condição de solo, pode não haver penetração suficiente das garras do pneu, favo-



Desde 1989

MARINI®

IND. DE MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

Padrão de Qualidade

ISO 9001 REGISTERED



ORIGINAL



O BRASIL INTEIRO JÁ SABE, RODADO DUPLO É MARINI ESPECIALISTA NO CAMPO.



Qualidade e Inovação.

PATENTE DEFERIDA *MU8301298-2

PATENTE DEFERIDA *MU8302373-9

PATENTE REQUERIDA *MU8602556-2

Fabricante do:

M rodado duplo
MARINI®



Os rodados duplos podem proporcionar a possibilidade de tracionar implementos maiores e também melhorar a capacidade de tração em solos de baixa sustentação

recendo apenas a flutuação e prejudicando assim seu desempenho em tração.

Também, os rodados duplos podem proporcionar a possibilidade de tracionar implementos maiores se os mesmos forem tecnicamente bem utilizados e também melhorar a capacidade de tração em solos de baixa sustentação.

Eficiência em tração — A eficiência em tração pode ser definida como a relação existente em valores percentuais entre a potência de tração e a potência disponível no eixo das rodas motrizes do trator. Quanto maiores forem estes valores, menores serão as perdas envolvidas no processo de tração, sendo que esse parâmetro está fortemente correlacionado com a carga na barra de tração, potência disponível e consumo de combustível. Maiores eficiências em tração são obtidas para valores entre 10% e 20% de patinamento. Quando utiliza-se adequadamente os rodados duplos, a eficiência em tração é aumentada.

Pressão sobre o solo — Quando as condições de solo forem similares para uma determinada operação, seja com um trator agrícola equipado com rodado simples ou duplo, a um mesmo peso total do trator, haverá menor pressão exercida pelo rodado duplo no solo, uma vez que, a pressão exercida pelo rodado sobre o solo é o peso incidente dividido pela área de contato (a qual no rodado duplo é maior). Em operações como semeadura, por exemplo, onde deve-se ter maior cuidado com a compactação do solo, o uso de rodados duplos torna-se uma boa opção para a minimização desse problema.

Consumo de combustível — A mensuração da quantidade de combustível consumida pelo motor constitui um dos aspectos mais importantes da avaliação do rendimento de uma máquina agrícola. O consumo de combustível pode ser mensurado de duas formas distintas: em relação ao tempo (consumo horário (kg/h, L/h, etc.) e em relação ao trabalho mecânico desenvolvido (consumo específico (g/kW/h, g/cv/h, etc.). O segundo é o parâmetro mais confiável para a análise do desempenho de um trator agrícola. Para rodado duplo, geralmente esse consumo específico é menor que para o rodado simples, dependendo da condição de solo e pressão dos pneus selecionada.

Por exemplo: um trator agrícola operando em um solo com alta capacidade de suporte na configuração rodado simples a uma pressão de 18psi pode ter desempenho superior ao rodado duplo utilizando uma pressão de 22psi nos rodados internos e 20 nos externos. Afinal, na primeira opção pode ocorrer maior aderência em comparação com a segunda opção, acarretando em maior capacidade de tração a um mesmo consumo específico. Já para um solo de menor capacidade de suporte a situação se inverte.

Deve-se salientar que este é apenas um exemplo, pois cada pneu tem um determinado número de lonas e a diferentes pressões é capaz de suportar diferentes cargas e apresentar diferentes comportamentos em relação à tração dependendo das características do solo. Em geral quando o rodado duplo é utili-

zado de acordo com as recomendações do fabricante, o consumo específico de combustível é menor do que sob o uso de rodado simples.

Cuidados — Quando executadas operações com arado, por exemplo, o primeiro órgão ativo faz o primeiro sulco e o trator trabalha com uma das rodas traaseiras dentro do sulco. Nesse caso, com rodados duplos, o pneu externo poderia “invadir” a área já trabalhada na passada anterior, além de “forçar” o pneu externo para cima, como se fosse uma alavanca, podendo romper o eixo.

Já no caso de grades aradoras, se a largura da grade for menor que a largura do trator duplado, o pneu externo pode passar na área já trabalhada anteriormente compactando-a. O mesmo pode ocorrer com subsoladores e plainas niveladoras. Torna-se pertinente destacar uma série de peculiaridades relacionadas ao uso de rodados duplos e ao papel fundamental que o patinamento desempenha no processo de tração:

■ Nunca a pressão do rodado externo da duplagem deve ser superior ao interno;

■ Não se deve lastrar com água os pneus externos da duplagem pois haverá uma sobrecarga na máquina com desgaste na transmissão;

■ Em geral, quando o implemento demanda determinada força de tração para seu deslocamento, o motor do trator diminui a rotação, eleva o torque e continua a realizar determinada operação. Logo, o “fusível” para evitar danos na transmissão é o patinamento;

■ Quando o trator tem muito peso (excesso de lastro), o patinamento diminui e o esforço passa para a transmissão, para redução final, coroa e pinhão, caixa de câmbio até a embreagem, provocando diminuição da vida útil do equipamento e gasto excessivo de combustível. Recomenda-se que o patinamento situe-se dentro do intervalo de 10% a 20% para uma operação pesada como aração ou subsolagem.

Em suma, constata-se que a utilização de rodados duplos pode proporcionar uma série de incrementos no processo de tração de um determinado implemento agrícola, desde que esse uso seja condizente com as particularidades do solo trabalhado, do tipo de cobertura vegetal presente, seguindo sempre as recomendações do fabricante. 

S ARROZEIROS GAÚCHOS

riores há um ano, lembra Tavares. O curioso, resalta ele, é que o preço na gôndola do supermercado de São Paulo, por exemplo (segundo levantamento da Esalq/USP), só caiu 0,5% neste período. “Chega a ser patética esta informação”, classifica.

O presidente da Federarroz, a entidade que promove o evento, também aponta a concorrência com o Mercosul como causa número 1 dos problemas do setor. “Se isso tivesse sido resolvido, não precisaria destes mecanismos”, resume, referindo-se aos R\$ 200 milhões recentemente liberados pelo Governo para auxiliar na comercialização do cereal por meio de leilões de Prêmio de Escoamento de Produto (PEP) e Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepra). “Enquanto não houver estabilidade de produção e con-

“Enquanto não houver estabilidade de produção e consumo, vamos precisar cada vez mais que o Governo intervenha” adverte Renato Rocha, da Federarroz



“O ARROZ É UM DISTRIBUIDOR DE LUCROS”

O arrozeiro de Itaqui/RS Pedro Monteiro Lopes (foto), que viajou 800 quilômetros para prestigiar a Abertura da Colheita, menciona o Mercosul, mas aponta também outros problemas do segmento orizícola. “O gigantismo do varejo. Venho alertando há tempo”, lembra, referindo-se ao monopólio do segmento. Conforme ele, cada grande supermercado aberto, 50 pequenos estabelecimentos são fechados. “Todos têm que ganhar. O arroz é um distribuidor de lucros”. E ele considera que os mecanismos de apoio à comercialização “ajudam sensivelmente”.



“Confiamos muito no Governo Dilma, pois ela conhece o mercado do arroz”, revela, referindo-se à Presidente que, apesar de mineira, radicou-se no Rio Grande do Sul antes de mudar-se para Brasília. De acordo com Lopes, atualmente, visto a relação custo-cotação, “lavouras bem estruturadas hoje empatam”. “Hoje, com produtividades médias está se empatando”.

sumo, vamos precisar cada vez mais que o Governo intervenha. É bom que o Governo saiba disso”, alerta. O dirigente solicita “ações” do Governo em relação ao bloco econômico. “Que

o produtor também possa comprar insumos e máquinas (nos países Mercosul), que são mais baratas”, sugere. E também propõe “equalizar” as cargas tributárias. 

Sistematização e Terraplenagem

A Allcomp acaba de trazer para o Brasil a mais nova linha de Scrapers Ejetoras para deslocamento e nivelamento de solo.

Maior rendimento em corte, transporte e distribuição de terra.
Menor custo em movimentação de terra.
Sistema em Tandem e vários tamanhos.

Consulte também
nossa plaina PNA
c/ sistema Laser



All COMP
Equipamentos de Precisão

Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
Tel.: (51) 2102.7100 - Fax.: (51) 3019.9449
www.allcompgps.com.br - comercial@allcompgps.com.br



EXPODIRETO / COTRIJAL

Feira Internacional

O CAMINHO PARA BONS RESULTADOS NO AGRONEGÓCIO



CONHECIMENTO
TECNOLOGIA
MODERNIDADE
OPORTUNIDADES
DE NEGÓCIOS



de 14 a 18 de março de 2011

Não-Me-Toque - Rio Grande do Sul - Brasil

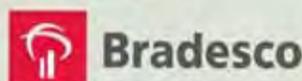
Promoção:



Patrocínio Ouro:



Patrocínio Prata:



Patrocínio Bronze:



MONSANTO
imagine



syngenta

MUITO POTENCIAL A SER

A cadeia do tomate ainda precisa se organizar melhor para que todos melhorem a renda, especialmente o produtor. Em países da Europa o consumo per capita supera os 40 quilos/habitante/ano, enquanto no Brasil é estimado em apenas 6,3 kg/ano

Arlete Marchi Tavares de Melo, Centro de Horticultura do IAC, e Paulo César Tavares de Melo, Departamento de Produção Vegetal da Esalq/USP

No Brasil, a tomaticultura tem relevante importância socioeconômica. Em 2008, movimentou uma cifra avaliada em R\$ 4,2 bilhões de reais. Além disso, a atividade contribuiu para a geração de 610 mil empregos no setor de produção. Em 2009, a safra mundial de tomate de mesa e indústria totalizou 141,4 milhões de toneladas em área cultivada de 4,98 milhões de hectares, e a produtividade média foi de 28,4 t/ha. O maior produtor mundial foi a China, com 34,1 milhões de toneladas em 1,5 milhão de hectares, mas com produtividade baixa, de apenas 22,6 t/ha. O Brasil produziu 4,2 milhões de

toneladas, em quase 66 mil hectares, colocando-se em 9º e 11º lugares, respectivamente na escala mundial. A produtividade média foi de 64,7 t/ha. Os estados com maior participação na safra nacional foram Goiás, São Paulo e Minas Gerais com 33,4%, 16% e 11,4%, respectivamente.

O tomate é produzido em praticamente todas as regiões geográficas do Brasil sob diferentes sistemas de cultivo e diferentes níveis de manejo cultural. O consumo do produto, em suas formas in natura e industrializada, não tem apresentado crescimento expressivo nos últimos anos. Enquanto em muitos países da Europa o con-

sumo per capita excede 40 quilos por ano, no Brasil é estimado em apenas 6,3 kg/ano. Esse dado mostra o potencial de expansão e crescimento da cultura. No entanto, vários problemas precisam ser superados na cadeia produtiva: desenvolvimento de cultivares com sabor e resistentes às pragas e doenças atuais; uso de agroquímicos, cujos princípios ativos causem menor impacto à saúde humana e ao meio ambiente; melhoria das embalagens e da logística de comercialização; e organização do setor.

O alto potencial destruidor de pragas e doenças continuam a gerar grandes preju-



ER EXPLORADO



Escolha do Leitor

ízos aos produtores. Na ausência de métodos alternativos de controle, o uso de agroquímicos torna-se desmedido e com aplicação incorreta. Por conta disso, pragas e patógenos desenvolvem resistência a esses produtos, os inimigos naturais são eliminados e os resíduos tóxicos causam sérios impactos à saúde pública e ao meio ambiente. A alteração desse quadro só ocorrerá quando o setor produtivo se conscientizar da necessidade urgente de adotar um manejo de pragas e doenças em bases sustentáveis.

Associativismo — O segmento produtivo da cadeia do tomate de mesa precisa se organizar em torno de uma mentalidade associativista que contribua para a sua profissionalização. Associações ou grupos regionais de produtores têm sua capacidade de barganha e competitividade ampliadas e conseguem negociar melhores preços com os segmentos supridores de insumos e com os canais de comercializa-

O tomate é produzido em praticamente todas as regiões geográficas do Brasil sob diferentes sistemas de cultivo e diferentes níveis de manejo cultural



17 a 20 maio 2011
NAMPO HARVEST DAY
Bothaville, South Africa

Maior feira de máquinas agrícolas e pecuária no hemisfério sul

**FARM
PROGRESS
2011 SHOW**

Decatur, Illinois
de 30 de agosto a 01 de setembro de 2011

A maior feira dinâmica do mundo com exposições de milhares de produtos agrícolas.

Área de demonstrações de campo com equipamentos de plantio, cultivo, colheita e agricultura de precisão.

Também segmento de sementes com destaque das novidades em genética e proteção de culturas.

Os melhores roteiros no mundo do agronegócio

www.agritoursbrasil.com.br

A Agritours Brasil existe desde 1996, ou seja, um expertise de 14 anos dedicados exclusivamente às viagens ligadas ao agronegócio. Somam-se aos nossos clientes individuais empresas de grande porte líderes no agribusiness. Portanto temos todas as ferramentas para executar essas viagens com o êxito e sucesso esperado.

Barão do Triunfo 464 - cj 12 | Brooklin
04602-001 | São Paulo - SP - Brasil
(11) 5093-5225

AGRITOURS BRASIL
AGRIBUSINESS

ção e distribuição de hortifrutis. No cenário atual, dominado por poucas e poderosas redes de supermercados, que montaram seus próprios centros de distribuição, os produtores como se encontram organizados terão cada

vez mais dificuldade de comercializar seus produtos com margens de lucro que remunerem seus investimentos. Os produtores precisam se organizar em associações a fim de obter o fortalecimento necessário no momento da comercialização.

As associações de produtores também oferecem melhores condições para viabilizar ações que possam trazer reais benefícios para o setor, tais como os seguintes:

a) Pressionar o Governo para aumentar os investimentos em pesquisa e desenvolvimento nos institutos de pesquisa, universidades e revitalizar o sistema de assistência técnica e extensão rural;

b) Ter representatividade junto ao setor governamental para discutir leis, portarias e medidas econômicas que possam afetar desfavoravelmente a competitividade da cadeia produtiva;

c) Implementar programas de transferência e difusão de novas tecnologias e de capacitação profissional;

d) Estabelecer um sistema de informação via internet onde seriam disponibilizados dados climáticos, avaliações conjunturais de safras, estatísticas de produção, dados de importação e exportação, composição de preços e subsídios para auxiliar o planejamento estratégico do segmento e links com *sites* de interesse para o setor;

e) Implementar planos de marketing, por exemplo, para incentivar o consumo de tomate;

f) Promover eventos, dias de campo, ciclo de palestras e convenções;

g) Estabelecer canais de comunicação com a mídia para divulgação de assuntos de interesse dos associados e do público em geral.

Produtividade como meta — Embora a produtividade do tomate no país venha mostrando incremento significativo e constante desde a última década, o grande desafio do setor produtivo é superar a média atual que gira em torno de 60 t/ha, sem um aumento proporcional dos custos de produção. Mudanças tecnológicas como fertirrigação, condução da lavoura no sis-

O grande desafio do setor produtivo é superar a produtividade atual que gira em torno de 60 t/ha, mas sem aumento proporcional dos custos de produção



tema de meia-estaca ou com estaqueamento vertical e em ambiente protegido têm proporcionado produtividades de 80 t/ha em campo aberto e 120 t/ha em ambiente protegido. Mas há muito ainda a avançar.

De outro lado, as transformações que vêm ocorrendo nos canais de distribuição, nas estratégias de comercialização e nos padrões de classificação e de embalagem têm alertado o setor produtivo para a necessidade de se adequar às novas demandas de mercado. No tocante à embalagem, a tradicional caixa “k” vem sendo substituída por caixas de plástico (retornáveis) e de papelão.

Ação integrada — Entre os desafios, os avanços necessários para tornar mais competitivo o setor produtivo de tomate no Brasil pressupõem uma ação integrada envolvendo todos os segmentos da cadeia produtiva. Desde os agentes financeiros e de capacitação de mão de obra, as instituições de pesquisa, ensino e extensão rural e até mesmo as empresas provedoras de insumos.

Para os melhoristas de tomate, o grande desafio é encontrar combinações híbridas que, além da ampliação da capacidade de conservação pós-colheita, tenham boa qualidade organoléptica. Outras deficiências dos híbridos hoje em cultivo desafiam os melhoristas, destacando-se a suscetibilidade a desordens fisiogenéticas que depreciam o valor dos frutos no momento da comercialização. Além disso, a busca por fontes estáveis de resistência genética

a doenças limitantes como as causadas por bactérias (cancro bacteriano, pinta, murcha e mancha bacterianas) e vírus (tosspoviroses, geminiviroses) deverá ser o principal foco dos programas de melhoramento de tomate em andamento em todo o mundo. Por parte do público consumidor, a cadeia espera aumento do consumo per capita, considerando a introdução recente no mercado de tomates mais saborosos.

Os tipos varietais de tomate de mesa no mercado atual são os seguintes: santa cruz (híbrido e não-híbrido); salada (caqui, longa vida, momotaro); italiano; tomate em cacho ou penca; e cereja – nesse tipo, o tomate da moda é o tomate-uva ou tomate grape. Embora caro, tem conquistado a preferência dos consumidores devido à doçura dos frutos, obtida com manejo adequado da fertirrigação. A má qualidade gustativa do tomate longa vida, que ainda domina o mercado de tomate de mesa, tem estimulado as empresas de sementes a investirem numa segmentação varietal mais ampla visando o resgate do sabor para atender aos mercados consumidores mais exigentes. Assim, tipos de tomate para consumo *in natura* inexpressivos até há pouco tempo, como o italiano, vêm ampliando sua participação no mercado a cada ano. 📌

Esta reportagem foi escolhida pelo leitor da revista A Granja, que votou por meio da newsletter Agronews. Aproveite agora e escolha entre as três reportagens que estão em votação a que você prefere ver estampada nas páginas de nossa revista.

Caso ainda não receba a newsletter, cadastre-se no site www.agranja.com

AGRISHOW 2011

18ª FEIRA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA AGRÍCOLA EM AÇÃO.
2 A 6 DE MAIO DE 2011 - RIBEIRÃO PRETO/SP

**BEM-VINDO
AO MUNDO
DO AGRONEGÓCIO.**



AGRISHOW 2011. UMA VIAGEM PELA TECNOLOGIA.

**Garanta já o seu ingresso antecipado.
Acesse: www.agrishow.com.br**

Organização
e Promoção



Realização



Apoio
Institucional



SECRETARIA DE
AGRICULTURA E ABASTECIMENTO



Ministério da
Agricultura, Pecuária
& Abastecimento



Fitossanidade

em destaque



UMA SAFRINHA *IMUNE* A DOENÇAS

Quais são as principais doenças que atacam o milho de segunda safra, quais as medidas para amenizar a incidência dessas moléstias e quando lançar mão de fungicidas? Com a palavra (e as orientações), os especialistas

Luciano Viana Cota, Rodrigo Veras da Costa e Dagma Dionísia Silva, pesquisadores da Embrapa Milho e Sorgo



Nos últimos anos, notadamente a partir do final de década de 90, as doenças têm se tornado uma grande preocupação por parte de técnicos e produtores envolvidos no agonegócio do milho. Relatos de perdas na produtividade devido ao ataque de patógenos têm sido frequentes nas principais regiões produtoras do país. Nesse contexto, vale destacar a severa epidemia de cercosporiose ocorrida na região Sudoeste do estado de Goiás no ano de 2000, na qual foram registradas perdas superiores a 80% na produtividade.

É importante entendermos que a evolução das doenças do milho está estreitamente relacionada à evolução do sistema de produção da cultura no Brasil. Modificações ocorridas no sistema de produção, que resultaram no aumento da produtividade, foram, também, responsáveis pelo aumento da incidência e severidade das doenças. Desse modo, a expansão da fronteira agrícola, a ampliação das épocas de plantio (safra e safrinha), a adoção do sistema de plantio direto, o aumento do uso de sistemas de irrigação, a ausência de rotação de culturas e o uso de materiais suscetíveis têm promovido modificações importantes na dinâmica populacional dos patógenos, resultando no surgimento, a cada safra, de novos problemas para a cultura relacionados à ocorrência de doenças.

Dentre as doenças que atacam a cultura milho no Brasil, merecem destaque a mancha branca, a cercosporiose, a helmintosporiose, a ferrugem polissora, a ferrugem tropical, a ferrugem branca, os enfezamentos vermelho e pálido, as podridões de colmo e os grãos ardidos. Além dessas, nos últimos anos algumas doenças, consideradas de menor importância têm ocorrido com elevada severidade em algumas regiões, como a antracnose foliar e a mancha foliar de diplodia. A importância dessas doenças é variável de ano para ano e de região para região, em função das condições climáticas, do nível de suscetibilidade das cultivares plantadas e do sistema de plantio utilizado. No entanto, algumas dessas doenças são de ocorrência mais generalizada nas principais regiões de plantio, como é o caso da mancha branca.

Quanto à importância das doenças, não há diferença entre as que ocorrem

na safra de verão e doenças de safrinha. As doenças que ocorrem na safra de verão são as mesmas que ocorrem na safrinha e com o mesmo grau de importância. Algumas doenças, como a helmintosporiose, tendem a ocorrer com maior intensidade na safrinha porque as temperaturas mais amenas, que normalmente ocorrem nesta época do ano, favorecem o patógeno *Exserohilum turcicum*. As condições ambientais de cada safra podem influenciar na ocorrência das doenças, a exemplo do que ocorreu com a ferrugem polissora na Região Sul na safra 2009/2010.

As principais medidas recomendadas para o manejo de doenças na cultura do milho são as seguintes:

- Utilização de cultivares resistentes;
- Realizar o plantio em época adequada, de modo a se evitar que os períodos críticos para a cultura não coincidam com condições ambientais mais favoráveis ao desenvolvimento da doença;
- Utilização de sementes de boa qualidade e tratadas com fungicidas;
- Utilização da rotação com culturas não suscetíveis;
- Rotação de cultivares;
- Manejo adequado da lavoura – adubação equilibrada (N e K), população de plantas adequada, controle de pragas e de plantas invasoras e colheita na época correta.

Essas medidas além de trazerem um benefício imediato ao produtor por reduzir o potencial de inóculo dos patógenos presentes na lavoura, contribuem para uma maior durabilidade e estabilidade da resistência genética presentes nas cultivares comerciais por reduzirem a população de agentes patogênicos. A mais atrativa estratégia de manejo de doenças é a utilização de cultivares geneticamente resistentes, uma vez que o seu uso não exige nenhum custo adicional ao produtor, não causa nenhum tipo de impacto negativo ao meio ambiente, é perfeitamente compatível com outras alternativas de controle e é, muitas vezes, suficiente para o controle da doença.

Controle químico — Nos últimos anos a utilização do controle químico está cada vez mais comum na cultura do milho. Os resultados de pesquisas realizadas pela Embrapa Milho e Sorgo

PIVÔS • CARRETÉIS • TUBOS
CONEXÕES EM AÇO GALVANIZADO

Krebsfer
agora é
KREBS

A Krebs é uma empresa 100% nacional que há mais de 40 anos auxilia o agricultor com sua ampla linha de soluções em irrigação.

A adoção do nome Krebs une sua tradição com uma visão criativa voltada para a agricultura moderna.



19 3119-4000

krebs@krebs.com.br

www.krebs.com.br

e outras instituições de pesquisa demonstram que o uso de fungicidas tem se mostrado uma estratégia viável e eficiente de manejo de doenças na cultura do milho. Entretanto, alguns fatores devem ser observados para que a relação custo/benefício seja positiva, ou seja, que o benefício do controle das doenças com o uso de fungicidas seja superior ao custo da sua utilização.

Dentre esses fatores destacam-se os seguintes: o conhecimento das principais doenças que ocorrem tanto ao nível de região quanto de propriedade, o nível de resistência das cultivares às principais doenças, as condições de clima durante o período do ciclo da cultura, o sistema de produção (plantio direto, rotação de culturas, etc.) e a disponibilidade de equipamentos para pulverização estão entre os mais importantes. O uso de fungicidas na cultura do milho é recomendado nas situações de elevada severidade de doenças, que são resultantes da combinação de todos, ou alguns, dos seguintes fatores: uso de genótipos suscetíveis, condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento das doenças, plantio direto sem rotação de culturas e plantio continuado de milho na área.

Efeitos fisiológicos — Tem sido demonstrado que alguns fungicidas, notadamente aqueles pertencentes ao grupo das estrobilurinas, apresentam efeitos que vão além do controle de doenças, denominados de efeitos fisiológicos. Dentre esses efeitos estão maior resistência a vários tipos de stress como seca e nutricional, aumento da capacidade fotossintética, redução da respiração foliar e maior eficiência do uso de água. Os estudos sobre os efeitos fisiológicos de fungicidas foram bem desenvolvidos na cultura da soja.

Na cultura do milho, entretanto, esses efeitos não têm sido tão evidentes, sendo detectada, em algumas situações, menor produtividade em áreas pulverizadas com fungicidas quando comparado a áreas não pulverizadas. Desse modo, mais estudos são necessários para definir a existência e a magnitude dos efeitos fisiológicos de fungicidas em plantas de milho. Por outro lado, considerando também a possibilidade de surgimento de populações de patógenos resistentes às moléculas fungicidas, em função do seu uso intensivo, e os efei-



Rodrigo da Costa



Luciano da Costa

O mais recomendado para evitar doenças é utilizar cultivares resistentes. Na foto, plantas atingidas por podridão branca (esq.) e podridão do colmo

tos negativos desses produtos ao meio ambiente, é coerente enxergarmos os fungicidas como ferramenta importante, especificamente, para o manejo de doenças, e buscarmos elevar os níveis de produtividade da cultura através de melhorias e adequações em seu sistema de produção.

No processo de tomada de decisão sobre a necessidade de aplicação de fungicidas na cultura do milho, o primeiro fator a ser observado é o nível de resistência da cultivar em relação às principais doenças presentes na região e na propriedade. De modo geral, não se recomenda a aplicação de fungicidas para cultivares resistentes. Outro fator importante a ser considerado para a toma-

das normalmente ocorrem de modo simultâneo no campo, o que pode influenciar a eficiência da aplicação.

Por exemplo, os fungicidas do grupo químico dos triazóis apresentam uma baixa eficiência no controle da mancha branca, uma doença de ampla ocorrência nas principais regiões produtoras. Desse modo, para garantir uma maior eficiência das aplicações, é fundamental a realização do monitoramento da lavoura na fase de pré-pendoamento, antes da aplicação do fungicida. Considerando que as folhas acima da espiga contribuem, em média, por mais de 90% da produção das plantas de milho, e que as doenças foliares, na sua maioria, aparecem inicialmente nas folhas baixas

e progridem em direção às folhas superiores, a folha abaixo à folha da espiga representa uma boa referência para a re-

A utilização de sementes de boa qualidade e tratadas com fungicidas ameniza o ataque. Na imagem, milho atingido por enfezamento vermelho (esq.) e enfezamento pálido



Fotos: Rodrigo da Costa

alização de inspeções de campo. A presença de sintomas de doenças nessa folha, em cultivares suscetíveis, associadas a condições climáticas favoráveis ao desenvolvimento das doenças representam um indicação da necessidade de se intervir com a aplicação de fungicidas.

Época de aplicação — Quanto à decisão sobre a melhor época de aplicação de fungicidas para o controle de doenças na cultura do milho, dois pontos devem ser considerados: 1) a fase do ciclo da cultura na qual as plantas são mais sensíveis ao ataque de patógenos; 2) o período de ocorrência das principais doenças. Na fase compreendida entre o pendoamento (VT) e grãos leitosos (R3) as plantas de milho necessitam do máximo de sua capacidade fotossintética, pois se inicia um intenso período de translocação de fotossimilados para as espigas. Nessa fase, qualquer fator que interfira negativamente reduzindo a área foliar e, conseqüentemente, a sua capacidade fotossintética, resulta em reduções significativas na produtividade de grãos.

Essa é a fase considerada crítica para a cultura do milho e que deve ser considerada quando se pretende proteger as plantas via aplicação de fungicidas. Se considerarmos que o período residual máximo dos fungicidas dos grupos das estrobilurinas e triazóis está em torno de 15 a 20 dias, e que a fase de enchimento de grãos no milho dura em média 60 dias, deve-se ter cuidado com as aplicações realizadas muito cedo, ainda na fase vegetativa da cultura (como exemplo, no estágio de oito folhas como é feito nas aplicações com pulverizadores de arrasto), pois quando as plantas realmente necessitarem da proteção química os produtos não estarão mais efetivos.

Por outro lado, é necessário considerar, também, o momento do aparecimento das doenças na lavoura. Algumas doenças, como as ferrugens e, em algumas situações a mancha branca, podem incidir ainda na fase vegetativa da cultura e, numa situação de uso de cultivares suscetíveis e de predominância de condições ambientais favoráveis, o controle químico deve ser considerado de modo a evitar que elevados níveis de doenças alcancem as folhas acima da espiga na fase de florescimento da cultura. Fica, portanto, evidente, que a época ideal para a realização das aplicações de fungicidas na cultura do milho depende de um monitoramento da lavoura que deve ser iniciado ainda na fase vegetativa da cultura, e todos os aspectos acima mencionados devem ser considerados para a tomada de decisão.

Equipamentos para pulverização — A disponibilidade de equipamentos para pulverização é outro fator que influencia a eficiência do manejo de doenças na cultura do milho por meio de fungicidas. De modo geral, os equipamentos utilizados são os pulverizadores de arrasto, principalmente em pequenas propriedades, e autopropelidos e aeronaves em grandes propriedades. No caso dos pulverizadores de arrasto as pulverizações podem ser realizadas em plantas com até 100 centímetros de altura, aproximadamente, ou seja, por volta do estágio de 8 a 9 folhas definitivas (V8 a V9). Nesse caso, deve-se dar preferência para o plantio de cultivares que apresentem bom nível de resistência às principais doenças, pois, em situações de condições favoráveis ao desenvol-

vimento das doenças e uso de cultivares suscetíveis, a aplicação de fungicidas muito cedo (V8 a V9) provavelmente será insuficiente para o controle adequado das doenças, com conseqüentes perdas na produtividade.

Os equipamentos autopropelidos, cuja altura de eixo é de, aproximadamente, 120 centímetros, permitem a realização de aplicações em fases mais avançadas do ciclo (V10 a VT), quando comparado aos pulverizadores de arrasto. As pulverizações realizadas com aviões, embora apresentem um custo mais elevado, não apresentam as limitações mencionadas anteriormente, e os resultados de trabalhos de pesquisa têm mostrado que a eficiência dessa modalidade de aplicação é equivalente àquela observada nos pulverizadores terrestres. ☒



Fotos: Luciano da Costa

O uso de fungicidas tem se mostrado viável e eficiente no manejo de doenças. Acima, planta atacada por helmintosporiose, e abaixo por mancha branca

Mofo Branco? Tenha mais esta ferramenta: Trichodermil!
Testado e aprovado por instituições oficiais: diminuiu a incidência desta perigosa doença.

Trichoderma eficiente é Trichodermil®

O primeiro Biofungicida registrado no MAPA/Brasil.

ITAFORTE
BioProdutos

www.itafortebioprodutos.com.br fone (15) 3271.2971
Rod. Raposo Tavares, Km 167 - Itapetininga - SP

Bioinseticidas:

Metarril® (cigarrinhas em cana-de-açúcar e pastagem)

Boveril® (ácaros, mosca-branca, broca do café, entre outras pragas)

Convênio Tecnológico com a ESALQ/USP desde 1996. Registros no MAPA.

Marcas registradas.

A natureza a serviço da natureza®

NO LIMPO É MA

O milho safrinha deve ser cultivado sem a presença de ervas invasoras, que competem com cultura por água e nutrientes. Além de, inclusive, facilitarem a infestação de pragas. Mas qual deve ser o manejo?

Enoir Cristiano Pellizzaro, engenheiro agrônomo da C.Vale – Cooperativa Agroindustrial

Quando pensamos no manejo de plantas daninhas devemos ter, com muita clareza, dois conceitos básicos. O primeiro é o de que planta daninha é toda e qualquer planta que se desenvolve em um local onde não é desejada. O segundo é o de que não existe uma solução mágica para todas as situações. O controle das plantas daninhas só será efetivamente alcançado quando integrarmos as várias tecnologias em um conceito de sistema, com o objetivo de favorecer a cultura em detrimento das plantas daninhas.

As necessidades básicas das plantas daninhas são as mesmas das culturas de interesse econômico. Portanto, o princípio básico que devemos seguir é o de que precisamos fazer todas as ações que possam favorecer a cultura objeto do

nosso cultivo e todos os artifícios que possam, de alguma forma, prejudicar, inibir ou impedir o desenvolvimento das plantas não desejadas.

Com este propósito, precisamos efetivamente utilizar a rotação de culturas dentro de um sistema de produção. Fato este que, por si só, já nos auxilia no mais grave dos problemas enfrentados pelos produtores desde o início da produção em larga escala, que é a seleção de plantas-problema. Estas, em sua grande maioria, simplesmente faziam parte do complexo de plantas de uma determinada região, só passando a ser problema a partir da adoção do monocultivo e da utilização das mesmas tecnologias para o seu controle ao longo dos anos.

Pousio jamais — Outra ação muito importante neste manejo é evitar, de to-

das as formas, que as áreas permaneçam em pousio. Nessas áreas existe uma grande oportunidade para a germinação e multiplicação das plantas daninhas através da produção de sementes ou até mesmo de outros meios de multiplicação e, em consequência, o aumento do seu potencial de infestação, reiniciando, assim, todo um ciclo prejudicial ao manejo das culturas implantadas.

Para evitarmos esta situação devemos lançar mão de outras culturas ou de espécies que sirvam de cobertura e, consequentemente, evitem a germinação e a multiplicação das plantas não desejadas. No caso da cultura do milho, outra técnica que muito tem auxiliado é a redução do espaçamento, fato que tem propiciado um fechamento mais rápido do milho, prejudicando a germinação e o desenvolvimento das plantas daninhas.

MIPD — O Manejo Integrado de Plantas Daninhas (MIPD) é uma técnica completa e eficiente no controle das plantas daninhas. Essa técnica procura aliar todos os passos para um manejo responsável e com consistência de resultados. O Manejo Integrado de Plantas Daninhas tem como princípios básicos evitar a competição das plantas daninhas no período mais crítico da cultura, reduzindo as perdas de produtividade, bem como possibilitar a máxima eficiência na colheita, além de reduzir o potencial de reinfestação e a disseminação das plantas indesejadas.

Quando implementamos o Manejo Integrado de Plantas Daninhas, várias metodologias precisam ser seguidas. Uma delas é o controle preventivo, em que temos a preocupação de evitar a introdução e disseminação das plantas daninhas nos sistemas produtivos. Hoje



Numa situação como esta da foto, o milho será bastante prejudicado pela concorrência com as invasoras por água, nutrientes e energia solar

Enoir Cristiano Pellizzaro

MAIS PRODUTIVO

existe uma legislação específica para isso, porém, independentemente do aspecto legal, esta deve ser uma preocupação constante por parte do produtor rural. Por isso, este deve adquirir somente sementes de qualidade e procedência conhecida, só permitir a entrada, na sua propriedade, de máquinas e implementos devidamente limpos, evitar o trânsito ou aquisição de animais de procedência de regiões que possuam histórico de plantas-problema.

Manejo cultural — Temos, também, o manejo cultural através do qual lançamos mão dos benefícios da rotação de culturas, da adubação localizada, das espécies para coberturas do solo, fatos que, por si só, já interferem na germinação e no desenvolvimento das plantas

daninhas. Neste contexto temos, também, o plantio direto que, quando manejado adequadamente, passa a ser um grande aliado na redução do potencial de infestação das plantas daninhas. Não podemos esquecer que, apesar de ser vista como uma tecnologia ultrapassada, a velha e boa enxada tem sido uma grande aliada no manejo das plantas daninhas, através do repasse para a eliminação de eventuais sobras do manejo, ou de plantas de difícil controle.

Quando pensamos no milho na segunda safra, precisamos visualizá-lo como uma cultura onde são empregadas as mais modernas tecnologias e não como no passado, quando não passava de uma oportunidade de aproveitamento das sobras de sementes da safra de ve-

rão. Em 1980 passou a constar oficialmente como a segunda safra de milho. Hoje, já responde por aproximadamente 37% da produção nacional de milho. A produtividade dessa cultura evoluiu de 1.174 kg/ha em 1984 para 4.010 kg/ha em 2010. Atualmente, é comum produtividades acima de 7.000 kg/ha.

De uma maneira geral, a sua implantação se dá de forma simultânea à colheita da soja. Este fato a torna diretamente dependente das condições de manejo das plantas daninhas na cultura da soja. Portanto, quando este manejo não é efetuado de forma correta, os prejuízos para a cultura do milho na segunda safra são praticamente certos. Há casos em que verificamos, também, que o controle das plantas daninhas foi efetivamen-



Bombas para poços, reservatórios e cisternas.

anauger

- ✓ Alta tecnologia e qualidade;
- ✓ Líder de mercado no segmento;
- ✓ 15 milhões de bombas produzidas;
- ✓ Reconhecimento no fornecimento de água;
- ✓ Linha diferenciada de bombas submersas Vibratórias;
- ✓ Atende diversas necessidades de uso da água;
- ✓ Baixo custo de manutenção;
- ✓ Simplicidade de instalação;
- ✓ Assistência técnica Nacional;
- ✓ Excelente relação custo benefício.

Proteja sua bomba com **anauger SensorControl**



Accessório indispensável na instalação de uma bomba submersa vibratória.



Tel.: (11) 4591 1661
bombas@anauger.com.br
www.anauger.com.br

te realizado com sucesso sob o ponto de vista da cultura da soja. Porém, isso só foi possível por meio de produtos, dosagens e épocas não compatíveis para o plantio da cultura do milho em sucessão. Fato este que tem criado sintomas bastante claros de fitotoxidade e, em consequência, prejuízos para a produtividade da cultura do milho na segunda safra.

A competição por água, luz, nutrientes e até mesmo por CO₂, torna a presença das plantas daninhas muito prejudicial ao milho na segunda safra. Existem outros fatores que também devem ser levados em consideração, pois, as plantas daninhas, além de trazerem prejuízos diretos para a cultura do milho na segunda safra, acarretam prejuízos para todo o sistema de produção, uma vez que servem de meios de sobrevivência para pragas, doenças e nematóides. Além de interferir na cultura do milho, isso pode comprometer os resultados de outras culturas.

Por isso, em hipótese alguma esta implantação deverá ser efetuada com a existência de plantas daninhas, pois, com certeza, teremos uma interferência negativa no manejo destas, assim como no controle de pragas e doenças e, por consequência, na produtividade do milho. Hoje dispomos de vários produtos recomendados para esse fim. Os mais comumente utilizados são os pro-



As plantas daninhas também acarretam prejuízos para todo o sistema de produção, já que se constituem em meios de sobrevivência para pragas, doenças e nematóides

Fotos: Leandro M. Mitzmann

duto formulado a partir dos seguintes princípios ativos: Ácido ariloxialcanóico (2-4-D), Carfentrazona-etilica, Glifosato, Glifosato-sal de potássio, Glifosato-sal de amônio, Glufosinato-sal de amônio e Diurom + Dicloreto de paraquate.

Em experimentos conduzidos na unidade experimental da C.Vale - Cooperativa Agroindustrial, no município de Palotina/PR, temos verificado, sistematicamente, que a porcentagem de plantas danificadas por percevejo é significativamente maior nas áreas em que as plantas daninhas não foram manejadas de

forma adequada.

Estes resultados demonstram claramente o quanto é importante a implantação da cultura do milho da segunda safra em áreas bem manejadas, onde as plantas daninhas foram efetivamente controladas. Os benefícios desta atitude também são importantes para a redução da incidência de outras pragas importantes para a cultura, tais como a lagarta elasmó (*Elasmopalpus lignosellus*), a lagarta rosca, (*Agrotis ipsilon*) e a vaquinha (*Diabrotica speciosa*). Como foi citado anteriormente, toda tecnologia tem suas limitações. Por isso, precisamos lançar mão de todo o conhecimento científico que hoje está disponível para reduzir a infestação e a disseminação destas plantas indesejadas.

Para tanto, devemos estar atentos ao controle preventivo através de atitudes que devem ser tomadas em nível de propriedade ou até mesmo, em sentido mais amplo, por meio de uma legislação específica. Há o controle cultural que envolve desde a escolha do híbrido, o espaçamento, a densidade de plantas, tecnologias que promovam o rápido fechamento da cultura, a rotação de culturas e o efeito alelopático proporcionado por culturas antecessoras. Enfim, temos nas tecnologias e no conhecimento científico, nossos grandes aliados na busca dos melhores resultados, sempre com o objetivo de favorecer a cultura, em detrimento das plantas daninhas. 

Uma das práticas para diminuir a incidência de ervas daninhas no milho é fazer a rotação de culturas dentro de um sistema de produção



DIA DE CAMPO EM ALTA VELOCIDADE



Fotos: Leandro M. Mirmann

Giro FMC alia informações técnicas com aventura. Etapa de Luis Eduardo Magalhães/BA teve 150 participantes

Informação técnica sobre os usos defensivos, muita aventura sobre rodas – e o melhor, adrenalina *off-road* – são os componentes do Giro FMC, um misto de rali de regularidade e dia de campo promovido pela FMC Agricultural Products, realizado pelo terceiro ano – e neste com patrocínio da fabricante de máquinas Case IH. A sexta das sete etapas do evento, realizada no Circuito da Soja de Luis Eduardo Magalhães, no oeste baiano, reuniu 150 participantes – a maioria de produtores da região.

As paradas técnicas da etapa baiana ocorreram nas fazendas Santana, Imperial e Prisma. Nelas, os consultores da FMC apresentaram áreas tratadas

com os inseticidas Talstar e Dipel, os herbicidas Aurora, Gamit e Boral e o fungicida Emerald, além de tirar dúvidas sobre as diversas possibilidades de aplicação dos produtos. O evento ainda teve etapas em outras

regiões agrícolas do país, como Uberlândia/MG, Ijuí-Erechim-Carazinho no Rio Grande do Sul e Balsas/MA.

Cada prova é realizada em um dia de atividades, com percurso de cerca de 300 quilômetros e três paradas técnicas. A ideia, ao agregar esporte e treinamento é promover a troca de conhecimento de maneira a ampliar o relacionamento com os clientes. “O Giro FMC atinge cada vez mais adeptos pelo caráter descontraído como foi elaborado. A proposta inicial da empresa era aproximar-se de seus parceiros de negócios, buscando uma forma mais prática de demonstrar produtos consagrados no mercado como Talstar. Mas o evento superou todas as expectativas ao proporcionar uma conexão emocional com os clientes”, aponta Márcia Terzian, gerente de Marketing de Soja da FMC. 

“O evento superou todas as expectativas ao proporcionar uma conexão emocional com os clientes”, revela Márcia Terzian, gerente de Marketing de Soja da FMC



DOIS NOVOS FUNGICIDAS DA BASF

A Basf apresentou no Show Rural Coopavel dois novos fungicidas: o Opera Ultra, para o complexo de doenças de soja, milho e trigo, e o Abacus HC, para o milho. “O Opera Ultra tem ação mais agressiva contra a ferrugem”, explica Marcelo Batis-tela, Gerente de Negócios Centro-Sul. Também mostrou o Sistema AgCelence Soja Produtividade Top, destacado num estande sobre rodas com a sala de cinema 4D. “É uma tecnologia de produção”, define Batis-tela o que é o AgCelence.

Fotos: Leandro M. Mittmann



Marcelo Batis-tela

BAYER: MANEJO INTEGRADO DE PRAGAS E DE DOENÇAS

A Bayer CropScience abordou com os que visitaram o estande na feira dois temas: o Manejo Integrado de Pragas e o Manejo Integrado de Doenças a partir de seus produtos. Como o inseticida CropStar, para o tratamento de sementes de soja e milho. “Para ter o estande garantido”, justifica Leonor Trombini, do Desenvolvimento de Mercados da Bayer. E o produto ainda atua contra nematóides. Mas também foram mostrados os fungicidas Sphere Max e Nativo, para soja e milho.



Leonor Trombini



Pedro Singer

MILENIA: TECNOLOGIA PARA TRIGO E SOJA

A Milenia apresentou em Cascavel/PR tecnologia em defensivos para soja e trigo. Como o herbicida residual pré-emergente Vezir, para soja RR, explica Pedro Singer, gerente de Desenvolvimento de Mercado da empresa. Já para o manejo da lagarta falsa-medideira, segundo Singer a principal praga da soja atualmente, foi mostrado o programa de uso composto pelos inseticidas Rimon + Methomex. E no caso do trigo, o fungicida Guapo, que possui três vezes mais o componente triazol, para o controle de ferrugem e mancha amarela.

DUPONT ENFOCA PREMIO E APROACH PRIMA

A Dupont esteve no Show Rural com atenção ao inseticida Premio, segundo Crisiano Leal, coordenador de Marketing do Paraná Norte e Mato Grosso do Sul da empresa, produto que é uma “revolução no controle da lagarta” – visto a molécula ryna-xpyr, que tem um modo de ação diferente e é assim menos tóxica. A empresa também apresentou como novidade o Aproach Prima, fungicida que agora possui registro para mais culturas: arroz, trigo, milho, café e algodão.



Crisiano Leal

SYNGENTA MONTA LABORATÓRIO PARA VISITANTES

A Syngenta organizou no parque um laboratório para os visitantes conhecerem em detalhes os efeitos das pragas, invasoras e doenças e a ação dos seus produtos. “Trouxemos do campo situações comuns e aqui procuramos transferir informações das ocorrências de campo simbolizadas no laboratório”, explicou Edson Sawada, do Desenvolvimento Técnico de Mercado da empresa. Invasoras resistentes ao glifosato como a buva, mancha alvo, percevejos entre outros foram mostrados no laboratório.



Edson Sawada



Equipe Bequisa

BEQUISA CONQUISTA PRÊMIO EXPORTA SÃO PAULO

A Bequisa conquistou o Prêmio Exporta São Paulo, edição 2010, uma iniciativa do Governo do estado de São Paulo, da Facesp e da ACSP, que reconhece os esforços e o mérito dos empresários que expandiram suas vendas no exterior. Atualmente, a Bequisa exporta seu principal produto, o Gastoxin® B57, para 56 países. Na foto, da esquerda para a direita, Daniel Pessoa, Hially Cavalcanti, Antonio Domenich, Vandilson Reis; e embaixo, Olivia Rodrigues, Ivan Kawaharada e Hellen Campos.

NORTOX APRESENTA O AGRICULTURA INTELIGENTE

A Nortox mostrou em Cascavel a linha nova de produtos do programa Agricultura Inteligente. Segundo Aramis Dzazio, representante da empresa no oeste do Paraná, e Jeancarlo Nadal, engenheiro agrônomo em Campos Gerais (PR), a Agricultura Inteligente alia o uso de um complexo de aminoácidos + tratamento com fungicidas. “Melhora a eficiência no controle de pragas e doenças”, justificam. A empresa já possuía os produtos, mas no Show Rural foi feito o lançamento com esta nova visão.



Aramis Dzazio e Jeancarlo Nadal

inpEV CONSCIENTIZA SOBRE O PROCESSAMENTO DE EMBALAGENS

O Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV) utilizou-se de sua equipe técnica e até do simpático boneco Olímpio para conscientizar os visitantes sobre a importância da correta destinação das embalagens vazias de defensivos, explicou Caio Vinicius Santos Fernandes, coordenador regional de Operações do inpEV. No estande, os diversos exemplos em que são transformadas as embalagens vazias: tubos de esgoto, novas embalagens de defensivos, barricas e muito mais.



Caio Fernandes e Olímpio

MONSANTO LANÇA NO BRASIL O ROUNDUP READY PLUS

A Monsanto aproveitou o Show Rural para lançar no Brasil o sistema de manejo Roundup Ready Plus, segundo Júlio Cesar Negreli, gerente de Estratégia Proteção e Cultivos da empresa, que combina a tecnologia do Roundup Ready mais o sistema de manejo com sustentabilidade de todo o ciclo produtivo (não apenas de um único cultivo). “Olhando o ciclo produtivo do produtor”, explica. A empresa também lançou o Intacta RR2 Pro, para o controle de lagartas e com tolerância ao glifosato.



Júlio Cesar Negreli

Para uma análise perfeita de suas sementes, use equipamentos De Leo.



GERMINADOR DE SEMENTES



HOMOGENEIZADOR DE SEMENTES



CONTADOR SEMENTES



SOPRADOR mod GENERAL



SOPRADOR mod SOUTH DAKOTA



De Leo
EQUIPAMENTOS LABORATORIAIS

www.deleo.com.br

Porto Alegre | RS | 51 3384 6111

MORANGO, ALTERNATIVA V

Flávia Drago

A campanha antitabagismo que se alastra por muitos países propicia consequências não somente favoráveis à saúde da população, mas também gera alternativas e novas experiências para agricultores. Unindo-se a essa campanha, o município de David Canabarro, na Serra Gaúcha, resolveu juntar a fome com a vontade de comer. A região é grande produtora de fumo, a principal fonte de renda da agricultura local; afinal, das mil propriedades fami-

liares, 600 cultivam fumo. Acontece que o fumo é prejudicial também a quem planta. Segundo Darcy Preto, técnico da Emater, é comum a intoxicação dos agricultores pela alta quantidade de agrotóxico aplicado. “Inclusive, os agricultores falam, em tom de brincadeira, que não podiam nem parar para comer, beber água, porque a mão estava suja”, comenta.

Parecia, no entanto, impossível trocar a cultura – consolidada há décadas – por outra inédita. Foi quando surgiu uma oportunidade: o morango. A ideia da troca apareceu quando o município de Vacaria/RS, que produz morangos em

maior escala, necessitou de uma demanda maior do fruto e aproveitou, então, o interesse de David Canabarro em adotar novas culturas agrícolas. A empresa Morangos Rissotto foi a responsável pelo pedido, e ofereceu treinamento, palestras, e inclusive as mudas de morangos, que vêm do Chile. “Todo o maquinário (*estufas, equipamento de irrigação, etc.*), aliás, é fornecido pela empresa”, conta Preto. Para conseguir atenção de outros produtores, foi feita uma massiva campanha pelo rádio, além de visitas dos fumicultores a propriedades de morango localizadas em Vacaria.

"E plantar morango é mais fácil, é um trabalho mais leve", revela Anilton Spagnollo



Fotos: Vanessa Almeida de Moraes/Emater-RS-Ascar

VIÁVEL PARA FUMICULTORES

O agricultor Ildo Spagnollo, juntamente com seu filho, Anilton Spagnollo, e seu cunhado, Orildo Lazarotto, plantava cerca de 110 mil mudas de fumo, em pouco mais de seis hectares. Agora os três plantarão apenas 22 mil mudas de fumo neste ano, em pouco mais de um hectare. O restante da área foi substituída por 43.500 mudas de morango, o equivalente a 1,1 hectare. “O trabalho é mais leve e mais limpo, sem contar com a possibilidade de ampliar a receita da propriedade”, avalia Ildo. Conforme o filho Anilton, “a vantagem do morango é que se pode plantar muitas mudas em um pequeno espaço”. “E plantar morango é mais fácil, é um trabalho mais leve”, conta Spagnollo. “A produção de fumo caiu, está em um mau momento e já não vale mais a pena plantar”, analisa.

Cultivo bem diferente — Deve-se, no entanto, observar as diferenças entre a cultura do fruto com o fumo. O morango impõe maior custo, principalmente quanto ao fertilizante. Além disso, é preciso dispensar mais mão de obra e irrigação. O trabalho mais intenso é consequência do fato de que se colhe o produto todos os dias, depois de maduro. Diferente do fumo, em que há apenas uma colheita por ano. Por outro lado, a colheita diária oferece um retorno imediato ao produtor. Imediato e garantido, segundo Preto: “Há pouca perda, porque os morangos são plantados em túneis protegidos, o que impede bastante a ação de pragas”. O preço das vendas e o faturamento dos produtores são variáveis. O morango, assim como qualquer outra hortaliça, tem seu preço acompanhando o mercado, dependendo do dia.

Com tantas vantagens, não é de se espantar que o cultivo de morangos tenha se espalhado em David Canabarro, que já conta com cinco hectares plantados. Os municípios vizinhos de Vanini e Ciríaco, com quatro hectares, também aderiram ao cultivo. Seus morangos, distribuídos através de Vacaria para



O município de David Canabarro/RS já tem cinco hectares plantados de morango

Londrina/PR, Rio de Janeiro, Nordeste e até a Região Norte, é um reflexo de que o crescimento da produção é possível e inegável. O clima otimista desperta novos objetivos: “Desejamos ampliar a demanda, mas vai depender de quanta mão de obra cada propriedade exige”, analisa Preto.

Mais que isso, o morango abre portas para novas espécies frutíferas na Serra. Já há a intenção ainda do cultivo de pêssegos, ameixas e amoras pretas. E assim como Preto, Spagnollo – que quer agora incrementar a propriedade também com pêssegos – enxerga o plantio como uma opção que terá muita notoriedade: “Acredito no futuro do morango, sem dúvidas. Até porque já tem muito produtor querendo plantar também”. Acabar com o fumo não está sendo só uma questão de saúde. Particularmente para o município de David Canabarro, é uma doce porta que abre para diversas opções na terra. ☒

All COMP
Equipamentos de Precisão

GPS

Mapeamento e cálculo de área com GPS

GARMIN

Vendas, cursos e treinamento.

(51) 2102.7100
Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
vendas@allcompgps.com.br
www.allcompgps.com.br



Fotos: Divulgação

QUEDA NOS EMBARQUES

A pecuária argentina encerrou 2010 com o volume mais baixo de exportações desde 2001. Nem o ano de 2006 – com o fechamento total das vendas –, nem durante 2008 – quando o governo atuou explicitamente para frear as negociações – foram tão contundentes nas quedas. Tudo indica que as vendas externas do ano passado ficaram pouco acima das 300 mil toneladas. Com pouco gado disponível e com o preço interno em dólares igual ou mais alto do que o preço externo para a maioria dos cortes, desta vez, o governo não teve necessidade de castigar ninguém com as retenções ou com a rejeição das permissões de exportação. A queda nos embarques ocorreu pelos próprios acontecimentos do setor. Ao mesmo tempo, a indústria frigorífica enfrenta uma das suas piores crises.

SOJA: INCERTEZAS E PRUDÊNCIA

Todo o cenário que cerca o grão é bastante alentador nesse momento e faz com que muitos esperem por altas ainda mais significativas nos preços para comercializar a safra. A analista de mercados Paulina Lescano aconselha prudência diante da conjuntura. É que grande parte das altas registradas estão sustentadas por uma posição especulativa de fundos que entram e saem rapidamente das posições e que podem decidir pelos seus lucros no momento menos esperado ou mudar de mercado diante de qualquer variação nas praças financeiras do mundo. Por outro lado, os valores da soja geram certo grau de preocupação pela crescente inflação originada nos preços da energia e dos alimentos. Por último, um dos fatores que impulsionaram as últimas altas foi o clima na Argentina, que apresentou melhoras com a ocorrência de chuvas em janeiro. As precipitações levaram um pouco de alívio a algumas zonas produtoras, mas ainda há muitas incertezas.

PARA O MÉXICO

O Serviço Nacional de Sanidade e Qualidade Agroalimentar (Senasa) informou que as autoridades sanitárias do México habilitaram oito plantas lácteas argentinas que exportam para esse mercado. Durante a última visita da delegação mexicana, ficou destacado que os programas de controle de qualidade e monitoramento aplicados nestas indústrias são bastante rigorosos.

TRIGO

No momento em que a safra chega ao seu final, a produção é estimada em torno de 15 milhões de toneladas, cerca de 7 milhões a mais do que na complicada temporada anterior.

SOJA

As chuvas ocorridas em janeiro foram providenciais para o cultivo, que já preocupava em algumas regiões. A projeção final de produção está calculada em aproximadamente 47 milhões de toneladas.

LEITE

Os produtores enfrentam aumento nos gastos com a alimentação dos animais devido à seca que afetou bacias leiteiras. Como as pastagens não se recuperam de uma hora para a outra, os criadores já solicitaram um reajuste nos preços pagos pelas indústrias.

CARNE

Depois de uma prolongada tendência altista que durou mais de um ano, os valores do gado retrocederam um pouco, principalmente, em função de questões ligadas à economia doméstica.

NENHUMA MUDANÇA PARA O TRIGO

Nada mudou depois que o governo anunciou a liberação do saldo exportável de trigo. Os produtores rejeitam as posições do governo alegando que na realidade o volume da colheita é maior e que ainda é preciso considerar cerca de três milhões de toneladas do cereal num mercado que segue em intervenção. Os agricultores afirmam que, entre retenções e preços deprimidos, recebem apenas 50% do valor internacional pago pelo cereal. Em janeiro, o setor decretou uma paralisação geral na comercialização de grãos durante uma semana. Certamente, ainda ocorrerão outras ações da cadeia produtiva, e os riscos apontam para um possível impacto sobre a área a ser cultivada na próxima safra.



GESTÃO DA EROSIÃO E DA ENXURRADA EM SPD

João Henrique Caviglione, pesquisador do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar)

O plantio direto foi criado buscando, inicialmente, a redução dos custos de produção, uma vez que não há revolvimento do solo. Porém, no início da década de 1970, quando chegou ao Brasil pelos estados da Região Sul, demonstrou potencial no controle da erosão, tornando-se uma das mais importantes ferramentas de conservação de solo. Algum tempo depois, reformulado, passou a ser denominado Sistema Plantio Direto (SPD), caracterizando-se como um conjunto de práticas integradas, em que o revolvimento mínimo deve ser conjugado com a cobertura permanente do solo e rotação de culturas com diversificação de espécies. Entretanto, o uso de barreiras físicas (terraços) de proteção contra enxurradas em SPD passou a ser questionado por pesquisadores, agrônomos e agricultores, devido a sua eficácia.

É justamente esse ponto – necessidade de utilização de terraços em SPD – que tem causado discussões ultimamente, quando já se acreditava consolidada a ideia de que o plantio direto não é uma prática

Fotos: Arquivo Iapar

A erosão afeta diretamente o produtor, pois há perda de solo, semente, adubo, defensivos e da capacidade de armazenar água na propriedade



Carreta Graneleira

Força e resistência para transportar sua colheita com segurança e rapidez. Modelos para 120, 140, 175 e 200 sacas.



Rolo Faca Arrozeiro

Regulariza os sulcos resultantes da colheita. Acama a palha do arroz, evita o rebrote e a disseminação do arroz vermelho.

Uma dupla de sucesso: na colheita da safra e na recuperação do solo.

Imediatamente após a colheita, reinicia o manejo do solo. Recupere-o, eliminando os restos culturais que ficaram.

Distrito Industrial - Santa Maria - RS
(55) 3222.7710 - www.agrimec.com.br



isolada, mas a conjugação de vários preceitos técnicos. Muitos produtores, acreditando que é suficiente manter a cobertura de palha para evitar as enxurradas e controlar a erosão, passaram a remover completamente as barreiras físicas. Outros, mais cautelosos, retiram uma de cada duas dessas proteções.

A erosão afeta o produtor – perda do próprio solo, semente, adubo, agrotóxico e da capacidade de armazenar água na propriedade – e toda a sociedade, que sofre as consequências do assoreamento, da diminuição dos níveis nos mananciais, da poluição pela eutrofização e do aumento dos custos de tratamento de água para consumo, entre outros. São perdas que passam despercebidas pelo produtor, mas que têm reflexos no custo de produção, pois já é provado que ocorre o carreamento de nutrientes e agroquímicos pela enxurrada, exigindo crescentes doses de fertilizantes e corretivos para viabilizar a produtividade econômica.

As alterações climáticas que o planeta sofre são estudadas pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), cujas previsões, no que tange às enxurradas, são bastante desfavoráveis para a maioria das regiões agrícolas. Prevê para a Região Sul do Brasil o aumento do escoamento superficial na ordem de 10% a 40% até o final do século 21, consideran-

do somente alterações de regime e intensidade das chuvas. Portanto, não se deve considerar como solucionado ou controlado o problema da erosão. A tendência, em geral, é que as chuvas se tornem ainda mais erosivas, exigindo cada vez mais de sistemas de conservação de solos eficientes e compostos pela associação de várias práticas de controle da erosão.

O SPD tem se mostrado muito eficiente para este fim. No entanto, alguns detalhes podem colocar em risco o seu sucesso. Primeiramente, é necessário respeitar suas três condições básicas: mínimo revolvimento, cobertura permanente e rotação de culturas diversificadas.

Terraços sempre — Em segundo lugar, jamais abrir mão dos terraços. Seu dimensionamento e uso correto é um tema complexo e sua implantação deve considerar a natureza de agricultura praticada na área e o sistema de manejo adotado. As principais razões que interferem no sucesso são as seguintes:

1. O terraço sendo utilizado como uma prática conservacionista isolada, diminuindo-se por isso sua eficiência no controle à erosão;

2. Espaçamento entre terraços baseados em tabelas empíricas, ou adaptadas de outros países e elaboradas com um número pequeno e insuficiente de informações e que não levam em conta as classes de solos identificadas em levantamentos pedológicos;

3. Locação e implantação dos terraços em nível, indiscriminadamente, sem considerar o tipo de solo, com a finalidade de reter e infiltrar toda a água. Nos solos com menor permeabilidade podem ocorrer fracassos, pois o canal do terraço pode estar localizado no horizonte B (principalmente, B textural, nítico ou espódico) que normalmente possui infiltração menor

que o horizonte A. Sendo assim, a água pode acumular no canal e transbordar, rompendo o camalhão do terraço;

4. Nos solos com B latossólico (principalmente Latossolo muito argiloso) o uso intensivo e inadequado de máquinas e implementos, tem provocado a formação de uma camada compactada e pouco permeável entre 10 a 20 centímetros de profundidade. Essa diminui a infiltração da água da chuva, aumenta o volume da enxurrada e contribui para o transbordamento de água e rompimento dos terraços;

5. Tabelas de terraços que não distinguem o uso da terra, além de culturas anuais ou permanentes. Porém, diferentes culturas anuais e permanentes oferecem diferentes proteções ao solo durante o processo de erosão;

6. Tabelas que não considerem o sistema de preparo do solo e manejo dos res-



Caviglione: "A tendência, em geral, é que as chuvas se tornem ainda mais erosivas, exigindo cada vez mais de sistemas de conservação de solos eficientes"



Jamais deve-se abrir mão dos terraços em áreas de SPD, sendo que o dimensionamento e uso correto além da sua implantação deve considerar a natureza de agricultura praticada na área e o sistema de manejo adotado



recomendações de espaçamento do Iapar e do Instituto Agrônomo (IAC), de Campinas/SP. Para avaliação destas perdas, também foram simuladas as duas práticas que os produtores vêm adotando – supressão total e retirada de um a cada dois terraços. As conclusões deste estudo: não é possível abrir mão dos terraços em SPD, por ser uma prática eficiente para controle da erosão; a prática de remover um terraço a cada dois não é recomendada para culturas anuais; tanto a recomendação de espaçamento do Iapar como a do IAC foram eficientes para controle da erosão e devem ser instalados em áreas agrícolas do Paraná; não é necessário remover os terraços existentes no espaçamento do Iapar para implantar o preconizado pelo IAC.

As recomendações de espaçamento entre terraços são muito próximas. A do Iapar é mais simples e requer menor número de informações. A do IAC é mais complexa e requer informações detalhadas do tipo de solo, manejo de restos culturais e da lavoura (diferencia os cultivos anuais, perenes, frutíferas e pastagens); mais: permite, em situação de SPD, espaçamento entre terraços um pouco maior do que recomenda o Iapar, mas sem prejuízos significativos no manejo da enxurrada. Informações mais detalhadas sobre plantio direto e espaçamento de terraços podem ser obtidas nas publicações “Sistema Plantio Direto com Qualidade” e “Espaçamento Entre Terraços em Sistema de Plantio Direto”, que podem ser adquiridas no endereço www.iapar.br. 

tos culturais, pois diferentes sistemas de preparo do solo e manejos de restos de cultura apresentam perdas de solo e água, diferenciados;

7. Frequentemente, o terraço é construído com altura do camalhão menor que o necessário e secção transversal insuficiente (cerca de 0,7 metro quadrado). Neste caso, mesmo em solos permeáveis, é possível que não tenha capacidade suficiente para comportar o volume de água por ocasião das enxurradas maiores.

8. Falta de manutenção periódica, pois a altura do camalhão tende a diminuir com o passar dos anos, reduzindo o volume de água retida, mesmo em terraços bem dimensionados.

Para as condições do Paraná, o Iapar analisou a perda de solo em quatro medidas entre terraços, submetidos a diversas combinações de manejo. Utilizaram-se as

-Busch Sistemas de Precisão Pioneira na Otimização de Pulverizadores -Especializada na linha eletrônica Arag de Pulverização



www.buschsistemas.com.br

E-mail: buschsistemas@buschsistemas.com.br

Rua Ipiranga, 356 - B. Glória - CEP 99500-000 - Carazinho-RS



AÇÚCAR E ETANOL

Fábio Rübenich - fabio@safras.com.br

MERCADO INTERNACIONAL DE AÇÚCAR DÁ SINAIS DE ACOMODAÇÃO

Os contratos futuros do açúcar bruto negociados na Bolsa de Nova York sucumbiram com realização de lucros e ajustes de carteiras no final da primeira quinzena de fevereiro, depois de testarem novas máximas de 30 anos no início do mês, dando, assim, sinais de acomodação, abrindo espaço para correções. No entanto, cabe salientar que o mercado ainda está dentro de um rally, que teve início em maio do ano passado, quando a libra-peso valia 14,50 centavos de dólar. Segundo o analista de Safras & Mercado Gil Barabach, o preço está bastante “esticado”, por isso, dando sinais de exaustão, esperando a próxima safra brasileira, prestes a iniciar. Na queda, que teve na sessão do dia 3 de fevereiro o seu momento mais emblemático, os contratos do açúcar bruto perderam a linha de 30 centavos de dólar por libra-peso, encerrando o pregão do dia 14 de fevereiro a 28,78 centavos de dólar por libra-peso.



Preço do açúcar no interior de São Paulo
(R\$/saca de 50 kg)

agosto	46,32
setembro	56,30
outubro	71,67
novembro	74,98
dezembro	75,15
janeiro	76,20
fevereiro	74,00

Nesses primeiros movimentos de 2011, o vencimento maio do açúcar bruto oscilou dentro de uma larga margem de atuação, caindo a 26,80 centavos, e com pico de 33,11 centavos de dólar por libra-peso. Mas, tirando extremos esporádicos, em função do estresse de vendedores e compradores, o açúcar oscilou dentro de um intervalo em torno de 28,50 a 31 centavos, tendendo a média de 30 centavos de dólar por li-

bra-peso. Uma trajetória lateral, mas que vem ganhando nas últimas sessões um viés negativo. Tecnicamente, o vencimento maio perde força ao cair abaixo da média móvel de 9 e 40 períodos. Embora na mínima tenha se aproximado de 28 centavos, ainda sim seguiu acima da média móvel de 100 períodos, atualmente em 27 centavos. Isso garante algum fôlego de longo prazo, reforçando a idéia de acomodação baixista.

ALGODÃO

ESCALADA DE FORTE ALTA NO MERCADO INTERNO

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

As cotações domésticas do algodão continuaram dando sequência a sua tendência de alta nas últimas semanas. A baixa oferta encontrando uma alta demanda global tem sido suporte para ascensão dos preços no físico spot. Os agentes que ainda possuem disponibilidade de estoque estão objetivando a venda em pequenas quantidades, na estratégia de elevar as cotações no curto prazo. A expectativa é que a restrição da oferta ocorra durante todo o período de entressafra. O recorde histórico da alta de preços provocado pela forte redução dos estoques mundiais impulsionou o plantio do algodão no Brasil, que atingiu – na safra 2010/11 – uma das maiores áreas cultivadas com a pluma nos últimos dez anos. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) a área plantada cresceu 56,1% em comparação à safra 2009/10, o que em valores absolutos representam 469 mil hectares a mais. O plantio do algodão primeira safra está concluído nas principais regiões



Média dos preços do algodão em pluma
(R\$/@ CIF São Paulo Pqto. 8 dias)

agosto	60,80
setembro	71,69
outubro	74,05
novembro	87,58
dezembro	94,86
janeiro	111,36
fevereiro	123,70

produtoras. As lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo e germinação apresentam boas condições, beneficiadas pelas boas condições climáticas. O algodão segunda safra está em plano andamento da semeadura e estima-se a sua conclusão ainda para a segunda quinzena de fevereiro. A expectativa é que a produção brasileira de pluma tenha um acréscimo de 63,3%, ou seja, para esta safra deverá alcançar 1,950

milhão de toneladas. Em valores absolutos, serão disponibilizadas para o mercado mais 756,1 mil toneladas. Indicações para a fibra padrão 41.4, nos patamares de R\$ 3,83 a R\$ 3,86/libra-peso, Cif São Paulo. Na região de Barreiras e Luís Eduardo Magalhães, na Bahia, o caroço de algodão negociado na média de R\$ 435/tonelada. Ainda na região, indicações para a fibra 41.4, nos patamares de R\$ 3,67 a R\$ 3,71/libra-peso.

SOJA

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

VENDAS AVANÇAM FORTE NA SAFRA NOVA

A comercialização da soja vinha apresentando bom avanço no Brasil em fevereiro, especialmente no caso das vendas antecipadas da safra nova. E neste caso atingem o fluxo mais rápido em toda a história, superando os 40% do recorde anterior registrado em 2008, para a safra 2007/08. De acordo com o novo levantamento realizado por Safras & Mercado, até a posição de 4 de fevereiro, o comprometimento era de 43% da estimativa atual para a safra nova no país. Essa posição seguia muito superior aos 28% anotados em igual momento do ano passado e também sobre os 27% de 2008/09. Dessa forma a diferença para a média dos últimos cinco anos de 31% sobe agora de 10% para 12%. Isso significa que para uma média de evolução das vendas antecipadas nesse período de 8%, desta vez tivemos avanço de 10%.

Ao levarmos em conta a atual estimativa de S&M para esta nova safra de 67,654 milhões toneladas (que muito provavelmente seria revisada para cima no relatório posterior), significa um volume de comprometimento de 29,170 milhões de toneladas. Um melhor dimensionamento da amplitude desse fluxo de negociação antecipada pode ser observado comparando com os 19,060 milhões anotados em igual período de 2010. Outra

Soja em Cascavel/PR (R\$/saca de 60 kg)	
agosto	39,59
setembro	41,40
outubro	44,54
novembro	48,57
dezembro	47,85
janeiro	49,05
fevereiro	50,00



característica semelhante aos dos relatórios anteriores é que a quase totalidade dos negócios realizados nos últimos dois meses ocorreu na modalidade de pré-fixações, com produtores aproveitando a combinação de forte elevação dos preços externos com a manutenção de firmes posições nos prêmios de exportação, e sólida disposição de compra diante das preocupações do mercado externo com o futuro da safra sul-americana.

Embora os negócios da safra atual tenham avançado nos últimos dois meses, o fluxo foi bem inferior ao verificado na safra nova. Pelo levantamento de S&M até 4 de fevereiro a safra 2009/10 negociada pelos produtores era de 96%, bem abaixo dos 99% registrados em igual período do ano anterior e tam-

bém aquém da média de 98% para as últimas cinco temporadas. Considerando a atual estimativa de produção em 68,073 milhões de toneladas, a comercialização realizada era de 65,528 milhões de toneladas. Isso significa que o país ainda tinha uma disponibilidade com os produtores de 2,545 milhões, 334% maior que as 587 mil toneladas em igual momento de 2010. Importante salientar que a maior parte desse produto ainda disponível no mercado está localizada no Sul, com 96% desse total, ou 2,450 milhões. No caso do Rio Grande do Sul, há ainda a disponibilidade de 1,430 milhão de produto não fixado, ou 56% do total; no Paraná de 995 mil, ou 39% do total; e em Santa Catarina de 25 mil toneladas, ou 1% do total.



Se você exige qualidade total para seus equipamentos, **faça o mesmo no momento da compra das peças.**



JOHN DEERE

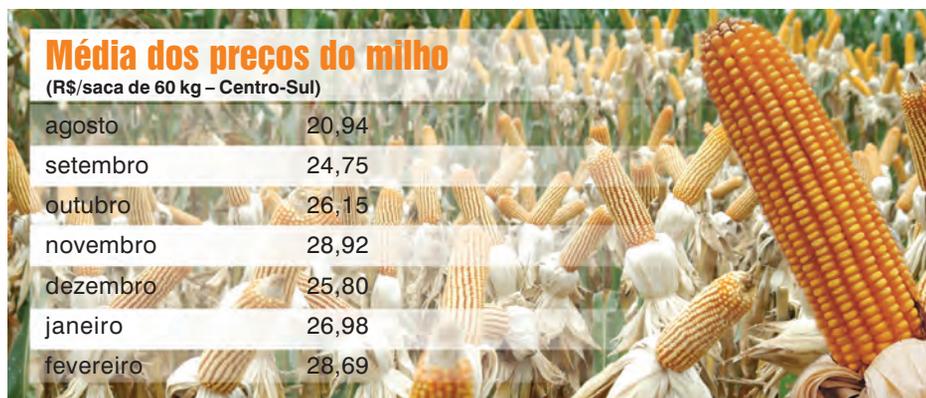
www.JohnDeere.com.br

MILHO

Arno Baasch - arno@safras.com.br

MERCADO BRASILEIRO AGUARDA ENTRADA DA SAFRA NOVA

O mercado brasileiro de milho manteve um quadro de preços valorizados na primeira metade de fevereiro. Essa condição teve como fator chave a forte demanda frente a um quadro de oferta bastante escassa, dado o atraso na colheita da safra verão. No mercado internacional, a incerteza quanto ao volume a ser produzido em grandes países exportadores do cereal, como Estados Unidos e Argentina, também vem contribuindo para uma forte valorização de preços, que acabam refletindo no mercado nacional. Segundo o analista de Safras & Mercado Felipe Netto, essa conjuntura acaba influenciando na dinâmica dos preços, que somente não se valorizaram ainda mais até a primeira quinzena de fevereiro devido aos leilões de venda de estoques por parte do Governo. É bom lembrar que os leilões foram retomados em janeiro e vem se esten-



Média dos preços do milho (R\$/saca de 60 kg – Centro-Sul)	
agosto	20,94
setembro	24,75
outubro	26,15
novembro	28,92
dezembro	25,80
janeiro	26,98
fevereiro	28,69

dendo, sempre com uma demanda considerada de razoável a positiva pelo mercado.

Netto informa que mesmo com alguns estados já sendo abastecidos com milho da safra verão, caso do Rio Grande do Sul e de São Paulo, o quadro de preços mais altos não tende a se alterar muito no curto prazo, pois a chuva vem mantendo a colheita bastante lenta. “O atraso nas ativi-

dades é um dos motivos que levaram o Governo a continuar com os leilões de oferta de estoques públicos. Estes tendem a ser mantidos pelo menos até o final de fevereiro”, prospecta. No que tange à safrinha, produtores também temem que a chuva possa vir a atrapalhar o plantio em tempo hábil, pois as precipitações vêm dificultando a colheita da soja em muitos estados.

CAFÉ

Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

MERCADO TRABALHA COM PREÇOS MAIS ALTOS EM 13,5 ANOS

O mercado internacional de café vai apresentando fortes altas nas cotações nos dois primeiros meses de 2011. Os fundamentos seguem sólidos para os preços. Há temporadas os estoques mundiais vêm caindo, com a demanda seguindo firme e a produção deficitária. O quadro agora se agrava, já que o Brasil colhe uma safra menor a partir de maio, dentro do ciclo bienal da cultura, que alterna anos de safra cheia com anos de uma colheita menor. As cotações vêm subindo principalmente pela escassez de oferta de cafés arábica de alta qualidade no mundo, como os arábica lavados colhidos na América Central e Colômbia. São países que tiveram problemas nas safras recentes e de quem se esperava grandes recuperações na produção 2010/11. Só que essas nações estão colhendo menos do que se imaginava diante de problemas climáticos.

Assim, os preços na Bolsa de Nova York estão nos níveis mais altos em 13 anos e meio, superando US\$ 2,60 à libra-



Preço para bica corrida do sul de Minas (Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/saca de 60 kg)	
agosto	317,95
setembro	327,30
outubro	326,60
novembro	357,91
dezembro	402,64
janeiro	444,48
fevereiro	498,00

peso em meados de fevereiro. Vale lembrar que em igual período de 2010, NY trabalhava em torno de US\$ 1,40 à libra, ou seja, o mercado quase dobrou a cotação de fevereiro de 2010 para o mesmo mês de 2011. E no mercado brasileiro, onde o produtor sonhava com cotações de R\$ 300 a R\$ 350 a saca para os arábicas de boa qualidade em 2010, os preços já estão em R\$ 510/R\$ 520 para o tipo 6, quase chegando no salário míni-

mo de R\$ 540, que muitos indicam como um preço meta do cafeicultor. Resta pouco da safra colhida em 2010 para o produtor brasileiro negociar, menos de 20%, e o mercado nacional está travado porque quem ainda tem grãos para a venda está capitalizado e vai esperar cotações ainda mais altas, frente à demanda constante para atender as necessidades do país especialmente para as exportações.

ARROZ

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

TENDÊNCIA NO MERCADO BRASILEIRO SEGUE BAIXISTA

O mercado brasileiro de arroz esboçou uma leve recuperação no final de fevereiro. Na média do estado do Rio Grande do Sul, o grão em casca foi cotado a R\$ 22,33 por saca de 50 quilos, com alta de 1,55% em relação aos R\$ 21,99 de uma semana atrás. Este estancamento do canal de baixa iniciado no início de dezembro pode ser creditado às informações de que o Governo entrará no mercado para impedir recuos mais expressivos. Porém, sazonalmente, com a iminência do ingresso de uma safra cheia no Mercosul, é difícil acreditar numa recuperação mais consistente das cotações. Além disso, em relação ao mesmo período do mês anterior o cereal ainda acumula retração de 4% e frente a igual momento do ano anterior de 25%. Tomando-se como exemplo o mercado da região de Pelotas/RS, é possível visualizar de forma mais clara o atual comportamento. No início do mês de dezembro de 2010, a saca em casca era negociada a uma média de R\$ 25,98, ainda acima do preço mínimo esta-



Preço do arroz irrigado em Alegrete/RS (R\$/saca de 50 kg)	
agosto	27,42
setembro	26,71
outubro	25,54
novembro	25,28
dezembro	24,73
janeiro	23,15
fevereiro	21,86

belecido pelo Governo. Com o fracasso dos leilões de Prêmio para Escoamento do Produto (PEP) realizados no início do mês, com a costeira redução da demanda por parte dos engenhos naquele período e uma maior presença de vendedores, os preços entraram numa trajetória baixista, a qual só encontrou um ponto de suporte no último dia 26 de janeiro a R\$ 21,91 na região de Pelotas. A partir de então, percebe-se uma lateralização das cotações a qual parece mostrar que o mercado considera o patamar de R\$ 22 como uma refe-

rência. Também se pode concluir que esta referência está pautada na sazonalidade de oferta (entrada de safra), pois, pela paridade de importação, as cotações no âmbito interno deveriam estar num patamar superior ao atual. O arroz em casca do Uruguai é indicado a US\$ 13,50 por saca de 50 quilos no Fob. Com o câmbio a R\$ 1,67 e com as despesas de internação, o cereal do país vizinho entra na fronteira a R\$ 24,95 por saca. Este nível de preço é 12,96% superior à média de preços praticada no mercado gaúcho.



**É TEMPO DE
PRODUZIR.
Use Prosolo.
O primeiro insumo
da sua lavoura.**

PROSOLO
O calcário da Mônica.

LANÇAMENTOS DA JOHN DEERE NO SHOW RURAL

A John Deere apresentou no Show Rural Coopavel um novo modelo da sua Série 70: a colheitadeira 9470 STS amplia as opções de modelos com o rotor STS desenvolvido pela própria empresa, permitindo o acesso a uma nova faixa de clientes, aqueles que cultivam uma área menos extensa às vantagens desta tecnologia, como a qualidade do grão colhido. Outra atração foi a colheitadeira 1175, que agora também pode ser financiada pelo Programa Mais Alimentos, assim como apresentou uma nova colhedora de cana, a 3522, projetada para colher duas linhas do canavial. Mas a companhia também apresentou dois novos modelos de tratores, 5075E e 5078E, que também podem ser incluídos no Mais Alimentos. E a linha de tratores passou por uma grande renovação, ao ganhar nova nomenclatura e mais modelos, como o 6180J, de 180cv.



Fotos: Divulgação

JACTO OFERECE CLÍNICA DO PULVERIZADOR NO SHOW RURAL

No Show Rural Coopavel, mais do que mostrar seus produtos, a Jacto criou um novo programa de relacionamento com os clientes. O Clínica do Pulverizador é um espaço em que uma equipe técnica multidisciplinar expôs aos visitantes conteúdo técnico sobre aspectos de uma manutenção simples e segura nos pulverizadores, até a configuração e apresentação de ferramentas que garantam produtividade e lucratividade na propriedade. Na feira, a Jacto ainda apresentou a barra de luzes Otmis LB 1100, o piloto automático hidráulico Otmis HP 2200, o controlador automático de seções Otmis SC 3300 e o sensor de automático de altura de barras Otmis LC 4600. Os produtos Otmis além de poderem ser acoplados aos pulverizadores automotrizes, estão disponíveis também para toda linha de pulverizadores de barras tratorizados.

CASE IH ENTREGA 50 TRATORES FARMALL A FAMILIARES



Diego Thomé

A Case IH entregou de uma só vez, em Passo Fundo/RS, num grande evento, 50 tratores Farmall 80 a agricultores familiares, que os adquiriram pelo programa Mais Ali-

mentos. Os agricultores são de Passo Fundo e região. “Quando a Case IH anunciou a nacionalização da produção do Farmall 80 e a adesão ao Programa Mais Alimentos, já sabíamos que teríamos bons negócios para comemorar”, revelou Claiton Bervian, diretor comercial da Meta Agrícola, concessionária Case IH no município. Delmar Felini, que cultiva 25 hectares no município de Nicolau Vergueiro, estava eufórico. “Vai facilitar muito (o trabalho). É nota dez!”, descreveu.

NEW HOLLAND: 35 ANOS DA FÁBRICA DO PARANÁ

A New Holland comemorou na feira de Cascavel os 35 anos da fábrica no Paraná, localizada em Curitiba. E Francesco Pallaro, vice-presidente da marca na América Latina, destaca a importância do estado no agronegócio brasileiro e do Show Rural neste contexto. “Os produtores investem em tecnologia de ponta para aumentar a produtividade, enfrentando os desafios impostos pela demanda de mercado. O Show Rural é uma grande oportunidade para apresentar as novas soluções para esta tarefa e, como é a feira que abre o circuito nacional do agronegócio, serve de termômetro para o mercado”, avalia. Entre os destaques da companhia no evento da Coopavel, a colheitadeira CR 9060 (foto), que foi nacionalizada no ano passado. “Somos pioneiros no desenvolvimento do sistema de duplo rotor e entendemos que a CR 9060 atende as necessidades dos produtores”.



MASSEY FERGUSON PREPARA LANÇAMENTO DE PULVERIZADOR

A Massey Ferguson deixou o parque do Show Rural com os mesmos resultados do ano passado e otimista quanto ao restante de 2011. Entre as novidades preparadas para o ano, o lançamento do primeiro pulverizador com a marca Massey Ferguson no mundo e a ampliação da oferta em agricultura de precisão, além da consolidação das novas séries de tratores e colheitadeiras lançadas no último ano. “Trabalhamos projetando a ampliação da nossa liderança de mercado no segmento tratores e um crescimento entre as colheitadeiras com a consolidação do Programa Mais Alimentos”, ressalta o diretor comercial da marca, Carlito Eckert, que projeta um ano forte para o setor de maquinário. O diretor aponta para bons indicadores no preço das principais commodities e a oferta suficiente de crédito ao produtor.



STARA APRESENTA NOVIDADES EM CASCAVEL

A Stara expôs no Show Rural Coopavel, no mês passado, sua linha completa de máquinas agrícolas, além de lançamentos. Entre as novidades, a plataforma de milho Brava Elektra, que agora possui roçadeira, rolo recolhedor lateral e o monitor de colheita, o qual mede a produtividade dos grãos instantaneamente no momento da colheita. A linha de plantio também apresentou duas novidades: a Victória Top Pneumática e Absoluta, uma plantadora articulada com monitor de sementes e taxa variável para a população de sementes, ela pode variar de 27 a 35 linhas de plantio. Entre os demais destaques, os pulverizadores autopropelidos, com o lançamento do Gladiador 2300 4x2 mecânico, do Gladiador 2700 Hidro e, do primeiro e único autopropelido do mundo com barras centrais, o Imperador 3.100. Além de sua exposição no stand, a Stara disponibilizou um Imperador para realização de test drive em sua Arena.



NOVA LINHA W FLY VOLARE DE MINIÔNIBUS

A Volare lança a linha W FLY e aproxima o miniônibus do conceito veicular aplicado nos automóveis para maior conforto, segurança e acabamento superior. “Na linha W FLY demos um passo importante no sentido de aumentar a preservação ambiental e no uso de processos e produtos que não agredem a natureza. Adotamos plásticos de alta tecnologia em peças grandes e significativas como todo o painel de instrumentos, paredes de separação, revestimentos internos, além de componentes menores”, explica Milton Susin, diretor executivo da Volare. Uma das novidades da linha é o modelo Limousine. “A concepção do Limousine nasceu do objetivo de produzir um veículo que estivesse além do que os nossos clientes esperam de um miniônibus, quer seja em tecnologia, conforto, padrão de acabamento e até em design interno e externo”, explica Roberto Poloni, gerente de engenharia.

LINHA DE TRATORES E CAMINHÕES DA AGRALE

A Agrale mostrou no Show Rural a sua linha completa de tratores, com destaque para o modelo BX 6180, que conta com uma nova cabine, mais confortável, ergonômica e moderna. A empresa apresentou também seus caminhões 8500 CE, 8500 E-MEC – incluídos no Programa Mais Alimentos – e o modelo médio 13000, além de toda a gama de produtos Lintec. A nova cabine desenvolvida para atender a Linha 6000 proporciona maior conforto para o operador e oferece maior espaço interno. Já os tratores Agrale 5000 são ágeis, versáteis e se adaptam aos mais diversos tipos de aplicações em terrenos e culturas. E líder há mais de 40 anos no segmento de tratores de pequeno porte, a linha 4000 da Agrale é equipada com tomada de potência, barra de tração e sistema hidráulico completo de três pontos.



VALTRA MOSTRA TECNOLOGIAS DE AP

A Valtra levou a Cascavel inovações em agricultura de precisão. O principal destaque foi o AGCOMMAND, novidade em sistema de telemetria que permite a facilitação do gerenciamento das lavouras por meio da gravação e transferência de dados automaticamente da máquina para o escritório. Outro equipamento apresentado foi o piloto automático System 150, que já possui versão adaptada para o mercado da cana. O System 150 capacita as máquinas para trabalhar nas diversas culturas e com as exigentes condições agrícolas brasileiras. A empresa ainda fez o pré-lançamento do pulverizador BS 3020H, que alia tecnologia e mecânica inovadora capaz de manter a estabilidade durante todo o processo de pulverização.

YANMAR AGRITECH TRATORES NA CAFEIRA SELO VERDE

A concessionária Bamagril, que representa e comercializa a Yanmar Agritech, de Luis Eduardo Magalhães/BA, entregou sete tratores modelo 1175 para a Fazenda Oiti, uma das propriedades da Cafeeira Selo Verde. “O trator compacto 1175 possui 75 cavalos e 16 válvulas, que atende tanto lavouras de café em espaços reduzidos, como em cultivo irrigado, graças à potência do motor e à melhor dirigibilidade que o seu tamanho compacto proporciona. O trator apresenta também bons resultados em aplicações que necessitem de baixa velocidade sem perda de potência. Além disso, a baixa compactação do solo, principalmente em terrenos arenosos, evita valas provocadas pelos pneus”, destaca o gerente de marketing e pós-venda da Agritech, Pedro Cazado Lima Filho.

PIONEER COM NOVOS PRODUTOS E SERVIÇOS

A Pioneer participou do Show Rural da Coopavel, em Cascavel/PR, com o lançamento de tecnologias e produtos. Uma das novidades foi o híbrido P3161H Híbrido simples, superprecoce com alto potencial produtivo e já disponível com a tecnologia Herculex I. Seu grande benefício para os produtores de safrinha é a colheita mais rápida de suas lavouras evitando perdas com geadas e estiagens. A Pioneer ainda apresentou a tecnologia HR, que é a associação da tecnologia Herculex I com a tecnologia Roundup Ready permitindo aos produtores controlar as principais ervas daninhas em pós-emergência utilizando herbicidas a base de glifosato e glufosinato de amônio. E novas opções do serviço de Tratamento de Sementes Industrial como Poncho e Avicta Completo também foram apresentados durante a feira.

TRAMONTINI COM TRÊS NOVOS TRATORES

A Tramontini Tratores, sediada em Venâncio Aires/RS, lançou três novos modelos de tratores, e todos integram a linha de financiamento do Programa Mais Alimentos: o T8075-4 Série Brasil, com 80cv, que leva a empresa a ingressar na categoria de potência que mais cresceu no Brasil nos últimos três anos. E os dois tratores cafeeiros, de 32cv e 50cv, com 1,17 metro de largura, os modelos mais estreitos do mercado. “O modelo 80cv é uma máquina configurada para uso na produção de grãos, mas já estamos trabalhando numa versão mais compacta para uso na fruticultura”, destaca o gerente comercial da empresa, Docelino Santos (*dir.*). “Com este lançamento, além de colocar no mercado um produto de excelente custo-benefício, a Tramontini dá uma demonstração de sólido crescimento, pois o novo trator consolida nossa equipe de engenharia e nos motiva a continuar projetando e construindo máquinas para a produção de alimentos no Brasil”, afirma o diretor da Tramontini, Júlio Tramontini (*esq.*).



Carlinhos Rodrigues

MONTANA EXPÕE MÁQUINAS NO SHOW RURAL

A Montana participou do Show Rural Coopavel com toda a sua linha de produtos, como tratores, pulverizadores e colhedoras de algodão, além de vagões forrageiros, barra de luz para agricultura de precisão e acessórios como a lavadora de alta pressão Cyclone. Entre os tratores, os modelos Mistral e Montana, da linha superleve, os leves Montana LS 90, Rex e Treker, os médios Globalfarm e Technofarm, assim como o pesado Landpower, de 140165/180cv. Entre os pulverizadores, tanto os acoplados e de arrasto, como os sete modelos autopropelidos Boxer e Parruda e os sete modelos de turbina. E as duas colhedoras de algodão Cotton Blue – a 2826 Stripper, para algodão adensado, e a 2805 Picker, de cinco linhas para algodão convencional.

TEEJET APRESENTA MATRIX PRO COM REALVIEW

O Sistema Matrix Pro de Orientação da TeeJet Technologies oferece aos produtores o exclusivo Realview, orientação sobre vídeo, juntamente com diversas novas funcionalidades que aumentam a produtividade. O Matrix é o único sistema disponível que mostra orientação e vídeo ao vivo simultaneamente, melhorando a precisão e eficiência nas operações no campo. Podem ser usadas até oito câmeras RealView para monitorar as múltiplas operações da máquina e ao mesmo tempo visualizar as informações de orientação. Os produtores podem escolher Matrix Pro 570, com uma tela de 145mm (5.7"), ou Matrix Pro 840, com tela de 213 mm (8.4").



RICETEC PRESENTE NA 1ª EXPODINÂMICA

A RiceTec apresentou novidades na 1ª ExpoDinâmica e Tecnológica da Metade Sul, evento realizado em Jaguarão/RS, em fevereiro. Ao completar dez anos de atuação no Brasil, a empresa pioneira no setor de pesquisa e produção de híbridos de arroz no país, iniciou 2011 com os seus produtos e sua equipe preparada para que seus clientes obtenham ótimos resultados. No evento a empresa também apresentou o novo diretor para o Mercosul, Ricardo Blohm Bendzius, engenheiro agrônomo com grande experiência no agronegócio. Graduado em Engenharia Agrônoma pela Esalq/USP, possui MBA pela Universidade de Pittsburgh (EUA), além de especializações em Marketing. Bendzius iniciou sua carreira na Monsanto em 1990; desde esta data, construiu sua carreira em empresas do agronegócio e do setor farmacêutico.

FIRESTONE APRESENTA RADIAIS NA COOPAVEL

A Bridgestone, por meio da sua marca Firestone, participou do Show Rural Coopavel com a sua linha completa de pneus radiais. Foram apresentados o Radial All Traction 23°, o Radial All Traction FWD, o Radial All Traction DT e o Radial 9000, sendo esse último projetado com barras mais altas para uso em terrenos que exigem maior tração no solo molhado. A empresa prevê crescimento de 10% este ano no agronegócio. "Os últimos dados mostram expansão na exportação de grãos e boas perspectivas no mercado. Diante desse cenário, acreditamos que o potencial do Brasil em se tornar um fornecedor de matéria-prima aquecerá o setor, sobretudo na América Latina, nos Estados Unidos, na Europa e na China. Com isso, a agricultura demandará mais tecnologia, eficiência e menor custo, e nós estamos preparados para isso, fornecendo o que há de melhor em pneus", afirma Mário Barros, gerente comercial da Firestone no Brasil.



ANOTE AÍ

A irrigação e a fertirrigação são práticas que nos últimos anos que vêm crescendo com força na citricultura paulista. Por isso ocorre o I Simpósio Internacional de Irrigação e Fertirrigação na Citricultura, dias 14 e 15 de abril, no Instituto Agronômico, em Campinas/SP. O grupo de pesquisadores em Nutrição dos Citros do IAC, motivado por técnicos e lideranças do setor citrícola paulista, está propondo este simpósio, visando divulgar e discutir os avanços tecnológicos do setor, bem como propor novos horizontes para a pesquisa. Mais informações no site www.siifcitrus.net.br

Durante a realização da 12ª Expodireto Cotrijal, de 14 a 18 de março, em Não-Me-Toque/RS, ocorre o tradicional Fórum da Soja, no dia 15, a partir das 8 horas. Entre as palestras, a da senadora Ana Amélia Lemos, que abordará o tema "O Agronegócio e as prioridades do novo governo". Outra das explanações será a de André Pessoa, diretor executivo da Agroconsult e idealizador do Rally da Safra, que abordará o tema "O mercado de Soja em 2011 – Oportunidades e Riscos". A Expodireto tem a presença confirmada do ministro da Agricultura, Wagner Rossi. Toda a programação está no site www.expodireto.cotrijal.com.br

Entre os dias 21 e 23 de março, a cidade de Salvador/BA recebe a 12ª edição do Agrocafé - Simpósio Nacional de Agronegócio Café. O tema central será "Café: A Estrela Guia do Desenvolvimento Sustentável", e um dos objetivos do evento é ampliar a discussão sobre a evolução e direcionamento da produção no cenário nacional e internacional com enfoque na preocupação com os altos custos da produção e baixo valor de venda, sem perder de vista a saúde do produtor, do consumidor e a integridade do meio ambiente, promovendo desta forma a ciência, a tecnologia e a inovação. O Simpósio é voltado para representantes do segmento cafeeiro como pesquisadores, professores, estudantes, produtores, empresários e profissionais do agronegócio do café. Detalhes em www.agrocafe.com.br

PRODUÇÃO DE CANOLA AUMENTA 65%

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), na safra 2010/2011 deverão ser colhidas cerca de 70 mil toneladas de canola, aumento de 65% em relação à safra anterior. Segundo o secretário de Produção e Agroenergia do Ministério da Agricultura, Manoel Bertone (foto), o crescimento da produção é consequência do Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), dos investimentos em pesquisa e à indicação de áreas aptas para o plantio. “Esse aumento é reflexo da consolidação da indústria do biodiesel no Brasil”, destaca o secretário. Segundo ele, a demanda do setor de biocombustíveis por óleos vegetais é grande. “Uma única usina na região Sul fomentou quase que 1/3 da produção de canola dessa safra”, diz. O fortalecimento da cadeia produtiva da oleaginosa depende também de investimentos da iniciativa privada, em conjunto com as ações de fomento do governo federal.



Ministério da Agricultura

UNIDADE DA BUNGE EM NOVA MUTUM

O município de Nova Mutum/MT receberá investimento de R\$ 60 milhões da multinacional Bunge para a implantação de fábrica de biodiesel. O novo investimento foi apresentado ao governador Silval Barbosa pelos representantes da empresa, o vice-presidente de Gestão e Inovação de Processos, Martus Tavares, e o vice-presidente de Agronegócios, Murilo Braz Santana, juntamente com o prefeito do município, Lírio Lautenschlager. A Bunge já atua em Nova Mutum no esmagamento de soja (4 mil toneladas por dia) e a nova unidade aproveitaria o óleo proveniente do grão para a produção do biocombustível. Ainda não está definido o número de trabalhadores na produção. A atual planta emprega 1,8 mil pessoas. A intenção da Bunge é abastecer o mercado interno e exportar parte da produção.

BIODIESEL NO CARNAVAL CARIOCA

O biodiesel foi utilizado como combustível no carnaval do Rio de Janeiro por todos os carros alegóricos da Mocidade Independente de Padre Miguel. A escola de samba, que escolheu como tema para o desfile deste ano justamente a agricultura (“Parábola dos Divinos Semeadores”), utilizou cerca de 800 litros do óleo, produzido a partir de resíduos vegetais e animais. A iniciativa é resultado de acordo entre a agremiação e as empresas produtoras do óleo, organizadas por meio da União Brasileira de Biodiesel



Valéria Del Curoto

ÔNIBUS DE SÃO PAULO ADOTAM O B20

A cidade de São Paulo começou o Programa Ecofrota, que prevê a utilização da mistura de 20% de biodiesel ao diesel comum usado no transporte público. O Ecofrota é um programa-piloto para a cidade, em que 20% de biodiesel produzido com sementes de algodão, soja e milho é misturado ao combustível normal. “Esta é uma ação muito importante de características fundamentais para melhorar o meio ambiente na cidade de São Paulo. Tínhamos experiências, mas não com essa dimensão”, destaca o prefeito paulistano Gilberto Kassab. “Ao todo, 1.200 ônibus utilizarão esta nova mistura e se juntarão a outras ações da Secretaria Municipal de Transportes relacionadas ao uso de combustíveis alternativos e ambientalmente corretos.”

Tela quente mesmo, só aqui.

Fogo de Chão, domingos, 12h.



ulbra tv

Rio Grande do Sul: Porto Alegre e Região Metropolitana – 48 UHF. Porto Alegre – 21 NET. Cachoeira do Sul – 49 UHF. Cachoeirinha – 19 TVN a Cabo. Candelária – 39 UHF. Canoas – 19 TVN a Cabo. Carazinho – 48 UHF. Esteio – 19 TVN a Cabo. Flores da Cunha – 45 UHF. Ijuí – 54 TV São Paulo a Cabo. Imigrante – 7 VHF. Jaguarão – 6 VHF. Marques de Souza – 13 VHF. Osório – 41 UHF. Pantano Grande – 5 VHF. Quaraí – 25 UHF. Relvado – 9 VHF. Rio Pardo – 29 UHF. Ronda Alta – 7 VHF. Santa Maria – 23 UHF. São Leopoldo – 19 TVN a Cabo. Sapucaia do Sul – 19 TVN a Cabo. Torres – 43 UHF. Travesseiro – 11 VHF. Vespasiano Corrêa – 11 VHF. **Santa Catarina:** Araranguá – 14 SSTV. Jacinto Machado – 30 UHF. Taió – 7 VHF. **Paraná:** Araçongas – 2 VHF. Marechal Cândido Rondon – 10 TV Rondon. Tibagi – 19 UHF. **Mato Grosso:** Cuiabá – 18 Multicanal. **São Paulo:** Jandira – 52 Multimídia TV a Cabo. Votorantim – 34 TV Supermídia a Cabo. **Rio de Janeiro:** Petrópolis – 19 TV Imperial. **Espirito Santo:** Linhares – 30 TV Litoral a Cabo. São Mateus – 7 Super TV Digital a cabo e 45 Super TV Analógico a cabo. **Minas Gerais:** Itaú de Minas – 6 VHF. Munhoz – 7 VHF. **Bahia:** Camaçari – 43 TV Litorânea a Cabo. **Rio Grande do Norte:** Macau – 6 VHF. **Maranhão:** São Luís – 19 TVN. **Pará:** Ananindeua – 50 UHF. **Em todo o Brasil pelo Satélite Brasilsat B4**

AQUI, A MÁQUINA QUE VOCÊ PROCURA

Levantamento exclusivo da revista **A Granja**, por meio do Deper – Departamento de Pesquisa e Estatística Rural, lista os preços dos principais tratores e colheitadeiras do mercado de máquinas agrícolas. As informações são fornecidas pelas respectivas empresas e/ou concessionárias com

valores médios formados pelas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Os valores podem variar de acordo com a região, acessórios, tipos de pneus, etc. No caso de máquinas usadas, a variação também ocorre segundo o estado de conservação.



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
4100 4x2	15 cv	36.123	23.514	22.339	21.222	20.161	19.153	18.194	17.285	16.421	15.600	14.820
4100.4 4x4	15 cv	41.146	28.352	26.934	25.588	24.308	23.093	21.938	20.841			
4100 GLP4x2	16 cv	36.748	25.660	24.377								
4118.4 4x4	18 cv	44.377	30.658	29.125	27.669	26.285						
4230 4x2	30 cv	51.562	35.753	33.965	32.267	30.653	29.121	27.665	26.281	24.967	23.719	22.533
4230.4 4x4	30 cv	53.959	37.389	35.519	33.743	32.056						
4230.4 Cargo 4x4	30 cv	48.990	37.477	35.603	33.823	32.132						
5075 4x2	75 cv	86.589	64.272	61.058	58.005	55.105	52.350	49.732				
5075.4 4x4	75 cv	96.030	71.279	67.715	64.329	61.113	58.057	55.154				
5075.4 4x4 Compact	75 cv	93.467										
5085 4x2	85 cv	94.206	69.926	66.430	63.108	59.953	56.955	54.108				
5085.4 4x4	85 cv	102.567	76.133	72.326	68.710	65.274	62.011	58.910				
BX 6110 4x4	105 cv	125.822	92.469	87.845	83.453	79.280						
BX 6150 4x4	140 cv	163.715	117.992	112.092	106.488	101.163	96.105	91.300	86.735	82.398	78.278	74.364
BX 6180 4x4	168 cv	179.766	129.560									

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
Farmall 80 pla*	80 cv	93.000										
Farmall 80 cab*	80 cv	105.000										
Farmall 95 pla*	95 cv	111.861										
Farmall 95 cab*	95 cv	121.923										
Maxxum 110 pla*	110 cv	121.708										
Maxxum 110 cab*	110 cv	144.059										
Maxxum 125 pla*	125 cv	129.597										
Maxxum 125 cab*	125 cv	152.604										
Maxxum 135 pla*	135 cv	148.955										
Maxxum 135 4x4 cab	135 cv	168.382										
Maxxum 150 4x4 pla	150 cv	161.750										
Maxxum 150 cab*	150 cv	181.309										
Maxxum 165 pla*	165 cv	173.821										
Maxxum 165 cab*	165 cv	193.742										
Maxxum 180 pla*	180 cv	186.286										
Maxxum 180 cab*	180 cv	206.207										
MXM Maxxum 135 4x4 cab	137 cv		148.000	118.400	106.560	101.232	96.170	91.361	86.793	82.454	78.331	74.414
MXM Maxxum 150 4x4 cab	149 cv		165.000	132.000	125.400	114.130						
MXM Maxxum 165 4x4 cab	170 cv		181.000	144.800	137.560							
MXM Maxxum 180 4x4 cab	177 cv		198.000	158.400	150.480							
Magnum 220 4x4 cab	220 cv	291.288	199.950	189.952	180.454	171.431	162.860	154.717				
Magnum 240 4x4 cab	240 cv	328.765	233.186	221.527	210.450	199.928	189.931	180.435				
Magnum 270 4x4 cab	270 cv	350.000	247.231	234.869	223.126	211.969	201.371	191.302				
Magnum 305 4x4 cab	305 cv	390.000										



Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
5303 4x2	57 cv	50.500	40.400	38.380								
5303 4x4	57 cv	55.300	44.240	42.028								
5403 4x2	65 cv	53.400	42.720	40.580								
5403 4x4	65 cv	63.200	50.600	48.100								
5403 4x2	75 cv			45.360	43.092	40.937	38.891					
5403 4x4	75 cv			54.000	51.300	48.700	46.290					
5600 4x2	75 cv							36.946	35.099	33.344	31.677	30.093
5600 4x4	75 cv							43.983	41.784	39.695	37.710	35.825
5603 4x2	75 cv	61.200	48.900									
5603 4x4	75 cv	72.800	58.240									
5605 4x2	75 cv	69.900	55.920	53.100	50.400	47.900	45.500	43.200				
5605 4x4	75 cv	75.700	60.500	57.500	54.655	51.900	49.300	46.800				
5700 4x2	85 cv								48.222	45.811	43.520	41.344
5700 4x4	86 cv								51.750	49.163	46.705	44.370
5705 4x2	85 cv	82.000	65.600	62.320	59.204	56.244	53.432	50.760				
5705 4x4	85 cv	88.000	70.400	66.880	63.536	60.359	57.341	54.474				
6300 4x4 SyncroPlus	100cv							59.426	56.455	53.632	50.951	48.403
6300 4x4 SyncroPlus/Cabinado	100cv							69.852	66.359	63.041	59.889	56.895
6300 4x4 PowerQuad	100cv							66.203	62.893	59.748	56.761	
6300 4x4 PowerQuad/Cabinado	100cv							67.203	63.843	60.651	57.618	
6405 4x4 SyncroPlus	106cv					74.283	70.569					
6405 4x4 SyncroPlus/Cabinado	106cv					87.315	82.949	78.802				
6405 4x4 PowerQuad	106cv					82.754	78.616	74.685				
6405 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv					92.921	88.275	83.862				
6415 4x4 SyncroPlus	106cv	114.000	91.200	86.640	82.308	78.193	74.283					
6415 4x4 SyncroPlus/Cabinado	106cv	134.000	107.200	101.840	96.748	91.911	87.315					
6415 4x4 PowerQuad	106cv	127.000	101.600	96.520	91.694	87.109	82.754					
6415 4x4 PowerQuad/Cabinado	106cv	143.000	114.400	108.680	103.246							
6600 4x4 SyncroPlus	121cv							76.243	72.431	68.809	65.369	62.101
6600 4x4 SyncroPlus/Cabinado	121cv							87.795	83.405	79.235	75.273	71.510
6600 4x4 PowerQuad	121cv							82.597	78.467	74.544	70.616	
6600 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv							94.149	89.441	84.969	80.721	
6605 4x4 SyncroPlus	121cv					81.008	76.958	73.110				
6605 4x4 SyncroPlus/Cabinado	121cv					93.282	88.618	84.187				
6605 4x4 PowerQuad	121cv					87.759	83.371	79.203				
6605 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv					100.033	95.031	90.280				
6615 4x4 SyncroPlus	121cv	132.000	105.600	100.320	95.304	90.538	86.012					
6615 4x4 SyncroPlus/Cabinado	121cv	152.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044					
6615 4x4 PowerQuad	121cv	143.000	114.400	108.680	103.246	98.083	93.179					
6615 4x4 PowerQuad/Cabinado	121cv	163.000	130.400	123.880	117.686	111.801						
7500 4x4 PowerQuad	140cv								89.387	84.918	80.672	76.638
7500 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv								100.561	95.533	90.756	86.218

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
7505 4x4 PowerQuad	140cv					104.257	99.044	94.092				
7505 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv					117.289	111.424	105.853				
7515 4x4 PowerQuad	140cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744	104.257					
7515 4x4 PowerQuad/Cabinado	140cv	180.000	144.000	136.800	129.960	123.462	117.289					
7715 4x4	182cv	220.000	176.000									
7810 4x4 Importado	200cv								124.950			
7815 4x4 Importado	200cv				166.600							
7815 4x4	202cv	245.000	196.000									
8300 4x4 Importado	240cv											143.848
8400 4x4 Importado	260cv									167.777	159.389	151.419
8410 4x4 Importado	270cv									176.608		
8420 4x4 Importado	280cv				228.240	216.828	205.987	195.687	185.903			
8430 4x4 Importado	310cv	317.000	253.600									

Land Track

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
LT 2804 YTO (s/ cab.)	28 cv	36.800										
LT 8360 YTO (s/ cab.)	28 cv	39.900										
X404 YTO (s/ cab.)	28 cv	45.800										
X904 YTO Turbinado (c/ cab.)	28 cv	100.700										
X1304 YTO (c/ cab.)	28 cv	125.000										
X754 YTO (s/ cab.)	28 cv	68.300										
X804 YTO (c/ cab.)	28 cv	80.000										
X1004 YTO (c/ cab.)	28 cv	98.000										
LT 5504 YTO (c/ cab.)	55 cv	62.900										
LT 754 YTO	75 cv	68.300										
LT 904 YTO	90 cv	90.000										
LT1204 YTO	120 cv	116.000										
LT1304 YTO	130 cv	125.000										

Landini

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
Mistral DT 50 4x4	47cv	66.667	49.600									
Technofarm R60 4x2	58cv	62.800	50.240									
Technofarm DT 60 4x4	58cv	68.900	55.120									
Technofarm DT 75 4x4	68cv	77.000	61.600									
Rex DT 75 4x4	75cv	94.444	69.600									
Globalfarm 100 4x4	97cv	98.500	78.800									
LandPower 140 4x4 plat.	140cv	152.300	116.880	111.036								
LandPower 140 4x4 cab.	140cv	168.000	129.120	122.664								
LandPower 165 4x4 plat.	165cv	156.700	120.320	114.304								
LandPower 165 4x4 cab.	165cv	172.200	132.320	125.704								
LandPower DT 180 plat.	180cv	168.299										
LandPower DT 180 cab.	180cv	183.300										

Massey Ferguson

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
MF 235 4x2	50cv								27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x2	50cv								27.856	26.463	25.140	23.883
MF 250 4x4	50cv								30.085	28.580	27.151	25.794
MF 250 XE 4x2 Advanced	50cv	50.000	40.000	38.000	36.100	34.295	32.580	30.951				
MF 250 XE 4x4 Advanced	50cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x2 Advanced	55cv	54.000	43.200	41.040	38.988	37.038	35.187	33.427				
MF 255 4x4 Advanced	55cv	58.000	46.400	44.080	41.876	39.782	37.793	35.903				
MF 265 4x2	65cv								38.548	36.621	34.790	33.050
MF 265 4x4	65cv								40.577	38.548	36.621	34.790
MF 265 4x2 Advanced	65cv		52.440	49.818	47.327	44.960	42.713	40.577				
MF 265 4x4 Advanced	65cv	69.000	55.200	52.440	49.818	47.327	44.961	42.713				
MF 272 4x2	73cv								44.013	41.812	39.721	37.735
MF 272 4x4	73cv								47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 4x2	75cv								44.013	41.812	39.721	37.735
MF 275 4x4	75cv								47.355	44.988	42.738	40.601
MF 275 Advanced 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903				
MF 275 Advanced 4x4	75cv	85.000	68.000	64.600	61.370	58.301	55.386	52.617				
MF 5275 4x2	75cv	79.000	63.200	60.040	57.038	54.186	51.477	48.903	46.458	44.135		
MF 5275 4x4	75cv		64.600	61.370	58.302	55.386	52.617	49.986	47.487	45.113		
MF 283 4x2	83cv								49.584	47.105	44.749	42.512
MF 283 Advanced 4x2	83cv	89.000	71.200	67.640	64.258	61.045	57.993	55.093				

RENOVE FÁCIL A GRANJA



Pague no cartão e tenha vantagens exclusivas!

0800 541 0526

www.agranja.com

ESCOLHA SEU TRATOR

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
MF 5285 4x2	85cv	83.000	66.400	63.080	59.926	56.929	54.083	51.379	48.810	46.370		
MF 5285 4x4	85cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 290 4x2	85cv	92.000							46.000	43.700	41.515	39.439
MF 290 4x4	85cv								51.255	48.692	46.258	43.945
MF 290 Advanced 4x2	85cv	92.000	73.600	69.920	66.424	63.102	59.948	56.950				
MF 290 Advanced 4x4	85cv	98.000	78.400	74.480	70.756	67.218	63.857	60.664				
MF 5290 Export 4x2	88cv	96.000	76.800	72.960	69.312	65.846	62.554	59.426	56.455	53.632		
MF 5290 Export 4x4	88cv	100.000	80.000	76.000	72.200	68.590	65.161	61.902	58.807	55.867		
MF 292 4x2	102cv								49.000	46.550	44.223	42.011
MF 292 4x4	102cv								60.169	57.161	54.303	51.588
MF 291 Advanced 4x4	105cv	104.000	83.200									
MF 292 Advanced 4x2	105cv		82.080	77.976	74.077	70.373	66.855	63.512				
MF 292 Advanced 4x4	105cv	108.000	86.400	82.080	77.976	74.077	70.373	66.855				
MF 5310 4x4	105cv	112.000	89.600	85.120	80.864	76.820	72.980	69.331	65.864	62.571		
MF 297 4x4	110cv								63.512	60.336	57.320	54.454
MF 297 Advanced 4x4	120cv	117.000	93.600	88.920	84.474	80.250	76.238	72.426				
MF 298 4x4	120cv	130.000										
MF 5320 4x4	120cv	126.000	100.800	95.760	90.972	86.423	82.102	77.997	74.097	70.392		
MF 610 4x4	110cv										57.320	54.454
MF 620 4x4	120cv										57.941	55.044
MF 630 4x4	130cv										70.392	66.873
MF 299 4x4	130cv								77.997	74.097	70.392	66.873
MF 299 Advanced 4x4	130cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663				
MF 650 HD 4x4	138cv	140.000	112.000	106.400	101.080	96.026	91.225	86.663	82.330	78.214	74.303	70.588
MF 660 HD 4x4	150cv	160.000	128.000	121.600	115.520	109.744	104.257	99.044	94.092	89.387		
MF 680 HD 4x4	173cv	190.000	152.000	144.400	137.180	130.321	123.805	117.615	111.734	106.147		
MF 6350 HD 4x4	190cv	200.000	160.000	152.000	144.400							
MF 6360 HD 4x4	220cv	230.000	184.000	174.800	166.060							
MF 7140 Cabinado	140cv	210.000										
MF 7150 Cabinado	150cv	246.000										
MF 7170 Cabinado	170cv	253.000										
MF 7180 Cabinado	180cv	257.000										

New Holland

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
4630 4x2	63cv											28.000
4630 4x4	63cv											37.000
5030 4x2	75cv											29.000
5030 4x4	75cv											38.000
5630 4x2	80cv											31.000
5630 4x4	80cv											40.000
7630 4x2	105cv											35.000
7630 4x4	106cv	108.000	75.000	67.000	61.000	55.000	52.000	50.000	48.000	45.000	42.500	41.000
7830 4x4	112cv										45.000	43.000
8030 4x4	122cv	117.000	78.000	70.000	62.000	56.000	53.000	52.000	49.000	46.000	44.000	43.500
TT 3840 Std	55cv	66.000	46.400	41.700	37.500							
TT 3840 F	55cv	68.000	46.500	41.900	37.900							
TT 3880 F	75cv	75.000	52.500									
TT 4030 Std	75cv	75.000										
TL 60 4x2 E	62cv	68.000	52.800	46.000	44.000							
TL 60 4x4 E	62cv	75.000	68.000	48.000	46.000							
TL 65 4x2 E	61cv					36.000	35.000	33.000	32.000			
TL 65 4x4 E	61cv					45.000	43.000	40.500	39.000			
TL 70 4x2	71cv									30.000	28.000	26.000
TL 70 4x4	71cv									33.000	31.500	30.000
TL 75 4x2 E	75cv	78.000	48.000	44.000	41.000	39.000	37.000	35.000	33.000			
TL 75 4x4 E	75cv	84.000	59.000	54.000	49.000	46.000	45.000	44.000	43.000			
TL 80 4x2	81cv									29.000	27.500	26.500
TL 80 4x4	81cv								43.000	41.000	39.000	37.000
TL 85 4x2 E	90cv	80.245	64.000	47.000	44.000	42.000	39.000	37.000	35.000			
TL 85 4x4 E	90cv	89.000	68.000	60.000	54.000	50.000	48.000	47.000	45.000			
TL 90 4x2	90cv									37.000	35.000	33.000
TL 90 4x4	90cv									43.000	40.000	39.000
TL 95 4x2 E	98cv			49.000	56.000	43.000	40.000	38.000	36.000			
TL 95 4x4 E	98cv	100.000	72.000	65.000	56.000	51.000	49.000	48.000	46.000			
TL 100 4x2	101cv									36.000	34.000	33.000
TL 100 4x4	101cv									43.000	41.000	39.000
TS 90 4x4 Canavieiro	91cv		75.000	69.000	64.000	59.000	55.000	50.000	46.000			
TS 100 4x4	105cv				54.000	52.000	48.000	46.000	44.000	42.000		
TS 110 4x4	109cv			65.000	55.000	53.000	49.500	47.000	44.000	43.000		
TS 120 4x4	120cv			65.000	56.000	54.000	51.000	48.500	46.500	45.000		
TS 6000 Canavieiro	91cv	105.000	73.000									
TS 6020 4x4	111cv	120.000	84.000									
TS 6040 4x4	132cv	134.000	90.000									
TM 110 4x4	110cv										42.000	38.000
TM 120 4x4	120cv										41.000	39.000
TM 130 4x4	130cv										41.000	39.000
TM 135 4x4	137cv		85.000	75.000	70.000	63.000	58.000	55.000	51.000			
TM 135 4x4 E	137cv		83.000	73.000	68.000	62.000	57.000	54.000	50.000			
TM 140 4x4	140cv										48.000	45.000
TM 150 4x4	149cv		90.000	78.000	72.000	65.000	59.000	56.500	54.000			
TM 150 4x4 E	149cv		90.000	76.000	71.000	64.000	58.000	55.000	53.000			
TM 165 4x4	165cv		94.000	89.000	82.000	75.000	69.000	63.000	58.000			
TM 180 4x4	177cv		127.000	112.000	96.000	81.000						
TM 7010 4x4 SPS	141cv	189.886	100.000									
TM 7010 4x4 Plat	141cv	146.154	100.000									
TM 7010 4x4 Exitus	141cv	163.432	100.000									
TM 7020 4x4 SPS	149cv	208.230	110.000									
TM 7020 4x4 Plat	149cv	166.656	110.000	99.000								
TM 7020 4x4 Exitus	149cv	183.394	110.000									
TM 7030 4x4 SPS	168cv	227.707	122.000									
TM 7030 4x4 Plat	168cv	188.425	122.000									
TM 7030 4x4 Exitus	168cv	204.590	122.000									
TM 7040 4x4 SPS	180cv	243.034	133.000									
TM 7040 4x4 Plat	180cv	205.554	133.000	120.000								
TM 7040 4x4 Exitus	180cv	221.269	133.000									
T 7040 4x4 Importado	200cv	270.000	270.000									
T 7060 4x4 Importado	223cv	301.050	301.050									

Tramontini

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
T3230-4 4x4 Série Classic	32cv	49.258	45.429	36.343								
T3230-4 4x4 Série Brasil	32cv	58.812	52.240	41.792								
T3230-4 4x4 Série Classic Frut.	32cv	50.264	43.726	34.980								
T3230-4 4x4 Série Brasil SE Caf.	32cv	61.538										
T5045-4 4x4 Série Brasil	50cv	73.070	65.230	52.184								
T5045-4 4x4 Série Brasil SE Caf.	50cv	76.962										
T5045-4 4x4 Série Classic	50cv	61.088	50.000	40.000	38.000	36.100						
T8075-4 4x4 Série Brasil	80cv	101.600										
TTA 18 4x4	18cv	41.452	37.877	35.980	34.180	32.470	30.846	29.300	20.861			

Valtra

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
585 4x4	47cv	57.983	56.244									
685 4x2	61cv	63.574	61.667	50.400	47.880	45.486	43.211	41.051	38.999	37.049	35.196	33.436
685 C	61cv	78.615	76.257	57.360	54.492	51.767	49.179	46.720	44.384	42.165	40.057	38.054
700 4x4	73cv	96.850	93.945	77.480	73.606	69.926	66.429	63.108	59.953	56.955	54.107	51.402
785 4x2	75cv	78.544	76.188	56.000	53.200	50.540	48.013	45.612	43.332	41.165	39.107	37.152
785	75cv	82.726	80.244	65.600	62.320	59.204	56.243	53.432	50.760	48.222	45.811	43.520
800 4x4	80cv	100.100	97.097	80.080	76.076	72.272	68.658	65.226	61.964	58.886	55.923	53.127
885 4x2	84cv										37.152	35.294
885	84cv										53.127	50.470
900 4x4	86cv	103.400	100.298	82.720	78.584	74.655	70.922	67.376				
985 4x2	103cv										55.610	52.829
985	103cv										58.881	55.937
1180	118cv										64.756	61.518
1280 R	126cv	159.400	154.618	127.520	121.144	115.087	109.332	103.866	98.673	93.739	89.052	84.599
1380	135cv										65.973	62.674
1580	145cv										78.861	74.918
1680	150cv										83.242	79.080
1780	160cv	187.250	181.633	149.800	142.310	135.195	128.434	122.013	115.912	110.117	104.611	99.380
1880	180cv										86.985	82.636
BF 65 4x2	65cv	63.000	61.110	50.400	47.880							
BF 65	65cv	66.000	64.020	52.800	50.160							
BF 75 4x4	75cv	68.000	65.960	54.400	51.680							
BF 75	75cv	72.050	69.899	57.640	54.758							
BH 145	145cv	149.000	144.530	119.200	113.240	107.578	102.199	97.089	92.235	87.623		
BH 165	165cv	155.700	151.029	124.560	118.332	112.415	106.794	101.455	96.382	91.563		
BH 180	180cv	189.950	184.252	151.960	144.362	137.144	130.286	123.772	117.584	111.705		
BH 185 i	185cv	205.950	199.772	164.760								
BH 205 i	210cv	239.000	231.830									
BL 77 4x2	77cv	80.000	77.600	64.000	60.800							
BL 77	77cv	85.000	82.450	68.000	64.600							
BL 88 4x2	88cv	84.000	81.480	67.200	63.840							
BL 88	88cv	91.000	88.270	72.800	69.160							
BM 100 4x4	100cv	111.250	107.913	89.000	84.000	80.323	76.306	72.491	68.867	65.423		
BM 110	110cv	119.200	115.624	95.360	90.592	86.062	81.759	77.671	73.788	70.098		
BM 120	120cv	122.350	118.680	97.880	92.986	88.337	83.919	79.724	75.738	71.951		
BM 125 i	125cv	125.650	121.881	99.720	94.734	89.997	85.497	81.223	77.161	73.303		
A 550 4x2	50 cv	57.983	56.244									
A 550 4x4	50 cv	63.989	62.069									
A 650 4x2	66 cv	63.574	61.667									
A 650 4x4	66 cv	78.615	76.257									
A 750 4x2	78 cv	78.544	76.188									
A 750 4x4	78 cv	82.726	80.244									
A 850 4x2	85 cv	80.000	77.600									
A 850 4x4	85 cv	85.000	82.450									
A 950 4x2	95 cv	84.000	81.480									
A 950 4x4	95 cv	91.000	88.270									
BT 150	150 cv	216.205	209.719									
BT 170	170 cv	224.816	218.072									
BT 190	190 cv	242.980	235.691									
BT 210	215 cv	261.931	254.073									

Yanmar

Modelo	Potência	Valor do 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
1030 Standard 4x2	26cv	50.266	31.304	29.739	28.251	26.839	25.497	24.000	23.011	21.860	20.768	19.729
1030 Standard 4x4	26cv	55.817	35.263	33.500	31.825	30.234	28.722	27.286	25.922	24.626	23.394	22.225
1145 Standard 4x4	39cv	65.921	40.000	38.000	36.000	34.000	32.000	30.000	28.000			
1145 Standard 4x4 TDFI	39cv	67.765	42.693	40.558	38.530	36.604	34.773	33.035	31.383			
1050 Turbo Completo 4x4	50cv	66.925	43.235	41.073	39.019	37.069	35.215	33.454	31.781	30.192	28.683	27.249
1155 Standard Completo 4x4	55cv	78.503	47.588	45.209	42.949	40.801	38.761	36.823				
1155 Standard Completo SR 4x4	55cv	83.387	50.428	47.907	45.511	43.236	41.074	39.020				
1175 Completo 4x4	75cv	83.071	55.000	50.000	45.000							
1055 STD 4x4	55cv	72.910	46.000	44.000	42.000	40.000	38.000	36.000	34.000	32.000	30.000	28.000

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Case IH

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
2366	Axial									285.804	271.514	257.938
2388	Axial						358.000	350.000	340.000	330.000	325.000	320.000
2388 - Especial	Axial	640.000			410.400	389.880						
Axial-Flow - 2388	Axial	722.000	650.000	580.000								
Axial-Flow - 2399	Axial	784.000	520.000	494.000								
Axial-Flow - 8120	Axial	990.000	680.000									
Axial-Flow - 2688 Special	Axial	640.000										
Axial-Flow - 2688	Axial	722.000										
Axial-Flow - 2799	Axial	784.000										



Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
1165	4 - Saca-palhas		197.280	187.416	178.045	169.143	160.686	152.652	145.019	137.768	130.880	124.336
1175 Arroeira/Esteira/19 pés	5 - Saca-palhas	310.000	248.000	235.600	223.820	212.629	201.998	191.898	182.303	173.188	164.528	156.302
1175 Básica/16 pés	5 - Saca-palhas	274.000	219.200	208.240	197.828	187.937	178.540	169.613	161.132	153.076	145.422	138.151
1175 Básica/Cabinada/16 pés	5 - Saca-palhas	303.000	242.400	230.280	218.766	207.828	197.436	187.564	178.186	169.277	160.813	152.772
1175 Hydro/19 pés	5 - Saca-palhas	314.000	251.200	238.640	226.708	215.373	204.604	194.374	184.655	175.422	166.651	158.319
1175 Hydro/Cabinada/19 pés	5 - Saca-palhas	334.000	267.200	253.840	241.148	229.091	217.636	206.754	196.417	186.596	177.266	168.403
1185 Hydro/Cabinada/19 pés	6 - Saca-palhas									177.266	168.403	159.983
1185 Hydro/Cabinada/23 pés	6 - Saca-palhas									198.475	188.551	179.124

ESCOLHA SUA COLHEITADEIRA

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001	
1450 Arroeira/Cab/Hydro/Esteira	5 - Saca-palhas			302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292			
1450 Hydro/Cabinada/18 pés	5 - Saca-palhas	378.000	302.400	287.280	272.916	259.270	246.307	233.991	222.292				
1450 Tração/Plataforma/20 pés	5 - Saca-palhas	386.000	308.800	293.360	278.692	264.757	251.520	238.944	226.996				
1550 Hydro/Cabinada/20 pés	6 - Saca-palhas	445.000	356.000	338.200	321.290	305.226	289.964	275.466	261.693				
1550 Hydro/Cabinada/22 pés	6 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900	308.655	293.222	278.561	264.633				
9650 CTS - Arroeira - Importada	Axial									211.177	200.618	190.587	181.058
9650 STS 25 pés	Axial	635.000	508.000	482.600	458.470	435.547	413.769	393.081					
9650 STS 30 pés	Axial	645.000	516.000	490.200	465.690	442.406	420.285	399.271					
9660 CTS - Arroeira - Importada	Axial						420.285	399.271	379.307				
9670 STS - Arroeira - Importada	Axial	550.000											
9750 STS 30 pés	Axial	690.000	552.000	524.400	498.180	473.271	449.607	427.127					

Massey Ferguson

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
5650	5 - Saca-palhas					194.940	185.193	175.933	167.137	158.780	150.841	143.299
5650 Advanced	5 - Saca-palhas	300.000	240.000	228.000	216.600							
6855	6 - Saca-palhas											136.134
6855 Hydro	6 - Saca-palhas									209.000	198.550	188.623
MF - 32 Advanced	5 - Saca-palhas	380.000										
MF - 34	5 - Saca-palhas					292.410	277.790	263.900	250.705			
MF - 34 Advanced	5 - Saca-palhas	450.000	360.000	342.000	324.900							
MF - 38	6 - Saca-palhas	500.000	400.000	380.000	361.000	342.950	325.803	309.512	294.037			
MF - 9790 - ATR	Axial	690.000										

New Holland

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
TC - 55 15 pés	4 - Saca-palhas			225.000	204.000	185.000	168.000	151.000	139.000	127.000	115.000	105.000
TC - 57/5070 17 pés	5 - Saca-palhas	340.000	280.000	260.000	232.000	209.500	188.000	169.000	158.000	150.000	142.000	135.000
TC - 57/5070 20 pés	5 - Saca-palhas	360.000	290.000	262.000	233.000	210.000	189.000	170.000	161.000	153.000	145.000	138.000
TC - 59 19 pés	6 - Saca-palhas		337.000	310.000	275.000	247.000	222.000	200.000	190.000	180.000	171.000	162.000
TC - 59 23 pés	6 - Saca-palhas		344.000	315.000	283.000	255.000	230.000	207.000	196.000	186.000	177.000	168.000
TC - 5090 19 pés	6 - Saca-palhas	421.000										
TC - 5090 20 pés	6 - Saca-palhas	440.000		350.000								
TC - 5090 25 pés	6 - Saca-palhas	450.000										
CS - 660 30 pés	6 - Saca-palhas	500.000		370.000	320.000	300.000						
CR - 9060 30 pés	Duplo rotor	650.000										
CR - 9060 35 pés	Duplo rotor	680.000										

Valtra

Modelo	Separação	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
BC - 4500	5 - Saca-palhas	320.000	310.400	256.000	224.000							
BC - 7500	Axial	650.000	630.500	520.000	455.000							
BC - 6500	305 cv	382.000	370.540	305.600	267.400							

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA DE ALGODÃO

Case IH

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
420 Cotton Express 4x4	264cv	US\$ 298.000	238.000									
620 Cotton Express 4x4	368cv	US\$ 368.000	294.000									
625 Cotton Express	370cv	US\$ 503.000	402.000									



Modelo	Potência	Valor da 0Km*	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
9970	253cv	US\$ 300.000	240.000	216.000	194.400	180.000	162.000	145.800	131.220	129.000	127.000	125.000
9996	355cv	US\$ 400.000	320.000									

Montana

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
2805 Cotton Blue	280cv	520.000	416.000	374.400								
2805 Cotton Blue - Algodão Adensado	280cv	450.000										

ESCOLHA SUA COLHEDEIRA DE CANA

Case IH

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
A7000/Pneu	335cv	950.000										
A7700/Esteira	335cv	1.150.000										
A8000/Pneu	360cv	950.000										
A8800/Esteira	360cv	1.150.000										



Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
CHT 3510/Esteira	332cv	820.000										
CHW 3510/Pneu	332cv	890.000										

Santal

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
Santal Tandem SII 6x4 - 2 linhas	336 HP	860.000	730.000	600.000								
Santal Tandem SII 6x4 - 1 linha	336 HP	800.000	680.000	560.000								

Star

Modelo	Potência	Valor da 0Km	2010	2009	2008	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2001
StarMag CC701 (01 un. c/Kit Muda)	234cv				360.000							
StarMag CC701 (03 unidades)	234cv			400.000								
StarMag CC801	250cv	600.000		480.000								

São José Industrial

www.saojoseindustrial.com.br
vendas@saojoseindustrial.com.br
São José do Inhacorá - RS
(55) 3616-0221
Fax 3535-1794
Cel. 9999-0358

TANQUES, PLATAFORMAS E ROÇADEIRAS



ARADOS, DISTRIBUIDORES, GRAMPOS, GUINCHOS E TOLDOS



TRITURADORES, PICADORES, ENSILADEIRAS E DEBULHADORES



COMPRE PELO PROGRAMA E CARTÃO



DE 14 A 18 DE MARÇO DE 2011
VISITE EXPODIRETO COTRIJAL
E CONHEÇA A INDÚSTRIA DE IMPLEMENTOS
QUE GARANTEM BENEFÍCIOS PARA O PRODUTOR.

Alfafa Seedco.

Sementes forrageiras que garantem
qualidade no seu campo.

FormaD

Alfafa Crioula - Alfafa Seedar 80 - Alfafa Monarca

Sementes incrustadas (peletizadas) inoculadas e tratadas com fungicidas.



www.seedco.com.br

Av. Missões, 98 • Navegantes • CEP 90230-100 • Porto Alegre / RS
+55 51 3072.5588 • comercial@seedco.com.br

seedco
brasil



Triturador Super 700
Triturador para cama de aviário. Único no mercado com variador de 6 posições de velocidade, com 840RPM nas navalhas, 4 comandos.



Segadeira para Trator
Corta qualquer tipo de pastagens e cana-de-açúcar. Potência requerida de 15 cv, alta produtividade, com 2 barras de corte (até 2 metros), corta qualquer tipo de pastagens e cana-de-açúcar.



Motosegadeira M05
giro-zero a diesel. Para corte de grama e arbustos, giro-zero mistur de 10hp a diesel com partida elétrica, 3 velocidades.



Motosegadeira M03-L
para corte de pastagens e feijão. Alta produtividade, corta qualquer tipo de pastagens e feijão, motor a diesel, 6 velocidades.

Finardi Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas Ltda. - Tel: (45) 3244-1147 - www.agrofin.com.br



TUDO EM SISAL

- fios agrícolas (baller twine)
- fios naturais
- fios tingidos
- cordas
- telas
- tapetes e carpetes

■ CONHEÇA TAMBÉM...
Valente Tapetes e Carpetes de Sisal.



APAEB
SOLUÇÕES EM SISAL

Rodovia Luiz Eduardo Magalhães, Km 02
Bairro Petrolina - Valente - Bahia - Brasil
CEP 48890-000 - Fone: (75) 3263-2341 - Fax: (75) 3263-2342
CNPJ 63.104.020/0004-75 - INDÚSTRIA BRASILEIRA
Site: www.apaeb.com.br - E-mail: vendas@apaeb.com.br
Escritório São Paulo: (11) 3379-3815 - comercial@apaeb.com.br



www.agranja.com

Conheça o novo web site do Brasil Agrícola
clique e descubra o mundo de informações

Agroguia / Currículos On-Line / Matérias Atualizadas / Revistas A Granja e AG
Cotações/ Previsão do Tempo / Produtos e Serviços/
Agro Oportunidades/ Agenda de Eventos

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja



Venha visitar a Sodertecno
na Expodireto de
14 a 18 de março



Comboio de Lubrificação

Se tempo é dinheiro, não perca tempo, otimize seu trabalho com os comboios de lubrificação Sodertecno.

Kit de Abastecimento de Combustível

Proteção certa para o combustível e para o meio ambiente, de acordo com as exigências da legislação ambiental.

Distribuidor de Esterco Líquido Sodertecno

Garantia, durabilidade, versatilidade, acoplado em chassis de caminhão ou reboque para tratores.



Sodertecno Indústria e Comércio de Máquinas e Implementos Agrícolas Ltda. Fone / fax : (54) 3331-5096 - sodertecno@sodertecno.com.br - www.sodertecno.com.br



METALÚRGICA QUATRO IRMÃOS LTDA.

IND. COM. DE MÁQ. E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS

RUA DR. BOZZANO, 71 - COHAB - FONE: (51) 3671.2066 - CEL.: (51) 9984.0763
FONE/FAX: (51) 3671.1350 - CEP 96180-000 - CAMAQUÁ - RS - BRASIL
e-mail: metalurgicaquatroirmaos@yahoo.com.br

Tecnologia a serviço da lavoura!



ROLO FACA ARROZEIRO RELECCIONAL



PLAINA NIVELADORA



TAIPADEIRA DE SOLO



GUINCHO FRONTAL 2000 TON.



REBOQUE PARA COLHEITADEIRA



PLAINA



PLAINA A LASER POSISTEMATIZAÇÃO



FECHA E DESMANCHA TAIPA



REBOQUE PARA PLANTADEIRA



ROLO COMPACTADOR FRIZADO



REBOQUE C/ TRUCK OSCILANTE P. SEMEADORA



BOMBA PARA IRRIGAÇÃO SUBMERSA



BOMBA PARA IRRIGAÇÃO



RODA MEIA CAIOLA E LENTILHADA



CARRETA AGRÍCOLA 4 TON. HIDRÁULICA

www.metquatroirmaos.com.br

Cornichão Seedco.

Sementes forrageiras que garantem
qualidade no seu campo.



Sementes de Cornichão Seedco.

Qualidade para sua produção crescer mais.

www.seedco.com.br

Av. Missões, 98 • Navegantes • CEP 90230-100 • Porto Alegre / RS
+55 51 3072.5588 • comercial@seedco.com.br

seedco
brasil



RAABE
RAABE CALCÁREOS LTDA.
**PARA AUMENTO DE PRODUÇÃO
 CALCÁRIO É A SOLUÇÃO**
 VENDAS: (51) 32256670 / 32263474 / 96412340 / 99963129 / 37341113
 Pantano Grande / RS



**Quer comprar ou vender
 uma propriedade no
 campo ou na cidade?**
Anuncie no AGROGUIA!
 Fone (51) 3233.1822 - e-mail: agroguia@agranja.com



**RATOS?
 MORCEGOS?**
EX-RATTER
 TECNOLOGIA ULTRA-SÔNICA
 CONTRA RATOS E MORCEGOS
 Equipamento de ultra-som com tecnologia japonesa:
 sem similar no Brasil.
BRASTÉCNICA
 Tel.: (35) 3292-1889
 Fax: (35) 3292-1320
 Caixa Postal 101 - Cep 37130-000
 Allenas - MG
btc@brastecnica.com.br
www.brastecnica.com.br



Alfafa
Feno e Silagem
**ALFAFA E FENO
 PRÉ-SECADO**
FONE (51) 8406.2276
 ENTREGAMOS SOMENTE NO RS



BBS
 Fone: 0800.051-5545
 (55)3332-8020

1. Forrageiras de Inverno: Aveia Branca Tarimba e Taura C2, Aveia Preta Agrocochilha C2 e Agroplanalto C2, Azevém, Ervilhaca e Nabo Forrageiro
2. Forrageiras de Verão: Brachiarias, Aruana, Sudão, Sorgo e Milheto
3. Forrageiras Perenes: Trevos, Alfafa e Cornichão São Gabriel
4. Cereais: Aveia Branca Ind-descascada, Girassol Cartamo, Arroz Cateto, Sorgo, Painço, Linhaça, etc.

**B.B.S. BOLSA BRASILEIRA
 DE SEMENTES LTDA**
 RS 155 - KM 2,0 - IJUÍ - RS
 CEP: 98700-000
 E-MAIL: bbs@bbssementes.com.br



CIMAB
Madeiras Tratadas
Fone: (51) 3652 1155
www.cimab.com.br

Decks - Pergolados - Quiosques - Galpões - Praças
 Jardins - Linha Rural - Postes - Construção Civil.

Rodovia BR 290 - KM 172 - Butiá / RS



METALÚRGICA SCARABELOT
Indústria e Manutenção de Implementos Agrícolas.

19 ANOS
TRABALHANDO COM QUALIDADE

Grade de Levante Hidráulico
Roda Gaiola
Roda Espátula Auxiliar Lateral
Carreta para Transporte de Colheitadeira com Esteiras
ROLO FACA
Limpadeira de Valo
Lamina Niveladora Reversível Frente e Verso
Rodas para Semear
Lamina Niveladora Reversível Frente e Verso

Rua Rui Barbosa, 2642 - Centro - 88930-000 - Turvo - Santa Catarina - Fone/Fax: 48 3525.0800 / 3525.3113
E-mail: mslscarabelot@hotmail.com - www.metalurgicascarabelot.com.br



Trevo Branco e Vermelho Seedco.
Sementes forrageiras que garantem qualidade no seu campo.

Sementes de Trevo
Branco e Vermelho da Seedco.

seedco
brasil

www.seedco.com.br
Av. Missões, 98 • Navegantes • CEP 90230-100 • Porto Alegre / RS
+55 51 3072.5588 • comercial@seedco.com.br

AGROPECUÁRIAS

Maisfértil Com. Prod. Agropec. Ltda. Venda de adubos, sementes, ração e produtos veterinários. Fone: (37) 3431-1176 maisfertil@netbi.com.br Rua Alzira Torres, 80 - Lava Pés Bambuí / MG CEP: 38900-000

SEMENTES EM GERAL

Agrícola Caminho da Roça, a sua loja de nutrição foliar e sementes. Fone : (43) 3255-5898 / 9974-3200 f.f.becker@hotmail.com Av. Aylton Rodrigues Alves, 857 Rolândia /PR CEP: 86600-000

Alfa Pesquisas e Sementes Ltda Fone : (62) 3553-1404 E-mail : agroplanta-sementes@hotmail.com Cx.Postal: 42 Hidrolândia / GO CEP: 75340-970

Sementes Gobbo Ltda Fone: (67) 3286-1345 Rua

Pedro Celestino, 1243 Camapuã / MS CEP:79420-000

SERVIÇOS

APAGRI Consultoria Agrônômica Ltda. Agricultura de precisão, imagens de satélite e equipamentos para todo o Brasil.Fone:(19) 3422-3699 apagri@apagri.com.br Piracicaba/SP

Flamma Lubrificantes Ltda. Automotivos, industriais e especiais dist. autorizado Ipiranga. Fone : (54) 3229-2233 flamma.lub@uol.com.br Matriz: Caxias do Sul /Filiais: Ijuí e Passo Fundo/RS.

Soloplanta Consultoria Agrícola Ltda, fone (65) 3549-1236 .site www.soloplanta.com.br Avenida Rio Grande do Sul. n° 720-E, Bairro Pioneiro, Lucas do Rio Verde/MT. CEP: 78455-000

OUTROS

Comercial Porfírio e Representações Ltda Venda de produtos agropecuários Fone : (69) 3423-5660 Fax: (69) 3423-5532. porfirio-piassa@uol.com.br Av Vila Gran Cabrita, 834 Ji-Paraná /RO CEP: 76908-018

Cultivar – Sementes, adubos, defensivos para a agricultura e pecuária, ração, sal mineral e assistência técnica, fone (61) 3642-1777 www.cultivarnet.com.br Formosa / GO.

Inst. Fed. Catarinense Campus Rio do Sul oferece cursos gratuitos de agronomia, ciência da computação e licenciaturas em matemática, física e informática. Inf. site www.ifc-riodosul.edu.br e fone (47) 3531-3700 Rio do Sul/SC.

Morinaga Agrícola Comercialização de milho de pi-

poca, sementes de soja e caroço de algodão.Escritório Brasília / DF Fone: (61) 3361.9929 com Charliane contato@morinaga.agr.br Empresa Correntina / BA.

MCA: Treinamentos e consultoria em floresta e integração lavoura, pecuária e florestas – ILPF. www.mcagroflorestal.com.br Fone : (41) 9198-6256 Curitiba / PR.

Instrumentos de Medição:
Anuncie no
AGROGUIA
agroguia@agranja.com
(51) 3233.1822
www.agranja.com



Jornal MUNDO RURAL

Receba todo mês este jornal gratuitamente!

- Notícias - Artigos Técnicos - Últimas Edições
- Meteorologia - Cotações de Café, Cacau, Boi, Frango, etc.

Tudo isso em um só lugar, acesse e confira.
www.jornalmundorural.com.br

Contato:
27-3264-3108



MUNDO RURAL
ANUNCIE FONE: 3264-3108

Café Conilon Com custo reduzido sem interferir na produtividade

FENOSUL

COMERCIAL AGRÍCOLA LTDA

Equipamentos e peças para fenação e silagem.



Distribuidor exclusivo **CISNEL**
para o Rio Grande do Sul



COMERCIO E INDUSTRIA DE SIAL NORDESTE LTDA
WWW.CISNEL.COM.BR



Fone: (54) 3330-1262 / (54) 3330-1660 | www.fenosul.com.br

SERRARIAS PORTÁTEIS

Práticas, econômicas e eficientes

ECOSERRA Fita

Atende a toda a demanda de corte de madeira com a máxima eficiência e segurança. Possui um sistema de segurança que evita qualquer acidente durante o uso.

ECOSERRA Fita

Atende a toda a demanda de corte de madeira com a máxima eficiência e segurança. Possui um sistema de segurança que evita qualquer acidente durante o uso.

A máquina possui um motor com 10CV e 1800 RPM, com uma velocidade de corte de 1200 RPM.

LUCAS MILL

Lucas Mill Brasil Ltda
RHN CA 111 Lote A Bloco A sala 321 - Cap 71903-901 - Gravata - DF
01 3448-8218 - ecoserriaportateis@lucas.com.br

www.serrariaportateis.com.br

Manutec

Máquinas e Equipamentos Agroindustriais

Sugador de grãos

Enxofreadora para sacieria

ESTERAS ESPECIAIS PARA LINHAIS DE CEMENTOS

IJUI - RS
Rua Aldeia Galvani, 811
Ijuí - RS
(51) 3533-7288
manutec@manutec.com.br
www.manutec.com.br

Anuncie no
AGROGUIA
(51) 3233.1822
agroguia@agranja.com
www.agranja.com

BRAS CAB

- Projeto
- Desenvolvimento
- Produção

de cabinas e componentes de máquinas agrícolas e de construção

Bras Cab do Brasil - Rua Ilinah Pacheco Secundino de Oliveira, nº 195 - Setor Industrial I - CIC - Curitiba - PR - Brasil
CEP 81460-032 - Fone: (41) 3268-0706 e Fax (41) 3268-0707 - brascab@brascab.com - www.brascab.com

TECECOM¹⁰

POWER

Melhere o diesel com o **OTIMIZADOR[®] DE COMBUSTÍVEIS**

Potência máxima e alto desempenho para o combustível de caminhões, tratores e motores a diesel

10 PRINCIPAIS BENEFÍCIOS

- 1 Dispersa totalmente a água
- 2 Efeito detergente
- 3 Melhora o índice de viscosidade
- 4 Anticorrosivo
- 5 Bactericida
- 6 Reduz a emissão de gases poluentes
- 7 Ação anticongelante
- 8 Reduz os custos de manutenção e prolonga a vida útil dos equipamentos
- 9 Estabiliza o processo de combustão
- 10 Reduz o consumo de combustível

RELUB
MICROFILTRAGEM DE ÓLEO
TECNOLOGIA EM COMBUSTÍVEL

ACESSE: WWW.RELUB.COM.BR
Rua: Corrêa Lima, 1.575 - Porto Alegre - RS - CEP: 90850-250 - Fones: (51) 3233.3787/ 3233.6954

O BOM DA ROÇA



O bom da roça é que as coisas evoluem numa velocidade que a gente pode acompanhar. Não digo entender, mas acompanhar, ao contrário do que acontece na física quântica, na ciência da computação, na biologia molecular e no diabo da nanotecnologia, só para citar algumas ciências velozes e complicadas.

Lá estive de férias numa roça mineira cheia de coisas previsíveis: pastos verdes com as chuvas, touros sensibilizados pelos cios das vacas, ordenhas matinais e vespertinas, leite fluindo pelas tetas. Sei que há clones, transplantes de embriões, sexagens, tratores guiados por GPS, leilões de prenhez, novilhas de primeira cria produzindo 10 mil quilos de leite e outros fenômenos da ciência agropecuária. Nos canaviais do Havaí, como vi na tevê, o mesmo conjunto trator/plantadeira, que lá vai distribuindo a cana pelos sulcos, estica um tubinho de irrigação. O Havaí tem aspectos curiosos: um dos seus vulcões fica na divisa do território com o oceano Pacífico. Pois muito bem: na face que dá para o oceano, chove em média mais de 11 mil milímetros por ano; do outro lado da montanha quase não chove e as plantações de abacaxi dependem de irrigação.

A roça em que me hospedo tem pererecas à beça. Neste janeiro de 2011, não havia uma perereca nem para remédio. Em contrapartida, abundavam as bruxas, mariposas (*Erebus odorata*) da família dos noctuídeos, com cerca de 13 cm de envergadura e coloração escura com manchas claras. Era tanta bruxa, que me senti na Esplanada dos Ministérios, onde fazem sucesso os breves contra a luxúria que vemos nos jornais e na tevê.

Luxúria, sabemos todos, é lascí-

via, concupiscência, comportamento desregrado com relação aos prazeres do sexo; breve é carta ou escrito papal, que encerra comunicação de alguma decisão. Portanto, breve contra a luxúria é a feiúra de saias, como se o papa decidisse, por escrito, que a lascívia fosse banida da esplanada brasileira.

Já que tratamos de assuntos rurais, um dos sinônimos de luxúria é cio, no sentido de apetite sexual, justamente aquilo que as vacas demonstram na roça mineira, conforme estejam no pasto do touro holandês, ou na inverdade em que são servidas pelo touro Gir. E as garças carrapateiras fazendo companhia ao rebanho bovino.

Chamadas carrapateiras, são aquelas garcinhas brancas que nos chegaram da África através do Nordeste: coisa curiosa, não comem carrapatos. Alimentam-se de insetos e outros bichinhos que vão surgindo quando o gado retouça os capins. Gosto muito do verbo retouçar, que entrou em nosso idioma em 1552 e tem diversos significados, entre os quais pastar, pascer. Pascer é mais antigo: data de 1188.

Sou do tempo dos tratores a gasolina (tive um muito econômico, porque vivia enguiçado) e dos tratores traçados pelas rodas traseiras. A moda, hoje, é o trator traçado que vai “a qualquer lugar”. Na roça mineira há lugares que assustam, como também há tratoristas que chegam lá. Só vendo para acreditar. Não capotam na subida porque o arado não deixa; descem agarrados pelo arado. Manda o bom senso que, arado e gradeado o morro, sejam feitas valetas em nível, com o auxílio dos bois de carro, para neutralizar os efeitos das primeiras chuvas até o capim tomar conta do terreno. O braquiarião continua mandando

na maioria dos pastos.

Novidade, para mim, foi a extinção dos latões de leite na esmagadora maioria das nossas roças. O leite é recolhido em caminhão-tanque, depois de 24 horas no tanque pré-resfriador da fazenda. Ainda existem caminhões transportando latões, mas não chegam a 5% do leite levado, gelado, para as cooperativas. Aqui e ali têm surgido fazendas produzindo 20 mil litros/dia, como também lhes contei de uma organizada para produzir 50 mil litros/dia.

Progresso recentíssimo em nossos campos, mas é coisa que dá para a gente acompanhar e entender, ao contrário da nanotecnologia, que já produz fios de nanocarbono, de diâmetro menor que o fio de cabelo, com a resistência do aço.

Sou do tempo dos tratores a gasolina (tive um muito econômico, porque vivia enguiçado) e dos tratores traçados pelas rodas traseiras

Para quê? Ora, para fazer o cabo de um elevador que transporte grandes cargas até ao limite da atmosfera terrestre. Vocês pensam que estou brincando? Estou não; vi na televisão. Com o megaelevador economizamos o combustível dos foguetes e a poluição. O mundo endoidou de vez. E o pior é que estamos todos no mesmo barco. ☒

ESPECIALISTA EM Plantio Direto



www.semeato.com



TC5070 NO PROGRAMA MAIS ALIMENTOS. A SUA GRANDE OPORTUNIDADE PARA ADQUIRIR A COLHEITADEIRA MAIS VENDIDA NO BRASIL.

Oportunidade igual a essa você não pode perder. Com o programa Mais Alimentos, a New Holland oferece condições superespeciais para você ter na sua lavoura uma TC5070, a preferida do produtor brasileiro. Isso significa mais eficiência e produtividade na hora da colheita. E tranquilidade para pagar.

CONDIÇÕES SUPERESPECIAIS:

- Até 10 anos para pagar
- Carência de até 3 anos
- Juros de 2% ao ano

VOCÊ FAZ MELHOR COM A NEW HOLLAND.